

# AGORA SOIS UM POVO

Reflexões sobre a  
Primeira Carta de Pedro

Ildo Perondi  
Fabrizio Zandonadi Catenassi  
(orgs.)



E-book | 2ª edição

**OKOS**  
EDITORA

## A IMAGEM DO BOM PASTOR

Os cristãos sempre se serviram das imagens para transmitir as mensagens evangélicas. As pinturas das catacumbas romanas são as primeiras e as maiores testemunhas dessa prática (ca. séc. II até séc. V). Mas, de que natureza eram as imagens pintadas nesses cemitérios subterrâneos? Para uma comunidade emergente, era fundamental que elas transmitissem, didaticamente, a fé que professavam. A linguagem simbólica favorecia a transmissão dessa mensagem e, por viverem sob a influência do mundo helênico, utilizavam representações visuais por vezes originárias do mundo pagão. Uma das mais difundidas é a do Bom Pastor, cuja proveniência é associada à figura de Hermes Crióforo, isto é, o “portador do cordeiro”, presente na estatuária grega do séc. VI a.C.

Na Bíblia, o Livro de Ezequiel (Ez 34,22-25), os Evangelhos de Lucas (Lc 15,4-7) e João (Jo 10) e a Primeira Carta de Pedro (1Pd 5,2-4) são alguns exemplos que mencionam a figura do Bom Pastor. Enquanto a profecia de Ezequiel apresenta o rei Davi como aquele que apascentará o rebanho, os textos neotestamentários citam o próprio Jesus como o Bom Pastor, pois, agora, é Ele que age em favor de suas ovelhas cuidando para que nenhuma se perca e, indo mais além, captura a que se desgarrou do rebanho. A Carta de Pedro acrescenta um dado relevante a essa representação: Jesus é o supremo pastor, não no sentido de alto grau de poder, mas de profundo valor de serviço.

Hilda Souto

**Agora sois um povo**  
**Reflexões sobre**  
**a Primeira Carta de Pedro**



**Ildo Perondi  
Fabrizio Zandonadi Catenassi  
(orgs.)**

**Agora sois um povo  
Reflexões sobre  
a Primeira Carta de Pedro**

**E-book  
2ª edição**



**São Leopoldo  
2023**

© Dos autores – 2023

Editoração: Oikos

Ilustração digital e projeto gráfico da capa: Hilda Souto

Revisão: Geraldo Korndörfer

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza M. Harres (Unisinós)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fernet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

A275 Agora sois um povo: reflexões sobre a Primeira Carta de Pedro. [E-book]. / Organizadores: Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi. – São Leopoldo: Oikos, 2023.

174 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5974-132-8

1. Bíblia – Crítica e interpretação. 2. Bíblia – Texto – Carta de Pedro. I. Perondi, Ildo. II. Catenassi, Fabrizio Zandonadi.

CDU 22.04

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

# Sumário

Apresentação .....	7
<i>Ildo Perondi</i>	
A Primeira Carta de Pedro .....	9
<i>Ildo Perondi</i>	
A obra salvadora de Deus e as ações humanas (1Pd 1,1-12) .....	17
<i>José Carlos Moraes</i>	
<i>Sandra Morais Ribeiro dos Santos</i>	
Renascidos para uma nova vida em Cristo (1Pd 1,13-21) .....	33
<i>José Carlos Moraes</i>	
<i>Sandra Morais Ribeiro dos Santos</i>	
A regeneração pela Palavra em 1Pd 1,22-2,3 .....	43
<i>Ildo Perondi</i>	
<i>Fabrizio Zandonadi Catenassi</i>	
O novo sacerdócio (1Pd 2,4-10) .....	53
<i>Caio Matheus Caldeira da Silva</i>	
Um encontro entre o sofrimento humano-social e o exemplo deixado por Jesus Cristo (1Pd 2,11-25) .....	63
<i>Marco Antonio Rosim</i>	
<i>Tiago Trevisan</i>	
Comportamento entre mulheres e maridos (1Pd 3,1-7) .....	73
<i>Maria de Fátima Boletti Vitaliano</i>	
Entre irmãos e irmãs: o comportamento para a vida fraterna (1Pd 3,8-12) .....	86
<i>Márcio José Pelinski</i>	

A perseguição: consequência da fidelidade a Cristo (1Pd 3,13-17).....	95
<i>Chaybom Antone Rufino</i>	
Romper com o pecado: convicção cristã para viver conforme a vontade de Deus (1Pd 4,1-6).....	106
<i>Osni Pavão dos Anjos</i>	
Descida de Cristo à mansão dos mortos: da esperança cristã ao artigo de fé .....	116
<i>João Henrique Santana</i>	
Comunidade da esperança: <i>parousia</i> , hospitalidade e confiança em Deus em meio ao sofrimento (1Pd 4,7-19) .....	130
<i>Cristiano Ritzmann</i> <i>José Carlos Krause Ferreira</i>	
Apascentai o rebanho de Deus (1Pd 5,1-14) .....	143
<i>Érica Daiane Mauri</i>	
Aproximações entre a Primeira Carta de Pedro, a Carta a Diogneto e a Didaqué .....	159
<i>Felipe Cosme Damião Sobrinho</i> <i>Vidal Valentin Cantero Zapattini</i>	
Referências .....	169

# Apresentação

Durante o segundo semestre de 2021, foi ministrada a disciplina sobre a Primeira Carta de Pedro no Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGT-PUCPR). E é desta disciplina e do trabalho dos/as estudantes que resultou o presente livro.

A Primeira Carta de Pedro pertence aos escritos de maior profundidade teológica no Novo Testamento. Apresenta fortes afinidades com a teologia de Paulo. A temática enfatiza a relação entre as comunidades cristãs e a sociedade, bem como os conflitos daí resultantes e exorta os cristãos a manterem viva a esperança e a fé em Jesus Cristo diante das perseguições e adversidades por viverem como estrangeiros e migrantes nas distantes regiões da Ásia.

Nesta Carta, o autor oferece consolo e encorajamento aos cristãos, que viviam em dificuldades sob o regime opressor do Império Romano, abarcado pela suposta *Pax Romana*, instituída pelo Imperador Augusto, pouco tempo antes do nascimento de Jesus Cristo.

A Primeira Carta de Pedro é um texto bíblico apropriado para ser lido e atualizado para a realidade de hoje por tantas comunidades, grupos marginalizados que sofrem em meio às opressões do sistema que nos governa. Em meio a tantos desafios, somos convidados também a dar o nosso testemunho cristão de fidelidade à mensagem anunciada por Jesus Cristo. Através da resiliência e perseverança é tão atual a recomendação da Carta: “mostrem a todos as razões da vossa esperança” (1Pd 3,15).

Curitiba (PR), 29 de junho de 2022  
Festa de São Pedro e São Paulo Apóstolos

*Prof. Ildo Perondi*



# A Primeira Carta de Pedro

Ildo Perondi<sup>1</sup>

## Introdução

No Novo Testamento, encontramos duas Cartas que têm sua autoria atribuídas ao apóstolo Pedro. A assim chamada “Primeira Carta de Pedro” é um texto curto de apenas cinco capítulos e 105 versículos. É uma Carta pastoral, que transmite ânimo e estímulo à vivência da mensagem de Jesus Cristo, que incentiva os cristãos a darem testemunho da sua fé pelo mundo afora onde vivem como peregrinos.

Ao longo da história, a Carta nem sempre recebeu o valor que deveria merecer, pois muitos comentadores bíblicos não viam nela algum tema doutrinal importante, a não ser a questão do sacerdócio real (2,4-10) e a pregação de Jesus Cristo aos mortos (3,19; 4,6). No entanto, ultimamente a Carta voltou a ser mais bem estudada e lhe foi devolvido o grande valor que possui. Descobre-se que ela reflete temas próximos aos Evangelhos, além de muitas influências de temas paulinos.

Percebe-se o seu caráter trinitário, o que pode ser visto já no início, quando afirma que os cristãos são eleitos mediante uma iniciativa gratuita de *Deus Pai*; são santificados pela ação do *Espírito* e exercem a obediência e são salvos mediante o sangue derra-

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Teologia pela Universidade Urbaniana de Roma. Docente na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

mado por *Jesus Cristo* (1,2). Chama a atenção como o autor estimula o relacionamento pessoal e comunitário com Deus e as abundantes referências aos nomes divinos: o Pai (Deus, Senhor, Pai, Criador, Pastor) aparece cerca de 50 vezes; Jesus Cristo (ou Cristo), 20 vezes; e o Espírito (Santo), 4 vezes.

## 1. Objetivo da Carta

O objetivo da Carta é animar os cristãos para que perseverem e sejam fiéis. Eles ainda são pequenos grupos que estão vivendo e dando testemunho da sua fé em Jesus Cristo num mundo que lhe é hostil. Os membros das comunidades são encorajados a se identificarem com Cristo que “sofreu por vós, deixando-vos exemplo, a fim de que sigais seus passos” (2,21). Eles não podem desanimar diante das provações que surgem (1,6), mas viver de forma nova “bendizando” (3,9), seguindo o que o apóstolo lhes recomenda “estando sempre prontos a dar a razão da vossa esperança”<sup>2</sup> (3,15), perseverando em meio aos sofrimentos (3,19-20); fazendo o bem (3,17; 4,19), praticando a caridade (4,8); vivendo o espírito das bem-aventuranças (3,14; 4,14).

O autor ressalta a salvação e a morte redentora de Jesus Cristo: “por suas feridas fostes curados” (2,24), recordando o sangue que foi derramado para a salvação (1,2.19) e pela ressurreição de Jesus Cristo nos gerou de novo para uma esperança viva (1,3).

A busca da salvação e a santidade deve ser a meta daqueles que já provaram que o Senhor é benigno e que agora são chamados a aproximar-se do Senhor (2,3-4), da mesma forma como em Ex 16,9. No Livro do Êxodo, o sacerdócio real era uma promessa “vós sereis para mim um reino de sacerdotes, nação santa” (Ex 19,6). Agora já é realização “vós, como pedras vivas, constituí-

---

<sup>2</sup> Todas as citações bíblicas utilizadas neste livro foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2004).

vos em um edifício espiritual, dedicai-vos a um sacerdócio santo” (2,5); “sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade” (2,9).

Um tema importante e que perpassa a Carta é o Batismo e as consequências desta adesão a Jesus Cristo daqueles que foram resgatados de uma vida fútil e nasceram para uma vida nova. Com certa razão, alguns biblistas afirmam que a Carta seria uma homilia para a liturgia batismal.

A Carta tem também uma preocupação com a moral social e familiar. Nota-se a preocupação com a boa convivência dos cristãos diante dos gentios (2,11-17; 3,13-22); dos servos em relação aos seus senhores (2,18-25). Mas também uma preocupação da boa convivência familiar: as mulheres (3,1-6); os maridos (3,7); todos devem viver como irmãos (3,8-12). É certo que estes conceitos serão melhor definidos em Ef 5,21-6,9. No tocante ao relacionamento com as autoridades (2,13-17), o texto está muito próximo a Rm 13,1-7.

Outro ponto que emerge na Carta é a organização dos ministérios, embora não muito bem elaborada, como nas Cartas de Paulo (Rm 12,4-8; 1Cor 12,4-11). Cada um deve comunicar segundo os dons que recebeu; há os que falam na comunidade e os que ministram (4,9-11). E são mencionados também “os anciãos (presbíteros) que estão entre vós” (5,1).

## 2. Autor

O autor desta Carta identifica-se já no início como sendo “Pedro, Apóstolo de Jesus Cristo” (1,1); denomina-se ‘copresbítero’ (5,1), o que pode ser entendido como “ancião dos anciãos” ou chefe dos anciãos, por ter sido o chefe dos Doze Apóstolos escolhidos por Jesus. E diz também que foi “testemunha dos sofrimentos de Cristo” (5,1). No final, ele informa que teve ajuda para escrever a Carta: “Por Silvano, que considero irmão fiel, vos escrevi em poucas palavras” (5,12). E informa também que junto

com ele está Marcos, a quem chama de “meu filho” (5,13). Este Marcos, seguramente, é o autor do segundo evangelho e companheiro de missão do Apóstolo Paulo e de Barnabé.

Ultimamente a crítica textual bíblica tem colocado algumas dúvidas se de fato foi o Apóstolo Pedro quem redigiu a mesma. Os argumentos mais utilizados para esta hipótese são: a) Poderia um pescador originário da Galileia redigir um texto em grego? b) As citações do Antigo Testamento são tiradas sempre da LXX (*Septuaginta*), isto é, do texto grego e não do texto hebraico como faziam os judeus de Israel. c) Certos problemas tratados parecem ser de uma época mais tardia (4,12s.). d) Havia um acordo que Paulo se dirigisse aos gentios e Pedro aos judeus (Gl 2,8), por que Pedro haveria de escrever a estas comunidades, a maioria delas fundadas por Paulo?

Mas, apesar de algumas resistências, Pedro continua sendo apontado como o autor da Carta, como bem mencionou no início. Pedro teve o auxílio dos seus colaboradores, que certamente redigiram o texto a pedido do Chefe dos Apóstolos e lhe atribuíram a autoria.

Há ainda outra hipótese daqueles que sugerem que a Carta tenha sido escrita em duas partes. A primeira parte (1,1-4,11) seria de autoria de Pedro e seus secretários e teria sido concluída com o “Amém” (4,11). A segunda parte (4,12-5,14) seria dos discípulos de Pedro que atribuíram a ele também este acréscimo. A referência ao “incêndio que lavra entre vós” (4,12) já seria uma menção às perseguições do final do I século, com o Imperador Domiciano. Pedro já estaria morto e teria dado testemunho = mártir (5,11). Porém, esta hipótese também não tem consenso entre os biblistas.

### 3. Local e data

A Carta parece ter sido escrita em Roma, a quem o autor denomina como “Babilônia” (5,13). O Livro do Apocalipse também designa assim a capital do Império (Ap 14,8; 16,19; 17,5,18;

18,2ss.). Sendo Pedro seu autor, a data deve ter sido antes de 64 ou 68, quando se situa o martírio de Pedro, segundo a tradição.

Como alguns biblistas argumentam que as perseguições aos cristãos somente se tornaram mais fortes com o Imperador Domiciano, sobretudo nos anos 95 e 96 d.C. (conforme relata o Livro do Apocalipse), então a Carta deveria ser datada desta época.

Porém, o tratamento dado às autoridades (2,13-17) não combina com esta hipótese. Uma leitura mais atenta da mesma indica que as provações e perseguições a que os cristãos devem resistir não são ainda aquelas impostas pelo estado, mas sim estas que provêm de um mundo hostil contra quem vive a mensagem de Cristo. Embora haja argumentos favoráveis para uma datação tardia da Carta, preferimos manter a posição mais tradicional e situá-la no tempo da vivência do Apóstolo Pedro, relacionando-a com os problemas que os cristãos enfrentavam neste período.

#### **4. Destinatários**

Logo no início já encontramos os destinatários da Carta. Ela foi endereçada “aos estrangeiros da Dispersão” (1,1), e são citadas cinco regiões geográficas: Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Estas comunidades se situam nas regiões onde o Apóstolo Paulo evangelizou. As sete Cartas do Apocalipse (Ap 2-3) também são dirigidas para comunidades próximas a estas regiões.

A “Dispersão” (ou Diáspora, como a chamam os judeus) era o termo para denominar os judeus que viviam fora da Terra Santa. Podemos supor que Pedro já entende o termo para os membros das comunidades cristãs que viviam espalhados pelo mundo afora vivendo como “estrangeiros e viajantes” (2,11). Eram ainda comunidades pequenas e frágeis, cujas pessoas, em sua maioria, eram provenientes do paganismo, pois o autor recorda sua situação anterior “as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância” (1,14); “fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais” (1,18); “no tempo passado tenhais realizado a vontade

dos gentios, levando uma vida de dissoluções, de cobiças, de embriaguez, de glotonarias, de bebedeiras e de idolatrias abomináveis” (4,3).

No entanto, é bem provável que nas comunidades houvesse também judeus-cristãos, já que o autor utiliza fontes das Sagradas Escrituras e faz referências ao Dilúvio, ao Êxodo e à Páscoa. Ele recorre aos profetas (1,10) e a personagens como Sara e Abraão (3,6), Noé (3,20), da mesma forma como utiliza muito as passagens do Antigo Testamento como se fossem textos bem conhecidos da comunidade; lembra que a Palavra do Senhor “permanece para sempre” (1,25); faz questão de recordar que “está escrito” (1,16), “nas Escrituras se lê” (2,6). Expressões assim só podiam ser escritas a quem conhecia as Escrituras. Portanto, a comunidade devia ser mista, constituída de judeus que abraçaram a mensagem de Jesus e de pagãos que foram convertidos ao cristianismo.

Quanto à condição social, também parece haver uma composição mista. Se há aqueles que podem acolher e hospedar os missionários em suas casas (4,9), encontramos também os pobres e criados (2,18), que parecem ser o grupo maior. Embora o autor recomende que estes devem ser sujeitos “com todo o respeito aos vossos senhores” (2,18), não é certo que estes “senhores” participassem das comunidades, pois não há nenhuma exortação a eles. Fala-se dos que são “jovens” e que devem sujeitar-se aos “anciãos” (5,5). As expressões podem indicar a idade, como também o tempo de participação na comunidade cristã. Por duas vezes, o autor se dirige aos destinatários, chamando-os de “amados” (2,11; 4,12).

## 5. Estrutura e divisão da Carta

- Prefácio e saudação (1,1-2)
- Ação de graças pela esperança da salvação (1,3-12)
- Exortação à santidade (1,13-2,10)
- O bom comportamento no meio dos gentios. Submissão às autoridades (2,11-17)

- Deveres dos servos cristãos (2,18-25)
- Os deveres das mulheres cristãs (3,1-6)
- O amor fraternal. A paciência segundo o exemplo de Cristo (3,7-22)
- O exemplo de Cristo deve produzir a fortidão e a pureza da vida (4,1-6)
- O fim está próximo (4,7-11)
- O sofrimento por Cristo é um privilégio glorioso (4,12-19)
- Os ministros devem servir de exemplos. A necessidade de humildade e vigilância (5,1-11)
- Exortação e saudação final. A bênção (5,12-14).

## 6. Hermenêutica Pastoral

Nossa realidade é marcada por uma formação social onde muitos são imigrantes que vieram de diversos países, mas também internamente somos quase todos migrantes. Assim esta Carta vem nos encorajar a vivermos a nossa fé e perseverarmos nestas “terras estranhas”. Somos todos peregrinos neste mundo em transição. As comunidades cristãs são o lugar onde nos sentimos “em casa”, onde nós somos acolhidos e onde vivemos o mandamento do amor.

O mundo moderno, por sua vez, com fantásticas descobertas e inovações, é também um mundo da provação. O ser humano atual é marcado pela fragmentação, pela solidão em meio às multidões; crises e doenças modernas atingem as pessoas. Este texto é como um bálsamo, um conforto para a perseverança e para alimentar a esperança.

Os cristãos hoje continuam sendo chamados a dar testemunho de uma vida nova, uma esperança viva (1,3). Hoje falamos muito de Jesus Cristo, mas não é suficiente, pois as palavras voam, mas são os exemplos que arrastam. Por isso, devemos estar “sempre prontos a dar as razões da nossa esperança a todo aquele que a pede” (3,15).

A Carta é também uma exortação àqueles que devem ter a preocupação com o pastoreio das ovelhas do rebanho de Cristo. Como é importante o olhar de compaixão para as ovelhas abandonadas e sem pastor (Mt 9,36) ou vítimas dos mercenários (Jo 10,8-10); neste sentido, continua o chamado: “apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer” (5,2). Os pastores não podem comportar-se como senhores dos seus membros, antes devem ser “modelos do rebanho” (5,3).

### **Conclusão**

A Primeira Carta de Pedro foi direcionada aos cristãos que viviam em pequenas comunidades nas regiões da Ásia e hoje ela chega até nós. Estamos em outra realidade, mas as exortações de Pedro continuam válidas, pois nos encorajam a viver e testemunhar a fé em Jesus Cristo. Também fomos chamados, e Jesus Cristo também sofreu por nós e nos deixou o seu exemplo para que sigamos suas pegadas (2,21-22). A mensagem desta Carta é edificante, atravessa os séculos e permanece para sempre!

É uma Carta que se lê com prazer, que anima a alma dos leitores e leitoras e que ajuda a fortalecer a fé. É um texto rico em espiritualidade e que está ligado aos temas mais caros da mensagem transmitida por Jesus Cristo: a salvação, a vivência fraterna como irmãos, o acolhimento e a hospitalidade, a busca da santidade, a vivência da moral cotidiana, a perseverança em meio às provações.

# A obra salvadora de Deus e as ações humanas (1Pd 1,1-12)

*José Carlos Moraes<sup>1</sup>*

*Sandra Morais Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>*

## **Introdução**

No início da Carta, o autor se apresenta e indica os seus destinatários já mencionando a nova vida que estão vivendo a partir da sua adesão à fé em Jesus Cristo, desejando-lhes a “graça e a paz”, expressão tão cara às primeiras comunidades cristãs.

Ainda que estejam vivendo em meio a provações, os membros das comunidades são chamados a viver na alegria e na esperança. É a fé que foi abraçada que lhes dá este ânimo novo na caminhada em vista da salvação em Jesus Cristo, pois ele também sofreu, mas pela sua fidelidade e perseverança alcançou as glórias prometidas.

## **1. Análise do texto**

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da Dispersão: do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo e participar da

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional Uninter.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e doutoranda em Teologia pela mesma instituição. Professora do curso de Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Internacional Uninter.

bênção da aspersão do seu sangue. Graça e paz vos sejam concedidas abundantemente! (1Pd 1,1-2).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da Dispersão: do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia [...]”. A Carta usa a forma antiga epistolar, encontrada em outros textos do Novo Testamento, sobretudo nas Cartas paulinas. Menciona-se o remetente, depois o destinatário e, na sequência, um desejo com função de saudação. A forma de saudação da Carta é comum nos escritos oficiais judaicos. Já no seu início é possível notar a ação divina capaz de levar o ser humano pecador ao arrependimento e à regeneração e, para além disto, a uma nova vida que advém justamente dessa experiência com o Cristo ressuscitado.

O autor se intitula imediatamente como Pedro (do aramaico *Kepa*, “rocha”). Não há outras apresentações, o que demonstra que este nome era conhecido mesmo nas províncias distantes citadas na sequência, ou seja, era distinto e causava efeito na igreja nascente. Um nome de honra, conferido pelo próprio Jesus. Interessa que esta autoafirmação ocorre somente neste ponto, mostrando sua autoridade, missão e autorização para a mensagem que se segue, visando ensinar, consolar e exortar as comunidades citadas. Ao nome segue-se o título de honra “apóstolo de Jesus Cristo”, uma referência ao seu apostolado e líder dos primeiros apóstolos (Mc 3,16; Gl 1,18) (BARLZ; SCHRAGE, 1978, p. 125; DALTON, 2011, p. 658).

Dirigida “aos eleitos” provenientes da “Diáspora” (1,1). As províncias citadas abrangem praticamente todas da então região romana chamada Ásia Menor<sup>3</sup>, distritos ou províncias do Impé-

---

<sup>3</sup> Naquele tempo, esses nomes regionais da Ásia Menor designavam províncias romanas maiores, todas surgidas entre 133 a.C. (Ásia) e 17 d.C. (Capadócia). Subentendendo-se que Pedro se ateve às designações oficiais romanas, os nomes citados abrangem quase todo o território da Ásia Menor. Somente Lícia, Panfília e Cilícia, no extremo sul, não foram citadas (HOLMER, 2008, p. 6). Esta região corresponde aproximadamente à soma da área dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul juntos (FELDMEIER, 2009, p. 6).

rio Romano. Tais comunidades cristãs foram constituídas em sua maior parte por gentios convertidos, o que é reforçado no decorrer do texto com a alusão a práticas pagãs (1,18) e a expressão de que antes de sua eleição em Cristo não eram povo de Deus (2,10) (BULL, 2009, p. 131).

Os destinatários, chamados de estrangeiros da dispersão<sup>4</sup>, indicam que eram estrangeiros visitantes, mas também estrangeiros residentes, como em 2,11. Eram considerados de uma classe social inferior e sem os direitos de cidadãos. Como estrangeiros estavam numa dispersão sem pátria, assim como Israel entre os povos. A dispersão (diáspora) refere-se originalmente aos judeus dispersos entre as nações e povos estranhos, no caso as províncias da Ásia. Entretanto, a Carta deixará claro que, mais do que uma região, a indicação de “estrangeiros” poderá ser entendida mais amplamente, e não somente presa a um significado geográfico.

O termo encontrado em 1Pd 1,1 é a tradução do grego *peredidemoi*, peregrinos, estrangeiros, forasteiros, pessoas em trânsito, que não possuíam direitos ou permanência no país. Este termo posteriormente é ampliado na Carta para *parekoi*, indicando estrangeiros residentes, mas que não tinham adquirido direito de residência no país. O autor se dirige aos seus leitores não apenas como estrangeiros residentes, mas como aqueles que estavam de passagem, migrantes e imigrantes numa pátria ou terra que não era sua (ALMEIDA, 2011, p. 1; DALTON, 2011, p. 658).

A igreja, formada então por judeus-cristãos e cristãos gentílicos, era ainda minoria na época, e enfrentou pouco tempo depois da escrita desta Carta uma dura realidade de perseguições e

---

<sup>4</sup> O termo dispersão (do grego diáspora) é utilizado com frequência na LXX (*Septuaginta*), designando os judeus que formavam uma minoria que vivia fora da Judeia e Galileia, em um contexto gentílico (HOLMER, 2008, p. 6). É um termo técnico para designar os judeus que viviam em grupos fora da Terra Santa nos tempos helenísticos (Dt 28,25), aplicado aos cristãos (Tg 1,1) e aqui às comunidades cristãs em grande parte gentílicas (DALTON, 2011, p. 658).

enganos doutrinários. Viveu a tensão de estar em um mundo que os desprezava – “estrangeiros eleitos” traz a ideia, segundo Schelkle (1981, p. 63), de uma tensão entre a história profana e a história salvífica, entre a pobreza e a riqueza, entre terra e céu, entre a vida presente e um futuro escatológico de esperança. Pedro retoma essa ideia em 2,1. Como acontece em outras situações, os atributos dos hebreus no Antigo Testamento, que também foram forasteiros na terra e eleitos pelo próprio Deus, agora são aplicados à Igreja no Novo Testamento, isso porque a igreja na nova aliança é o verdadeiro Israel (Gl 6,16).

No ponto de vista do que foi narrado no texto, estrangeiros, por estarem a caminho de sua verdadeira pátria, estavam de passagem por esta terra. A ideia do ser estrangeiro é trazida do Antigo Testamento, aquele que está numa pátria que não é sua, provisória, tal como o Israel em Êxodo, que foi também estrangeiro e conduzido para sua verdadeira terra, a Canaã terrestre. Por ora, os cristãos da diáspora possuíam uma cidadania terrena, mas sua verdadeira pátria os aguardava; ainda não alcançaram sua verdadeira meta – a Canaã celestial e, por isso, vivem provisoriamente como peregrinos.

O apóstolo Pedro os chama de eleitos no v. 2, num sentido escatológico através da graça divina, para uma nova aliança que implica a cooperação mútua do Pai, do Espírito e do Filho, a qual é relatada ao longo do texto. Há, segundo Dalton (2011, p. 658), um sentido trinitário deste versículo que depois é expandido no cap. 1 com outras características que resultarão em eleição, graça e paz. Designa uma separação para Deus que resulta numa exclusão da sociedade e sua ligação a Deus (FELDMEIERS, 2009, p. 58).

Há neste ponto (v. 2) três afirmações peculiares – a “presciência” de Deus, o Pai; a santificação por intermédio do Espírito; a obediência e aspersão com sangue de Jesus Cristo. Assim, a ação divina nos crentes é explicada pelo apóstolo de forma tríplice.

Inicialmente o apóstolo declara “[...] eleitos segundo a presciência de Deus Pai”. Esta afirmação pode trazer uma ideia equivocada de uma pré-eleição, o que é um engano. A ideia é de que Deus está na base da vida cristã, e com isso sublinha a liberdade da graça de Deus em eleger pessoas. Essa não é a ideia de presciência de Deus, mas de sua pré-eleição, conforme também cita Rm 8,29. Não é uma vontade cega e destituída de livre arbítrio, mas sim a ideia de uma eleição divina numa pré-graça disponível ao ser humano. (BALZ, SCHRAGE, 1978, p. 127).

Mesmo no Antigo Testamento a ideia de eleição não é desconhecida, e pode-se observar isso ao verificar que Israel se reconhece como povo eleito de Deus dentre as nações e de onde nasceria o Messias. Assim, o termo eleito ou escolhido não era obscuro para as primeiras comunidades eclesiais. Da mesma forma que o Israel terrestre, a igreja é composta por um povo eleito, entretanto escolhido não pela genealogia, mas sim pela eleição divina da graça ofertada. Um novo povo composto de pessoas de diferentes origens para compor uma nova comunidade de fé. Essa escolha tem seu fundamento na vontade divina, conforme Rm 9,1-5, o que não isenta o ser humano de usar a própria decisão e responsabilidade sobre sua escolha (Ef 1,4; Cl 3,12).

Assim, a igreja é o povo escolhido e santo de Deus (2,9), e a sua eleição é desde a eternidade (1,20), pois está conectada com a eterna eleição de Cristo, que é o seu fundamento (2,4). Por isso mesmo ela é única. Todavia, Pedro, no decorrer da Carta, irá discutir e deixará claro que o fato de ser escolhido e eleito em Cristo desde a fundação do mundo não implica salvação definitiva senão pela perseverança na fé (BALZ; SCHRAGE, 1978, p. 128).

A segunda afirmação refere-se à “santificação pelo Espírito”. A graça oferecida desde o início primordial se manifesta através da “santificação por meio do Espírito” divino, que atua no ser humano transformando-o paulatinamente, constantemente, numa obra redentora e transformadora que culminará na eternidade.

Portanto, a obra santificadora não é humana, mas operada pelo Espírito. Não pelo querer ou força da própria pessoa, mas sim pelo Espírito de Deus que intervém dando condições do ser humano viver neste mundo, dando-lhe condições de obedecer a Jesus Cristo. A meta de Deus é a santificação do ser humano e, por consequência, de toda a comunidade de fiéis.

O apóstolo retoma o projeto original de Deus no Antigo Testamento ao proclamar a terceira afirmação: “e participar da bênção da aspersão do seu sangue”. Não mais a Antiga Aliança mosaica, estabelecida no Sinai entre Deus e o povo de Israel. Pedro mostra um novo pacto, estabelecido com a Igreja através do sangue do verdadeiro Cordeiro de Deus. Refere-se à Nova Aliança, do sangue de Jesus Cristo no Calvário (Hb 9), o sangue do Filho de Deus derramado em favor dos que creem. Sangue capaz de expiar o pecado, de conceder uma nova vida através da regeneração. A morte salvadora de Jesus restaura o projeto de Deus para o ser humano. O “deixar-se aspergir” com o sangue de Cristo implica uma metáfora, indicando a aceitação e obediência do sacrifício salvador da morte de Jesus, e alude ao momento do batismo e que também remete a uma vida de santidade e esperança futuras (FELDMEIER, 2009, p. 58).

## **2. As consequências de uma nova vida em Cristo**

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para a esperança viva, para a herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós, os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação prestes a revelar-se no tempo do fim (1Pd 1,3-5).

Toda decisão tomada por alguém gerará uma consequência futura, e para os cristãos não foi diferente. Seguir a Cristo, visando a uma nova esperança de vida, tinha um preço muito alto a ser pago: o sangue. A igreja nascente passou por perseguições

atrozes, e muitos fiéis foram torturados e até morreram defendendo sua fé. Muitas vidas foram ceifadas ao longo do caminho. Os discípulos não tinham dimensão do que os aguardava, mas a perseguição veio. Assim como rejeitaram a Jesus, também rejeitaram seus discípulos, perseguindo-os. Foi então necessário incentivar estes cristãos de forma a terem esperança, a aguardarem pacientemente e com perseverança as bem-aventuranças preparadas para a vida vindoura através de um hino de louvor ao Pai do Senhor Jesus Cristo pela salvação futura “Louvado seja Deus” (v. 3) (FELDMEIER, 2009, p. 63).

Alegria no sofrimento? Sim, o apóstolo mostra que há essa possibilidade para um verdadeiro seguidor de Cristo. Ressalta a dignidade da vocação cristã e as consequentes responsabilidades oriundas de tamanho privilégio (1,3-25). Relata inicialmente aspectos importantes da salvação divina, uma “[...] salvação realizada pelo Pai, através do Filho, revelada pelo Espírito”, gerando um novo ser humano. Deus revela-se através de seu Filho Jesus Cristo, por quem faz todas as coisas, através de uma ação do Espírito na vida daqueles cristãos. E, assim, aquelas pessoas entram numa nova vida, com uma nova esperança, através da ação divina e da “viva e incorruptível Palavra de Deus” (DALTON, 2011, p. 658).

Com os olhos fixos nessa grande salvação é possível ao cristão enfrentar os sofrimentos da vida, confiando firmemente nas promessas de Deus, que é incapaz de mentir. A vida regenerada por Jesus Cristo precisa ser uma vida de esperança, com uma herança e salvação incomparáveis (ACHTEMEIER, 1996, p. 90). As palavras do apóstolo, entretanto, não se encontram sozinhas, pois antes a esperança aparece como sendo uma “esperança viva”, uma “herança incorruptível”, imaculada e inalterável e uma salvação pronta a ser revelada. Também é possível notar uma ação divina que provoca três ações divinas em prol dessa nova vida, da nova condição regenerada, a ressurreição de Jesus (v. 3), o poder de Deus (v. 4) e a ação em favor do pecador (v. 5).

A “esperança viva gerada pela Palavra de Deus” (v. 4) é um tema dominante na Carta. Seguir a Jesus implica perseverar com confiança na ressurreição futura, numa esperança escatológica de sua ressurreição e daqueles que o seguem, e por isso mesmo a morte não é um fim em si mesma, mas apenas uma etapa. Todas as pessoas estão fadadas a morrer, entretanto os cristãos deveriam expressar uma esperança viva, num Cristo vivo e ressurreto, que lhes garante vida eterna junto a ele.

As palavras de Pedro têm imensurável autoridade, pois caminhou com Jesus e presenciou toda a beleza do seu ministério nesta terra – milagres inumeráveis, transformação da água em vinho, a ressurreição de Lázaro, a transfiguração, etc. Porém, mais do que tudo, viu o Cristo ressurreto. Tocou, comeu e bebeu com ele (At 10,41). Não há como colocar seu testemunho à prova. Sem dúvida, a ressurreição de Cristo é um dogma basilar da fé cristã. (KISTEMAKER, 2006, p. 55-64).

Uma vida com Cristo implica, portanto, novidade, em boas novas. Há um contraste aparente, uma clara comparação entre uma velha vida sem esperança, em sua herança corruptível e sem salvação, com a bênção de uma nova vida de esperança, com uma nova herança incorruptível e com a salvação eterna, garantida pelo ressurreto. Diferente de todas as heranças terrestres, a herança celestial não perecerá jamais, é imperecível, reservada para todos os que perseverarem na fé salvadora, indicando uma fé escatológica. Esperança e herança numa pátria nos céus, transcendente, e não meramente transitória, como a terrestre (DALTON, 2011, p. 658; FELDMIEIER, 2009, p. 76).

No entanto, o apóstolo alerta que esta nova vida de bênção corre perigo de ser perdida, pois a condição clara de se manter na nova vida é permanecer. A perseverança é a chave. Nota-se que perigo e promessa andam juntos, e no decorrer da Carta é discutido como levar a cabo esse propósito de continuar. Os cristãos são sustentados pelo poder de Deus, protegidos e guiados por Ele, e,

por conta disso, são capazes de levar a cabo esse novo modo de viver mesmo em face das piores situações, até que chegue a total consumação futura, a revelação da salvação de Deus.

Uma clara dicotomia: o perigo de perder a bênção da salvação e voltar à velha vida ou confiar na promessa, manter-se firme na bênção e numa nova realidade de vida, confiando nas palavras daquele que nunca mente. Estes conceitos inter-relacionam por toda a Carta e tornam-se imprescindíveis, norteando dicas do viver cristão e a concretização da mensagem que o autor pretende transmitir.

Por fim, há referências claras àquilo a que precisam se apegar: a ressurreição de Cristo, e o que advém deste fato – o poder de Deus para viver a vida cristã no presente, até que possam ter sua salvação consumada no futuro escatológico. Um poder no presente, um júbilo no futuro. Esta é uma esperança viva, que creram pela fé na pregação da Palavra de Deus (ACHTEMAIER, 1996, p. 90).

### **3. Tribulação no presente e esperança da salvação futura**

Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, por algum tempo, sejais contristados por diversas provações, a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, cuja genuidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória e honra por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. A ele, embora não o tenhais visto, amais; nele, apesar de não o terdes visto, mas crendo, vos rejubilais com alegria inefável e gloriosa, pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas (1Pd 1,6-9).

Interessa observar que o relato neste ponto é deslocado dos resultados futuros da perseverança na fé para o presente dos destinatários. O ato misericordioso de Deus, ao gerar uma nova vida em Cristo, com uma esperança viva, uma herança incorruptível e uma salvação certa, traz àqueles cristãos a fé necessária para enfrentarem o seu presente de provações e perseguições. A esperança no Cristo ressurreto precisa mover as ações no presente dos fiéis.

Observa-se que toda a Carta possui cinco capítulos, e, em quatro destes capítulos, o assunto é justamente a perseguição. Os primeiros cristãos viviam no ambiente de dominação mundial, constituído pelo Império Romano. Como estrangeiros da dispersão, após a queda de Jerusalém, passaram a viver em diversos lugares do Império, em países estranhos e terras que não lhes pertenciam, sem direito à cidadania (ALMEIDA, 2011, p. 1). Quem quer que fosse, se aceitasse os princípios do cristianismo, aprenderia rapidamente que sofrimento e violação dos direitos fariam parte do seu cotidiano. Tais tribulações deveriam ser enfrentadas com fé em Jesus, e com a certeza do resgate final, destinado a todos os que caminharam e seguiram os caminhos direitos, em nome do Cristo Salvador.

A perseguição era implacável. Nero foi um dos imperadores perseguidores dos cristãos e governou de 54 a 68 d.C., incendiou parte da cidade de Roma em julho de 64 d.C., colocando a culpa nos cristãos. Capturados, os fiéis tinham seus corpos incendiados. Com certeza este é um fator que punha a fé de qualquer pessoa à prova.

Jesus sempre mencionou que os seus passariam por tribulações e muitos seriam levados à presença de autoridades para testemunharem o Evangelho: “E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações” (Mt 10,18) (KISTEMAKER, 2006, p. 64-73).

A concepção inicial de cristãos dispersos, estrangeiros, é ampliada e colocada numa perspectiva mais ampla, de pessoas que não se adaptavam mais àquela sociedade em que estavam vivendo, pois adquiriram novos valores, do Reino de Deus. Valores estes de uma nova vida que culminaria na salvação futura. Estavam passando por provações e perseguições no presente (vv. 6-7), mas, pelo ato de Deus em enviar Jesus Cristo no passado (v. 8), teriam um futuro glorioso na salvação futura e completa de suas

almas (vv. 7-9) e, por isso, deveriam se alegrar mesmo diante dos mais atrozes sofrimentos.

A ideia de alegria em meio a sofrimentos não é apresentada somente por Pedro em seu texto, mas em outras partes do Novo Testamento (Rm 5,5; Hb 10,32-36; Tg 1,2; etc.). A mensagem mostra uma nova atitude diante de uma realidade infeliz e desoladora. A ideia do autor seria que este tempo de sofrimento presente seria um curto espaço de tempo em relação à eternidade, e nem se compararia com a promessa de redenção futura. Mostra que mesmo tais circunstâncias difíceis não estão fora do controle e soberania divina, pois Deus resgataria aqueles que permanecessem constantes na fé, e dá como garantia o próprio Cristo.

Os crentes deveriam identificar-se com seu Senhor também no sofrimento. Tal qual o ouro é purificado pelo fogo, assim a fé e o caráter de um cristão verdadeiro são purificados ao passar por circunstâncias adversas. Sua vida passa a resplandecer a glória de Cristo. O processo do refino do ouro era algo comum no Império Romano, pois o fogo tem a função de limpar as impurezas do metal e o torna mais bonito e brilhante. Pedro mostra que, da mesma forma, as aflições são utilizadas para purificar o cristão para então servi-lo. A ideia é de que a pureza, a santidade e a confiança da pessoa podem ser testadas pela adversidade, e, quando aprovado, seu caráter estaria aperfeiçoado, sua fé resplandecente tal qual um metal precioso, purificado e forjado na fornalha da angústia.

Essa noção de fé testada aparece em diversas outras partes do Novo Testamento, como em Tg 5,10. O próprio apóstolo Pedro retoma essa questão no capítulo 2 de sua Carta: “Com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo a fim de que sigais seus passos” (2,21).

Como resultado tem-se uma fé imperecível, forte, de grande valor. Três atributos são então dados a essa fé forjada no sofrimento: louvor, glória e honra, os quais pertencem ao próprio Deus,

e que são também atributos escatológicos. Por isso, as provações presentes podem ser saudadas com alegria, pois produzem frutos eternos naqueles que passam pela provação, e necessários, já que essa é a fé e tipo de caráter provado que Deus acha aceitável. O sofrimento atual e momentâneo produzirá uma glória futura e uma fé incorruptível em Cristo (ACHTEMEIER, 1996, p. 101).

#### **4. A salvação em Cristo revelada aos profetas**

A respeito dessa salvação investigaram e pesquisaram os profetas que profetizaram a respeito da graça que vos era destinada, procurando saber a que tempo e a que circunstâncias se referia o Espírito de Cristo, que estava neles, ao prenunciar os sofrimentos que haviam de sobrevir a Cristo e as glórias que viriam após. A eles foi revelado que não para si mesmos, mas para vós, administravam essa mensagem, que agora vos anunciam aqueles que vos pregam o Evangelho, no Espírito Santo enviado do céu, e ao qual os anjos desejam ardentemente perscrutar (1Pd 1,10-12).

A salvação mencionada teve ênfase na geração de resultados na vida dos novos cristãos, gerando uma nova vida, esperança e herança futuras (vv. 3-5). O autor também enfatizou que esta salvação trouxe consigo resultados presentes, de alegria diante de situações improváveis, com o sofrimento e as aflições (vv. 6-9).

Entretanto, esta salvação faz parte de um processo histórico, advinda dos profetas no Antigo Testamento. Os próximos três versículos (vv. 10-12) enfatizam a salvação olhando para o passado, para os profetas, dos quais os rudimentos destes ensinamentos foram dados através do Espírito do Senhor, o qual outorgava justiça e coragem aos profetas do passado. O Antigo Testamento é lido como uma profecia da manifestação do messias, de Jesus Cristo. Pedro refere-se principalmente aos textos do profeta Isaías.

Outrora denominado Espírito do Senhor no Antigo Testamento, agora no Novo Testamento é denominado como Espírito de Cristo, e estava atuando na vida daqueles crentes concedendo-

lhes poder para viverem a vida cristã de modo agradável a Deus e para enfrentarem os desafios impostos pela sua fé, tais quais o sofrimento. O mesmo Espírito atuante nos profetas atuava também na vida daqueles crentes a fim de fortalecê-los. Assim, os leitores da Carta são confortados pela certeza da sua salvação, que está nas mãos de Deus, pois faz claramente parte de um plano divino que foi definido há muito tempo e que estava se cumprindo nas suas vidas e na história (ACHTEMEIER, 1996, p. 105; FELDMEIER, 2009, p. 88).

O Espírito responsável pelas mensagens proféticas tornou-se também atuante na vida daqueles indivíduos a fim de proclamar a salvação. Não qualquer salvação, mas sim a salvação gloriosa por parte de Deus em Jesus Cristo, como uma grande misericórdia do Pai, que possibilitou a todos os fiéis o novo nascimento, uma herança de promessa imutável, que não se desfaz, promessa pré-servida no céu para todos aqueles que crerem, por meio da fé. Antes desta promessa, todos eram submetidos a provações, mas, após a ressurreição de Jesus, a fé foi submetida e teve qualidade para se manter mais valiosa que ouro mais puro (KELLY, 1982, p. 58-64).

Os profetas do Antigo Testamento falaram a respeito desta graça imerecida, uma salvação inigualável que seria ofertada gratuitamente a todas as pessoas, uma graça consistente e imerecida. Muitos questionaram-se sobre o tempo e as circunstâncias em que tais coisas ocorreriam, quando o messias viria e quais as glórias que se seguiriam a este glorioso evento. Estes profetas creram além do seu tempo, pois não tiveram oportunidade de conhecer o Cristo pessoalmente, entretanto continuaram a crer com alegria na sua vinda. Com o advento de Cristo, seus sofrimentos, morte e ressurreição revelados nos Evangelhos, a salvação tornou-se a mensagem principal do Novo Testamento que deveria ser proclamada a todas as pessoas em todos os tempos e lugares. Desta forma, esta consciência de que a salvação prometida está ao al-

cance de todos os que aceitam a Cristo é uma demonstração sólida, que a felicidade é superior aos problemas que todos passam em suas vidas; é por este motivo que Pedro abre a Carta com ação de graças, zelando pelo bem-estar das pessoas a quem dirige a oração.

A periodização dos elementos da discussão, como a esperança, a fé e a salvação, traz consigo um clímax de esperança presente e libertação futura. O autor traz para o texto elementos escatológicos como os seres angelicais, numa perspectiva e linguagem apocalíptica muito comum neste período da era cristã, e que reflete grande parte da literatura neotestamentária. Cita que os próprios anjos celestes gostariam de ver o que foi destinado aos crentes.

Revelação aqui está ligada à ideia do clímax da história, precedido por sofrimento, inclusive do próprio Jesus Cristo, mas que culminará num julgamento futuro. O destino é Cristo, a graça da salvação é dele, seu poder se fez presente continuamente aperfeiçoando os crentes, iluminando o presente e o futuro através da fé. A graça implica a inclusão de todos na comunidade de fé, a salvação é estendida a judeus e não judeus, todos participantes dos mesmos sofrimentos, da mesma graça, da mesma estrada em direção a Cristo. “As realidades escatológicas são inauguradas na igreja, através da fé” (DALTON, 2011, p. 658).

A referência aos profetas do Antigo Testamento na busca do entendimento de uma graça que se manifestou nas comunidades do Novo Testamento, graça através de Jesus Cristo, dando continuidade ao propósito divino de redenção, a uma unidade daqueles que têm plena certeza pela fé na salvação anunciada e cumprida em Cristo. Isso nos dá ideia de uma continuidade entre os profetas e os evangelhos, de um Cristo preexistente no Antigo Testamento, que se fez humano nos Evangelhos, o messias encarnando e vivendo entre os pecadores, sua paixão, morte e ressurreição, e que irá voltar gloriosamente, e da unidade de um só povo de Deus, aqueles que creem no Cristo ressurreto.

Os profetas do Antigo Testamento perceberam, investigaram, buscaram compreender, entretanto a revelação se deu num tempo histórico determinado, a plenitude dos tempos, o tempo da graça de Deus, do favor imerecido de Deus para com os seres humanos, proclamado pelo poder e capacitação do Espírito de Cristo por aqueles que ele determinar. Os anjos aqui são citados como tendo fascínio e não inveja. Fascínio pela honra e grandeza de tal missão ser dada aos seres humanos.

Tal como o Espírito do Senhor informou a mensagem aos profetas, o Espírito de Cristo impulsiona os apóstolos e cristãos à pregação das boas novas de salvação. Esta unidade entre o Antigo e o Novo Testamentos é relatada por Pedro como a mensagem evangelística sendo o cumprimento da mensagem profética. Uma nova esperança, impulsionada pela salvação em Cristo, capaz de moldar a vida de quem atende às admoestações éticas que serão dadas no decorrer da Carta, decorrentes de um viver santo e condizente com esta nova realidade (ACHTEMEIER, 1996, p. 112-113).

### **Considerações finais**

Pedro escreve aos cristãos da diáspora, espalhados no Império Romano, chamados de dispersos e estrangeiros, numa referência aos cristãos que viviam como minoria nas localidades onde se encontravam. Estavam passando por inúmeras situações adversas, sofrimentos e perseguições, e até mesmo pelo martírio em virtude da nova fé. Em meio a tantas perseguições, são chamados de eleitos de Deus e desafiados a manterem viva a sua esperança na ressurreição de Cristo mesmo em meio à provação, pois haveria uma recompensa através da glória futura que os aguardava.

Nota-se neste primeiro momento como o apóstolo Pedro inicia seus discursos buscando justamente motivar a esperança, a fé, e principalmente a perseverança. O apóstolo faz uma alu-

são a uma esperança viva, firmada na ressurreição de Cristo, na palavra dos profetas e no poder do Espírito de Cristo. Os fiéis deveriam zelar pela sua salvação, perseverando mesmo diante das dificuldades, chamadas pelo apóstolo de momentâneas, pois elas produziriam neles uma fé forte e um caráter aprovado. Apesar de todos os reveses e tribulações, podiam estar certos de que a fé purificada lhes renderia peso de glória, tal qual o ouro purificado seria de grande valor.

# Renascidos para uma nova vida em Cristo (1Pd 1,13-21)

*José Carlos Moraes<sup>1</sup>*

*Sandra Morais Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>*

## Introdução

Os membros das comunidades que aderiram à fé em Jesus Cristo possuem um marco referencial que delimita a sua vida. É um antes e um depois. A aceitação da fé e o batismo recebido proporcionaram um novo nascimento, foram gerados para uma nova vida. Se antes a vida era marcada pelos valores do mundo e sem sentido, agora são chamados a viver na santidade, e isso lhes confere uma vida nova em Cristo que os faz viver com esperança.

## 1. Análise do texto

Por isso, com prontidão de espírito, sede sóbrios e ponde toda a vossa esperança na graça que vos será trazida por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. Como filhos obedientes, não consentais em modelar a vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância. Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito: *Sede santos, porque eu sou santo* (1Pd 1,13-16).

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional Uninter.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e doutoranda em Teologia pela mesma instituição. Professora do curso de Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Internacional Uninter.

Uma grande salvação, uma fé provada e uma esperança viva precisam refletir um novo modo de viver. O apóstolo neste ponto apela para a autocompreensão dos fiéis. Nos versos anteriores, apresenta a batalha de todos os crentes em passar por situações de sofrimento, e apresenta a necessidade de serem fortalecidos na alegria da esperança da salvação. A partir desta perspectiva começa a conclamar a todos para uma nova vida de santidade. Deus espera do crente uma nova conduta, novos valores e princípios que deverão reger suas ações espelhando os valores e princípios do Reino de Deus: justiça, amor, bondade, fidelidade, mansidão, entre outros.

Andar em retidão naquela época, diante de tantas injustiças sociais, pobreza e violência, não era tarefa fácil. Muitos se rebelavam contra o Império Romano, e, assim, tribunais eram formados os quais julgavam os desobedientes do sistema dominante. As palavras do apóstolo incitam toda a comunidade de fiéis a se manterem firmes na fé; afinal, o novo Reino está por chegar e este sofrimento é muito breve nesta terra. Embora parecesse uma utopia a pregação da mensagem de Jesus, as pessoas eram convencidas de que uma nova vida em Cristo chegaria após a morte.

No Antigo Testamento, os profetas sempre buscaram a revelação de Deus, a fim de que tivessem subsídios teológicos para orientarem o povo de Deus. Mas e agora no Novo Testamento? Observa-se que os leitores desta Carta necessitam de orientação também na questão em aspectos relacionados ao seu viver nesta terra. A orientação do apóstolo foi de que, ao receber o dom da salvação, ninguém desperdiçasse este magnífico tesouro; afinal, tornaram-se filhos de Deus, e se espera que façam a vontade do Pai celestial em todo seu modo de viver. Foram regenerados pela Palavra da vida. Receberam uma nova oportunidade, renasceram para Deus através do Espírito de Cristo, o que deveria ser refletido numa nova forma de viver (FELDMEIER, 2009, p. 91).

A caminhada cristã exigiria daqueles indivíduos não somente a fé, mas também o preparo da mente e a determinação para não desistir diante dos inúmeros empecilhos e desafios, da perseguição e do medo que lhes eram impostos. E, mesmo diante de tantas dificuldades, deveriam ficar firmes em sua consciência, alicerçados numa fé inabalável, demonstrando estarem aptos a esta trajetória como legítimos discípulos do Mestre (KISTEMAKER, 2006, p. 81-88).

Neste ponto, a esperança do regresso de Cristo é apresentada como um fator decisivo de motivação para que os crentes perseverassem e seguissem os preceitos da vida em santidade; afinal, quem tem o foco em Jesus tem sua vida santificada, sendo um quesito principal para a obtenção da salvação. Os filhos são obedientes, como é destacado no texto bíblico, diferentemente dos não cristãos que são chamados nas Escrituras de filhos da desobediência, por não darem ouvidos à mensagem da graça de Deus (Ef 2,2).

Desta forma, ser um cristão regenerado significa ter uma nova vida, com novos objetivos. A vida daquelas pessoas não poderia mais ser regida pelo padrão de vida vigente naquela sociedade (v. 14). Como filhos obedientes, deveriam viver de forma a agradar ao Pai celeste, vivendo em temor diante de Deus, o juiz (v. 17). Tal fato consiste em ter o poder e desejo para desfrutar das benesses da justiça, elementos estes que se constituem nos alicerces cristãos da vida em santidade. Ou seja: separar-se do mal. Esta é a marca do próprio Deus impregnada naqueles que creem: a santidade. Por isso, o convite: “Sede santos, como eu sou santo” (v. 12).

Surge um novo ser humano regenerado pelo sangue de Jesus Cristo, que busca viver uma vida de fé em Jesus apartando-se do pecado, e que firma seus valores vivenciais nos valores e princípios do Reino de Deus, tão bem descritos por Jesus no Sermão da Montanha: “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5,48). Mas este chamado à santidade en-

contra obstáculos; afinal, os cristãos ainda vivem neste mundo, e por conta disso essa santidade precisa ser buscada constantemente, dia após dia, com a ajuda e poder do Espírito de Cristo. Ele é o alicerce do crente para conseguir viver esta vida de santidade exigida por Deus (MACARTHUR, 2004, p. 87-95).

A busca da santidade requer do cristão uma caminhada exemplar após receber Jesus, por toda trajetória de vida. Pedro orientou a todos em como proceder; afinal, em Atos 1,10-12, está mais um fator que apresenta uma compreensão histórica do que Deus fez para o povo escolhido, um acontecimento que fortalece a fé dos cristãos, a promessa viva e presente, entendível a todo aquele que crê.

Os cristãos precisam esperar inteiramente na graça, o que não implica somente uma ação transcendental ou espiritual, mas um engajamento contínuo, um comprometimento para um novo viver desapegado das atitudes antigas e contrárias ao Evangelho. Buscar uma entrega integral diante de Cristo, completa: corpo, alma e espírito em louvor a Deus. Esse comprometimento conduz o cristão a praticar a santidade em sua vida; fundamentada com a morte de Cristo na cruz do Calvário, e seu sangue derramado para resgate de muitos. Tudo se faz novo. A salvação obtida pelo crente é um presente e necessita de entendimento por parte daquele que a recebe.

Pedro exorta a comunidade a ser sóbria e vigilante. Em Lc 12,35-40 pode-se ver Jesus Cristo também alertando seus discípulos quanto a esta questão. Ser vigilante e sensato. Desligar-se de coisas ruins do passado, abandonando a vida de paixões e apartar-se do mal. Tornar-se santo para as pessoas, demonstra um aspecto moral; trata-se de um entendimento natural no cristianismo; os crentes “santos” têm uma posição de destaque diante de Deus, uma “santidade adquirida” espontânea através da graça salvadora de Cristo (MUELLER *apud* LOPES, 2012, p. 96-102).

Ser uma pessoa santa é praticar a santidade diariamente. Jesus chamou a muitos, estes se tornaram cristãos, necessitam da absorção dos valores morais, estarem comprometidos com o caráter de Deus, caráter expresso anteriormente, por meio dos Dez Mandamentos (Ex 20,1-17 e Dt 5,1-22). Neste tempo, ao viver o pacto com Deus, Israel teria caminhos distintos diante do mundo que se apresentava a estes; afinal, Deus relatou em Is 55,8 que os pensamentos do povo não seriam os mesmos pensamentos de Deus, uma confirmação da necessidade de identificar pessoas mediante o caráter divino. Trata-se de uma confirmação presente no Novo Testamento, afirmada por Pedro no v. 15, sejam santos e obedientes a Deus, tenham um comportamento e caráter exemplares, perdoem-se e amem-se uns aos outros, pois é através destas ações, de bons frutos, que o caráter de Cristo é revelado da vida do cristão para o mundo (JOBES, 2005, p. 148-149).

## 2. Uma nova vida na esperança

Há uma relação exemplificada na Carta sobre o comportamento social, mostrando o antes de aceitar a Cristo e o depois de aceitar a Cristo, conforme quadro a seguir:

**Quadro 1:** Comparação entre os estados dos cristãos citados por Pedro na sua primeira Carta

<b>Antes</b>	<b>Depois</b>
Ignorância de Deus	Conhecem a Cristo
Não são filhos de Deus	São filhos de Deus
Controlados pelos próprios desejos	Obedientes a Deus
Vida fútil	Vida de santidade
Aceitos pela sociedade	Incompreendidos pela sociedade

Fonte: Adaptado de Jobes (2005, p. 150).

Convida-se a viver de forma diferente e abandonar o velho ser humano e sua antiga conduta, conquistando sua nova identidade em Cristo. Em Cristo já não há mais judeu ou grego, senhor ou escravo, homem ou mulher (Gl 3,28c), mas Cristo é tudo em todos, através do seu Espírito (JOBES, 2005, p. 150).

Enquanto aguardam a promessa do futuro escatológico e da sua plena redenção e completude, é necessária esperança. Este futuro se concretizará em certo momento com plenitude; por isso, deve-se esperar com maturidade e racionalidade. Esperança é uma graça que se recebe, um presente presumível que se obtém, devido a um fundamento basilar da existência cristã, alicerçada em Jesus Cristo. Como esta expectativa surgirá a qualquer momento, é necessário estar preparado constantemente e ser vigilante o tempo todo. Andar como o servo vigilante (Lc 12,35-40), caminhando como forasteiros nesta terra, obedientes, como filhos amados de Deus, comprometidos com os valores do seu Reino (MUELLER, 1988, p. 98-100).

A esperança na graça é plena quando Jesus Cristo se revela numa pessoa. Seu Espírito é o agente desta transformação na vida daquele que crer. Como filhos obedientes, não devem satisfazer os desejos da ignorância; afinal, ser santo é uma virtude herdada da natureza divina. Devem caminhar com segurança pelo trajeto determinado, cuidando com as coisas que encontram e não se deixando ludibriar pelos desejos aparentes e perecíveis deste mundo.

Tal qual o sangue de Cristo, o crente deveria ser imaculado. O autor exorta a todos na questão da obediência; por isso, afirma: “Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo” (1,3), que nos deu novo nascimento, por meio da sua misericórdia, na ressurreição de Jesus, e na herança que não perece, sendo imaculada pela morte e ressurreição do Cordeiro.

Estes cristãos tratados na Carta constituem um novo povo, receberam nova identidade, depositando plena confiança de que

Jesus Cristo foi revelado, é santo, ama a estes com sinceridade, deseja que tenham uma vida nutrida com um alimento saudável que se constitui na Santa Palavra de Deus (JOBES, 2005, p. 151-153).

### **3. Comprometimento com uma nova vida em Cristo**

E se chamais Pai aquele que com imparcialidade julga a cada um de acordo com suas obras, comportai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio. Pois sabeis que não foi com coisas precípuas, isto é, com prata ou com ouro, que fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais, mas por sangue precioso, como de cordeiro sem defeitos e sem mácula Cristo, conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado, no fim dos tempos, por causa de vós. Por ele, vós crestes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a glória, de modo que a vossa fé e a vossa esperança estivessem postas em Deus (1Pd 1,17-21).

A partir destes versos, o texto passa para uma etapa de exortações práticas, compostas por ordens e orientações que visam principalmente ao viver prático cristão. A preocupação principal do autor é de que os cristãos resplandeçam a fé que apregoam através de suas vidas.

O apóstolo é enfático nas suas palavras: se alguém alega ter Deus como Pai, precisa viver de modo digno dessa filiação (1,17). Todo discípulo de Jesus sabe quão difícil é viver uma vida reta e íntegra todo o tempo, principalmente em situações adversas e de sofrimento. Mas a exigência à santidade é categórica, não há opção: “Sede santos, porque eu sou santo” (1,16). Este mandamento tem sua origem no refrão do código de Santidade no livro de Levítico (Lv 17-20), e ecoa em todo o Novo Testamento nas palavras de Jesus e dos apóstolos. Pedro deixa claro que a santidade é uma característica que deve ser notória naqueles que se dizem filhos de Deus, expressada na vida prática através de atitudes condizentes com filhos e filhas do Pai Celestial.

Em toda a Escritura, a santidade é ressaltada, isso porque a natureza do próprio Deus é a santidade, o que provoca o temor

reverencial naqueles que dele se aproximam e expõem suas fraquezas e falhas. É, pois, uma motivação a um comportamento ético com Deus, o qual deve refletir na sua forma pública de agir. O Antigo Testamento é rico em citações neste sentido, onde é possível observar os profetas conclamando o povo de Deus a um viver santo, distinto das nações que os rodeavam. Comumente eram chamados a “voltarem-se para Deus”, como, por exemplo, em Jr 3,12; Os 6,1; Is 31,6, entre outras passagens. Semelhantemente, Pedro exorta a comunidade de novos cristãos a viverem uma vida impecável, seguindo o modelo de Jesus, o cordeiro imaculado de Deus.

Este é o padrão exigido para os cristãos. A santidade que define a essência de Deus também precisa estar presente no seu povo. A vinda de Jesus, sua vida, morte e ressurreição são a garantia da esperança cristã, e não somente uma esperança comum, mas sim uma esperança viva, isto é, a certeza absoluta da redenção divina. A morte e ressurreição tornam-se neste sentido um motor impulsionador do cristão gerando fé e esperança. Essa é a motivação para o viver cristão em santidade (ACHTEMEIER,1996, p. 113).

Em poucas palavras, Pedro reflete a obra salvífica de Deus através da vida, morte e ressurreição de Jesus, capaz de resgatar a humanidade, e dar esperança àqueles que estão exilados numa terra estrangeira. A esperança inicialmente ligada à salvação em Cristo tem poder também para regenerar através da graça e transformar vidas. Olha para o passado, para colocar esperança no futuro e dar condições a seus ouvintes de viverem com fé e santidade no seu presente.

Vidas de esperança são sagradas, santas, e precisam expressar de forma apropriada o preço do resgate pago, ou seja, o sangue imaculado do Filho de Deus. A ideia de Pedro é justamente do resgate pela libertação de um prisioneiro ou o valor pago pela liberdade de um escravo, numa atitude divina de gratuidade, solidariedade e compaixão por um povo infiel e não merecedor de

tamanho presente (ACHTEMEIER, 1996, p. 114; COTHENET, 1984, p. 17-20).

O apóstolo salienta a diferença da nova realidade: Jesus Cristo, um cordeiro imaculado, através de um sacrifício imperecível comprou para si um povo para ser santo, para habitar o seu reino. Mas assim como a antiga aliança deveria ter sido cumprida com responsabilidade pelo povo de Israel, a nova Aliança gerada a partir do Cristo ressuscitado é muito mais valiosa e traz responsabilidades eternas. Um comprometimento com o próprio Filho de Deus. A comunidade cristã é composta por redimidos, que estão em exílio numa terra estranha, o mundo. E é justamente nessa pátria provisória que precisam expressar a graça divina, torná-la realidade no seu viver diário, vivendo de forma condizente a este notório chamado, cheios de uma esperança que se torna realidade na maneira como conduzem suas vidas.

A santificação operada pelo Espírito de Cristo, que efetuou a eleição divina, deve agora se tornar realidade na maneira de viver de cada indivíduo e da comunidade, no meio do mundo presente. A graça traz, portanto, consigo também responsabilidades implícitas como o viver santo, mas não passivo, e sim participativo e expresso no abandono de antigas práticas reprováveis, o que dá testemunho ao mundo da transformação operada pelo Espírito em suas vidas (COTHENET, 1984, p. 17-20). Deus os ama, e os trata agora como filhos dos quais espera a obediência. A esperança, portanto, deve estar alicerçada em Deus, que ressuscitou a Jesus Cristo, e fará aquele que o seguir partilhar de sua glória.

### **Considerações finais**

O apóstolo Pedro aprofunda-se mais na questão do comprometimento e das consequências de uma nova vida resultante da regeneração pelo Evangelho. O resultado máximo de uma vida regenerada precisa ser uma mudança de mentalidade, de direção, onde o amor deve ser a expressão máxima desta transformação.

Deus se revela na vida daqueles que creem, os quais chama de filhos. Como Pai, pede aos seus filhos a obediência, não por imposição, mas em amor, gerado pelo Espírito de Cristo nos corações. Um amor que foi capaz de levar o cordeiro de Deus à cruz para redimi-los, e que precisava estar presente em cada indivíduo e na comunidade, gerando *koinonia* (comunhão), fazendo a diferença nos relacionamentos, fortalecendo e regenerando o pecador.

Por isso, as orientações que o apóstolo inicia dando neste primeiro capítulo são em direção ao fortalecimento da fé, ao crescimento espiritual e moral. Destaca que são eleitos por Deus, um novo povo de Deus, e como tal deveriam buscar viver uma vida exemplar, santificada. A santidade expressa a natureza de Deus, sua essência revelada naqueles que afirmam ser filhos de Deus. Implica ações éticas em prol do próximo em atitudes de amor, benevolência, bondade e respeito. A expressão de um amor genuíno, sem hipocrisia no seio das comunidades de fé.

Por meio da santificação do Espírito de Deus obteriam êxito na sua caminhada. Qual seria o maior de todos os prêmios? A salvação em Jesus Cristo. A garantia? A morte e ressurreição do Filho de Deus. Este foi o penhor da herança celeste. Os crentes têm uma “viva esperança” baseada na ressurreição de Jesus Cristo, o qual é a “herança incorruptível” guardada para todo aquele que crer e permanecer. Por fim, carregam consigo uma “palavra viva”, o Evangelho, capaz de regenerar o ser humano através da pregação.

A evidência externa do processo de regeneração e santificação está justamente nas atitudes para com Deus e com o próximo, em relacionamentos gerados no amor e mantidos pelo mesmo amor, o qual deveria ser expresso continuamente pela comunidade e pelos cristãos individualmente. Aquele que pertence a Cristo deve expressar sua natureza. Como forasteiros neste mundo, todos têm a opção de seguir ou não os ensinamentos dados, de aceitar ou não tão grande salvação. Surge, então, o desafio a todos nós hoje: que possamos honrar a Deus obedecendo-lhe assim como os primeiros cristãos o fizeram.

# A regeneração pela Palavra em 1Pd 1,22-2,3

*Ildo Perondi<sup>1</sup>*

*Fabrizio Zandonadi Catenassi<sup>2</sup>*

## **Introdução**

A seção de 1,22-2,23 é uma exortação sobre a regeneração produzida pela Palavra de Deus sobre as pessoas que abraçaram a fé em nosso Senhor Jesus Cristo e nasceram para uma vida nova através do batismo recebido. Os membros das comunidades que receberam a Carta haviam recebido os primeiros rudimentos da mensagem cristã, agora são convidados superar esta fase e colocarem-se em processo de crescimento.

A princípio, não é uma seção totalmente nova, mas continuidade com o que já vinha sendo tratado anteriormente e com o todo o conteúdo da Carta. A exortação continua com a ênfase sobre a “verdade”, pois é a verdade que rege e orienta a vida. Outro tema que também aparece nesta seção é o amor fraterno e que deve desembocar em atitudes práticas na vivência entre irmãos na comunidade.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Teologia pela Universidade Urbaniana de Roma. Docente na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente na Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

#### 4. Análise do texto

<sup>22</sup>Pela obediência à verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros arduosamente e com coração puro.<sup>23</sup>Fostes regenerados, não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre. <sup>24</sup>Com efeito, toda a carne é como erva e toda a sua glória como a flor da erva. Secou-se a erva e a sua flor caiu; <sup>25</sup>mas a Palavra do Senhor permanece para sempre. Ora, é esta a Palavra que vos foi anunciada no evangelho. <sup>2</sup>Portanto, rejeitando toda maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e toda maledicência, <sup>2</sup>desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra, a fim de que por ele cresçais para a salvação, <sup>3</sup>já que provastes que o Senhor é bondoso.

Serão analisadas as principais expressões que aparecem nesta seção:

*“Obediência à verdade.”* O termo “verdade” está presente somente aqui na 1Pedro; no entanto, em 5,12, a “graça de Deus” é proclamada “verdadeira”. Por isso, “obedecer à verdade” é obedecer à Palavra (2,7-8), e este é o traço distintivo de um filho ou filha de Deus (BIGARELLI, 2016). Em seguida a esta expressão, alguns manuscritos acrescentam “pelo Espírito”. A palavra não deve ser tomada no sentido filosófico do termo, mas, segundo um uso bem atestado no Novo Testamento, no sentido de mensagem revelada por Deus. A fé supõe adesão da inteligência e submissão ao plano divino (Rm 1,5; 16,26).

*“Purificação.”* A purificação era uma prática conhecida no Antigo Testamento, que consistia em rituais litúrgicos, banhos, abluções, prescrições alimentares e outros comportamentos. Na perspectiva cristã, a purificação se realiza pela aceitação ou submissão à “verdade” do Evangelho. Jesus ensinava aos seus discípulos: “vós já estais puros por causa da palavra que vos fiz ouvir” (Jo 15,3). Na visão teológica, a aceitação do Evangelho com fé e selada com o batismo é que resulta no perdão dos pecados e a

realização da purificação radical (3,21); no plano psicológico, a verdade do Evangelho faz com que se manifestem as impurezas dos fiéis e indica condições para que sejam eliminadas.

*“Vossas almas.”* A expressão deve ser tomada no sentido bíblico tradicional e significa ser vivo, ser humano total (1,9). Neste sentido, os cristãos são chamados à purificação da alma, isto é, de tudo aquilo que prejudica a pessoa; só assim se alcança aquela santificação indicada anteriormente (1,14).

*“Amor fraternal.”* Anteriormente o autor havia afirmado que a comunidade já vivia este sentimento em relação a Jesus Cristo “a ele embora não tenhais visto, amais” (1,8). O amor fraterno aparece como consequência da purificação (Ex 19,10-11) e pelo fato de ter nascido de novo por meio da Palavra de Deus (Is 40,8; Jo 3,3; Tg 1,18; 1Jo 3,9). A acolhida do Evangelho pela fé (1,24) produz o novo nascimento (1,3). Mais adiante será reiterado que o amor fraterno e recíproco será exigência da vida em comunidade (2,17; 4,8; 5,14).

*“Coração puro.”* Alguns manuscritos sugerem traduzir por “de coração”, ou “cordialmente”. É este o tipo de amor que deve ser vivido na comunidade, amor sem hipocrisia, onde todas as pessoas possam se sentir pertencentes à mensagem cristã e, assim, se sintam bem na comunidade de irmãos e irmãs. Amar com o “coração puro” é amar como Cristo ensinou e viveu sua relação com os seus discípulos e discípulas.

*“A regeneração.”* A nova condição dos cristãos, já anunciada em 1,3, é um nascimento novo; é a aquisição de uma vida espiritual por meio da semente que é a palavra de Deus (Lc 8,11), isto é, a pregação do Evangelho. Para que a semente germine, e produza os seus frutos no coração do ser humano, não pode sofrer alteração ou corromper-se como ocorre com a semente material. Esta relação entre a Palavra de Deus e a semente traz à memória a parábola do semeador (Mt 13,3-9; Mc 4,3-9). Ao contrário da semente material, a semente da Palavra permanece, pois é incor-

ruptível e produz uma vida também incorruptível. A regeneração está relacionada com a Palavra de Deus, e com o anúncio do Evangelho e não com o Batismo. O amor fraterno é condição para a vida em comunidade: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34). O novo nascimento gera irmãos e irmãs cujo fundamento é o amor fraterno. O motivo é a regeneração ou novo nascimento. Há um nascimento para a corrupção, que dá vida a um ser humano caduco (de carne), como a erva do campo (Is 40,6-7). E há um nascimento produzido pela Palavra de Deus. Essa palavra é o evangelho que foi anunciado.

“*A Palavra que permanece para sempre.*” O autor da Carta aos Hebreus afirma que “a palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12). Esta Palavra produz frutos que são as novas comunidades daqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo. Espera-se dos fiéis que, acolhendo a Palavra, deem também o testemunho do amor fraterno. A Palavra anunciada e recebida é viva; por isso, permanece para sempre.

“*Toda a carne é como erva.*” A tradução literal da expressão *sarx* no original grego é “todos os mortais”. Neste sentido, estão incluídos todos os animais viventes, especialmente o ser humano. Ervas e flores do campo nascem, crescem e morrem, assim como todos os seres criados. Ao contrário, a Palavra de Deus não passa, é eterna, dura para sempre. Jesus também afirmou: “Os céus e a terra passarão; minhas palavras, porém, não passarão” (Lc 21,33). Na Carta de Tiago, a comparação com a flor da erva é feita em relação aos ricos que acabarão perecendo em meio aos seus negócios como a flor da erva e diante do calor do sol seca a erva e sua flor cai (Tg 1,10-11).

“*E toda a sua glória.*” O termo grego *doxa* deve ser traduzido por glória e não como esplendor. A ideia da Palavra de Deus comparada à erva e sua glória como a flor do campo é proveniente de Is 40,6-8.

*“Palavra do Senhor que foi anunciada.”* A expressão faz parte da citação do profeta Isaías. No entanto, o autor faz uma alteração. No texto de Isaías, tanto no texto hebraico como no grego (*Septuaginta*) está “palavra de Deus” enquanto na Carta está “palavra do Senhor” (Is 40,8). Para se compreender a aplicação que é feita aqui da passagem citada, é preciso ter presente que o que segue em Isaías se refere ao mensageiro da boa nova que deve anunciar a palavra em alta voz às cidades (Is 40,9). Na Carta, a afirmação já está no tempo presente: “é esta a Palavra cuja Boa Nova vos foi anunciada” (1,25b).

*“Novo comportamento.”* A nova condição adquirida implica a rejeição de toda sorte maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e toda maledicência. A nova condição dos membros das comunidades às quais é dirigida a mensagem é que vivem como estrangeiros e marginalizados, devendo dar testemunho de uma vida autêntica de acordo com o Evangelho, seja na sua relação entre irmãos ou em sua relação com Jesus Cristo. E adiante se exigirá que este testemunho se estenda também às pessoas de fora da comunidade: “Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, tributai honra ao rei” (2,17).

*“Desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra.”* Novamente é retomada a ideia da regeneração pela Palavra que não se corrompe, que já indicada em 1,3.23. O adjetivo grego *logikón*, neste caso, é o leite “da palavra” e não “espiritual”, como está em algumas traduções. *Logikón* deriva de *lógos*, que significa razão, palavra. Como os membros das comunidades haviam abraçado há pouco tempo o cristianismo, havia a necessidade de progredirem no conhecimento do Evangelho; por isso, são comparados a crianças recém-nascidas, que necessitam de nutrição para se fortalecerem e crescerem de forma sadia. Neste caso, o leite não adulterado é a Palavra de Deus. A regeneração (1,23) supõe o nascimento, e então é necessário também o crescimento; não é ainda o alimento sólido, mas o leite que nutre no início da

vida, como em Hb 5,12. Assim como o leite, que por si mesmo já vem puro e bom, pode ser adulterado, também a mensagem inicial recebida pode ser corrompida pelos vícios indicados anteriormente. A imagem do leite é empregada em outros textos, como 1Cor 3,2 e Hb 5,12.13 referindo-se aos primeiros rudimentos da doutrina cristã. A Palavra de Deus é o leite puro que os batizados precisam desejar ardentemente. Somente com um testemunho de vida de acordo com o Evangelho, todos podem crescer e participar na construção do edifício espiritual e formar o novo Povo de Deus (2,4-9).

*“Provastes que o Senhor é bondoso.”* Aqueles que nasceram de novo pelo batismo já fizeram a experiência de uma vida nova fundamentada na Palavra de Deus e já puderam experimentar como Deus é bom, da mesma forma como os antigos já haviam feito essa experiência (Sl 34,9; 100,5).

## 5. Análise teológica

### a. *Um novo nascimento*

É um tanto difícil saber qual era a real condição dos membros da comunidade na vida anterior, antes de abraçar a fé em Jesus Cristo. Possivelmente estas pessoas provinham de diversos ambientes. Se eram migrantes e estrangeiros também não deviam ter vindo do mesmo país. Sem contar que alguns se sentiam estrangeiros morando na própria pátria. Além desta questão social, é possível deduzir que participavam de alguma religião e cultuavam outros deuses. E há ainda a questão ética e moral. A Carta dá a entender que viviam de forma dissoluta, sem cultivar valores.

Foi nesta condição que receberam a boa notícia do Evangelho e, em seguida, receberam o batismo e passaram a viver em comunidades de irmãos, para fazer parte da grande família de Deus. A nova vida criada por meio da palavra de Deus regenerou suas vidas, de forma que é possível estabelecer um antes e um

depois. Se a vida anterior é caracterizada por um modo de viver corrompível, a nova vida não se corrompe. Por isso, voltar atrás não dá mais!

O batismo dá dignidade e proporciona um caráter novo às pessoas batizadas. São novas criaturas. O texto indica que devido a esta nova condição devem revestir-se de roupa nova. É como se dissesse: “mostrem pelo exterior o que vocês vivem no interior”. Mas este revestir-se quer dizer muito mais do que trajes e roupas. Este novo nascimento faz nascer novas pessoas. Na Carta aos Efésios (4,17-32), esta vida anterior é indicada como o “homem velho”, condição esta que deve ser removida, pois se corrompe ao sabor das concupiscências. O homem velho dá lugar ao “homem novo” naqueles que aceitam o chamado: “renovai-vos pela transformação espiritual da vossa mente, revesti-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade de verdade” (Ef 4,23-24).

O apóstolo Paulo se refere a esta condição por meio de “nova criatura” (2Cor 5,17). Na Carta aos Gálatas, a vida nova veio pelo fato de os gálatas terem abraçado a fé e recebido o batismo; assim, “vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo” (Gl 3,26-27). Com isso, superam-se todas as divisões e separações oriundas da antiga Lei e todos formam uma só unidade em Cristo Jesus.

Embora as afirmações de Paulo indiquem que a nova vida seja proveniente da fé e do batismo, não há contradições com o autor da Primeira Carta de Pedro que afirma que o novo nascimento veio por meio da Palavra. Podemos afirmar que fé, batismo e palavra geram a nova criatura. A fé em Cristo leva a acolher a mensagem do Evangelho e, por consequência, faz abraçar e receber o batismo.

*b. A Palavra de Deus/do Senhor*

Esta seção que está sendo analisada é dividida em duas partes: 1,22-25 e 2,1-3. Interessa notar que ambas as partes terminam com uma citação das Sagradas Escrituras. Na Carta, mencionam-se várias vezes a Palavra de Deus ou palavra do Senhor. Muitas vezes a referência é às Sagradas Escrituras (o Antigo Testamento); outras vezes se refere ao Evangelho ou à mensagem de Jesus. É quase certo que, no tempo em que a Carta foi escrita, textos escritos dos Evangelhos dificilmente teriam chegado até estas comunidades distantes. A Palavra teria chegado somente via oral e pelo testemunho dos missionários.

Esta Palavra gera a nova família dos filhos de Deus, e o vínculo que une seus membros é o amor fraterno, enquanto o nutrimento do leite da Palavra é a garantia do seu crescimento (BIGARELLI, 2016). As comunidades cristãs são identificadas como família e casa de Deus, no edifício espiritual onde cada membro é uma pedra viva (2,5; 4,17).

Ao referir-se às pessoas das comunidades como sendo crianças que ainda necessitam do leite, o apóstolo Pedro não está diminuindo a sua condição. Pelo contrário, está indicando que, mesmo na sua fragilidade, há um nutrimento que os fará crescer. “O ser humano é frágil e impotente por si mesmo, porém a palavra de Deus, sempre eficaz, lhe dá vida” (BROX, 1994, p. 121).

A eficácia desta Palavra pode ser comprovada ao voltar-se para o passado para descobrir o agir de Deus na história; a palavra dos profetas é garantia e luz que ilumina a nova condição dos seguidores da palavra do Evangelho, e isso se torna um apoio consolador, porque se tem a certeza de que ela é fiel, como também é fiel o Deus que a revelou.

A seção se encerra com a citação do Salmo 34 indicando a bondade do Senhor. O texto sugere que estas pessoas renascidas pela Palavra já provaram desta bondade. “A ‘degustação’ da bondade divina implica – junto com a metáfora da amamentação no

v. 2 –, justamente pelo recurso à sensualidade, uma relação direta dos renascidos com aquela realidade ‘imprecável’” (FELDMEIERS, 2009, p. 119).

*c. O crescimento na fé*

Não basta nascer de novo, é preciso também crescer. Os cristãos recém-renascidos devem nutrir-se daquele leite genuíno que é definido com *logikôn* (que deriva de *logos*), isto é, o leite da Palavra. Se foi a Palavra que os fez renascer, é também a Palavra que fará com que cresçam e perseverem.

Os fiéis das comunidades cristãs tornaram-se agora filhos e filhas de Deus. Não só isso, mas tornaram-se também irmãos e irmãs entre si. Isso exige responsabilidade no modo de viver em comunidade onde fazem parte desta nova família que já não podia mais ter o mesmo estilo de vida anterior. Agora devem “obedecer à verdade”, o que significa o mesmo que obedecer à Palavra.

A nova família teve que superar preconceitos. Muitos tiveram que deixar seus clãs ou familiares e agora são “estrangeiros” de quem antes eram vizinhos. Se antes as mulheres eram marginalizadas, agora estarão em paridade com os homens, porque todos são filhos e filhas de Deus. Viver segundo o Evangelho exige a prática do amor fraterno, o cultivo de valores, obras de caridade, gestos de hospitalidade. A fraternidade e sororidade devem se manifestar naquele comportamento que a Palavra exige.

É possível que algumas pessoas se questionem se o cristianismo não seria uma nova moda, algo passageiro. Ao citar o exemplo da Palavra de Deus, o autor desfaz este receio. As realidades humanas são vulneráveis, são semelhantes à erva que logo seca e suas flores caem. A conversão que gerou um novo nascimento não é fruto de realidades humanas e passageiras, mas da Palavra de Deus que permanece para sempre. Esta Palavra gerou e também sustenta o novo modo de viver.

A Carta motiva as comunidades a descobrirem novas perspectivas de viver; mesmo que sejam pequenas dentro do grande Império Romano, esta nova maneira de viver pode trazer esperança. O objetivo da Carta não é impor um modo de vida a ser seguido cegamente, mas estimular para que busquem na Palavra o nutrimento para perseverar e também para suportar os sofrimentos que podem acontecer (3,13-17).

## 6. Atualização

A exigência do amor fraterno entre os membros das comunidades cristãs tornou-se necessária em virtude da fragilidade dos seus membros “estrangeiros e dispersos” dentro do grande império romano. A vivência do amor fraterno cria solidariedade, proteção e unidade entre os membros da comunidade. Esta exigência continua válida para nossas Igrejas atualmente. Um cristianismo que não dá testemunho do amor fraterno está distante do mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34). Pode-se questionar até que ponto o batismo fez nascer nelas a nova criatura desejada pelo autor da Carta.

Em nossas Igrejas, encontram-se tantas pessoas que foram batizadas e não cresceram na fé, no conhecimento e no seguimento de Jesus Cristo. Faltou aquele “leite não adulterado” que nutre e faz crescer. Muitas pessoas foram batizadas, mas não foram suficientemente evangelizadas; justamente por isso, pouco cresceram e, por consequência, não dão o testemunho desejado.

A Palavra de Deus, sejam as Sagradas Escrituras (Antigo Testamento) como os Evangelhos e os demais textos do Novo Testamento, continua viva e eficaz (Hb 4,12). Por meio desta Palavra, durante dois milênios, continuaram sendo regeneradas pessoas que deram testemunho, algumas pagando com a própria vida por sua coerência e profetismo. A Palavra gera novas criaturas que adquirem uma nova condição, levam uma vida sem hipocrisia, inveja e maledicência (2,1).

# O novo sacerdócio (1Pd 2,4-10)

Caio Matheus Caldeira da Silva<sup>1</sup>

## Introdução

Um tema importante na Primeira Carta de Pedro é o sacerdócio que adquire uma nova configuração, muito diferente do Antigo Testamento em seu aspecto sacrificial no Templo de Israel. Diante desse impasse, nossa atribuição será elucidar essa mudança e fazer a sua relação com a nova concepção de povo eleito. Este tema está na perícopes de 1Pd 2,4-10 (grifo nosso, indicando palavras-chave):

**4** Chegai-vos a ele, a **pedra viva, rejeitada**, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. **5** Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um **edifício espiritual**, dedicai-vos a um **sacerdócio santo**, a fim de oferecerdes **sacrifícios espirituais** aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. **6** Com efeito, nas Escrituras se lê: *Eis que ponho em Sião uma **pedra angular**, eleita e preciosa; quem nela crê não será confundido.* **7** Isto é, para vós que credes ela será um tesouro precioso, mas para os que não creem, *a pedra que os edificadores rejeitaram, essa tornou-se a **pedra angular**, **8** uma **pedra de tropeço** e uma rocha que faz cair.* Eles tropeçam porque não creem na Palavra, para o que também foram destinados. **9** Mas vós sois uma **raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade**, a fim de que proclaméis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, **10** vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o **Povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia.**

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

O contexto da perícopre de 1Pd 2,4-10 propõe uma revolução diante da novidade de Jesus na forma de se pensar o povo de Deus e principalmente a questão do fundamento e alicerce da fé. Os seguidores de Jesus e os convertidos ao cristianismo não podem mais ser o povo santo que outrora se reuniu no Monte Sinai. O novo povo de Deus constitui-se diante de um novo fundamento, de uma nova pedra de sustentação, que não é mais a Lei Mosaica – mesmo que não se abandone a ela – mas que agora é o próprio Cristo, pedra viva e escolhida de Deus. Aqueles sacrifícios imolados na aliança antiga (Ex 24,5-8) agora são suprimidos por outros, que são sacrifícios espirituais (1Pd 2,5). O texto mostra a transição de uma religião da Lei e dos preceitos para uma religião baseada no Messias Libertador. Portanto, o novo sacerdócio e novo culto não podem ser mais embasados na lógica do Antigo Testamento, do oferecimento de vítimas carnis, mas, agora, Cristo configura a ação sacerdotal numa nova perspectiva e numa perspectiva mais horizontal, participativa e ativa que destoa da forma precedente.

A Primeira Carta de Pedro é, sobretudo, uma forma de encorajamento aos crentes e uma confirmação da sua fé em Cristo. O contexto é de perseguição pelos judaizantes de Jerusalém. Dentro de um ambiente de migração, os crentes sofrem a sua dispersão. Neste sentido, os destinatários da Carta eram sujeitos que resistiam firmemente a vários tipos de sofrimentos e muitos sofrimentos oriundos de uma convivência conflituosa com culturas diferentes que não aceitavam uma nova maneira de vivenciar a fé que, apesar de ter fundamentação na antiga Lei, não era mais mosaica em sua essência, mas messiânica (BARCLAY, 1956).

O segundo capítulo da 1Pd é uma continuação da reflexão iniciada no capítulo anterior. As reflexões continuam ligadas às teses anteriores, e o autor alerta sobre a necessidade de se romper com o passado (1Pd 2,1). Portanto, aqueles que foram regenerados com Cristo devem assumir uma nova mentalidade de vida,

que deve também impregnar as atitudes cotidianas. O verbo grego que marca esse conceito é o *apotithemi*, que significa afastar, colocar ao lado. Neste sentido, o novo culto ou o novo sacerdócio será o responsável não de substituir o culto praticado por Israel, mas será o responsável por colocá-lo num nível diferente, mais elevado. Ou seja, o novo sacerdócio e novo culto não poderiam conter em si coisas que não mais lhes conferissem um verdadeiro sentido diante da novidade do Messias (MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020).

### 1. Análise da perícope

A seguir serão analisadas algumas expressões-chaves que ajudam numa melhor compreensão do texto de 1Pd 2,4-10:

*“Chegai-vos a ele.”* Usa-se a metáfora do edifício onde o pronome “ele” remete ao próprio Jesus. É o Cristo que agora passa a ser o centro de toda referencialidade para os seguidores do caminho. Ele é a nova bússola que os homens e mulheres podem confiar e se aproximar com tranquilidade.

*“Pedra viva/angular.”* A metáfora da pedra viva também faz referência a Jesus Cristo que venceu a morte, ressuscitou graças ao poder de Deus (1Pd 1,3; 3,22; Lc 24,5; At 1,3). Não existe mais a necessidade da mediação por vítimas carnisais como era feito no culto no Templo de Jerusalém. É o Cristo a nova pedra mediadora da vida em favor de todos os fiéis. A pedra angular na engenharia é aquela responsável por toda a sustentação de uma edificação. Da mesma forma, agora é o Cristo que é o mediador de toda a sustentação do edifício da fé.

*“Pedra rejeitada/rocha que faz cair.”* Essas figuras de linguagem provavelmente são retiradas do Salmo 118,22 e do evangelho de Mateus 21,41-15, da parábola dos vinhateiros homicidas. Ambos os textos e a expressão relatam a rejeição que Jesus sofreu pelas autoridades religiosas e políticas de Israel que não o reconheceram e não o aceitaram como o Messias enviado de Deus,

chegando a condená-lo à morte no madeiro da cruz. Esse conceito de pedra rejeitada também pode ser interpretado como as provações e sofrimentos daqueles que aderiram à novidade do Messias como observamos em vários relatos no livro dos Atos dos Apóstolos e também no Novo Testamento.

*“Edifício/casa espiritual.”* Este termo se refere ao grego *oikos*, que significa tanto a casa (edifício) como também as pessoas que nela habitam, ou seja, a família. O “edifício espiritual” estaria ligado à construção de uma fraternidade de irmãos e irmãs em Cristo, vivendo sob a orientação espiritual dos seus preceitos, numa só fé na partilha fraterna dos bens e na oração cotidiana.

*“Sacrifício espiritual.”* A ideia de sacrifícios aqui se altera muito em relação ao Antigo Testamento. Agora o conceito de sacrifício está mais ligado a Rm 12,1-2. As ofertas não são mais uma entrega de carne ou de especiarias ao sacerdote, mas ao contrário. O sacrifício a que o autor sagrado faz menção é a oferta da própria vida dedicada ao Reino de Deus. Cada homem e mulher é chamado a ser uma oferta viva, santa e agradável a Deus. O favor de Deus não é mais alcançado por sacrifícios realizados por um sacerdote no tempo de Israel. Não existe mais essa necessidade. Cristo é o próprio mediador de toda a humanidade, é a oferta e o próprio sacerdote da humanidade inteira. Deus entra na história da humanidade em primeira pessoa e assume a salvação da humanidade sem intermediários materiais.

*“Sacerdócio santo.”* O sacerdócio agora não é reservado a um grupo específico de homens que trabalham dentro do Templo de Jerusalém como os levitas. O sacerdócio santo (*hiérateuma*) nem é mais um estado de privilégio. Agora todo o povo de Deus é eleito para oferecer ao Senhor um sacrifício agradável pela própria vida. E isso acontece por uma vida de santidade (1Pd 1,2.22). Unir-se com Deus exigirá de cada fiel a configuração a uma vida honesta e santa diante de Deus e dos irmãos e irmãs (1Pd 1,15-16). “Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação

santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclamais as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9).

“*Nação santa*”, “*não éreis povo*”, “*misericórdia*.” Essas três expressões, apesar de serem diferentes, conotam o mesmo sentido teológico. Antes de Jesus, Israel era considerada uma nação santa, mas essa graça era restrita apenas ao povo de Israel. Viviam uma espécie de xenofobismo às nações estrangeiras, como se elas não fossem capazes de assimilar ou merecer os conteúdos da Revelação de Deus. Com o Messias, o conceito de “Nação Santa” é ampliado a todos os povos. A santidade passa a ser o critério ético e social e não mais o litúrgico-cultural. Os estrangeiros e migrantes não eram considerados “Povo de Deus”, mas agora passam a fazer parte da nação do Povo de Deus pela filiação divina vinda pelo sacramento do batismo, por meio de Jesus. Em consonância, observa-se o termo “misericórdia” referindo-se aos gentios que não conheciam o rosto de Deus (Dt 4,31; Ex 34,6-7; Lc 6,36); com a novidade de Jesus, passam também a ser destinatários da graça de Deus que se torna universal.

## 2. Reflexão teológica

Segundo Neyrey (2013), a perícopo de 1Pd 2,4-10 é um texto profundamente eclesiológico, porque mostra como a concepção de Igreja se alterou com a novidade de Jesus e dos seus seguidores dentro da história do Povo de Israel. A Igreja, culto e sacerdócio, agora é caracterizada por dois atributos fundamentais: a novidade de Jesus Cristo e a busca por uma vida de santidade. São esses dois atributos que vão definir os novos rumos eclesiológicos da Igreja. “Esse Cristo-pedra é o modelo para a Igreja; como Jesus, somos escolhidos e preciosos para Deus; também somos rejeitados pelos pagãos e os descrentes. Porém, como Cristo é a pedra angular, assim também formamos uma casa, um corpo santo de sacerdotes” (NEYREY, 2013, p. 331).

Portanto, o novo sacerdócio é um *modus vivendi*, ou seja, um novo modo de vida e de existência pelo qual homens e mulheres são chamados a uma posição santa diante de um Deus santo e uma exortação para que o povo de Deus também faça coisas santas. Entretanto, é necessário pensar que essa nova configuração vinda de Cristo não rejeita o culto formal que temos na Igreja, nem muito menos argumenta contra as lideranças litúrgicas. Mas sua intenção primordial é exaltar a posição de eleição à santidade de todos os homens e mulheres pelo próprio Cristo (NEYREY, 2013).

Os discípulos de Jesus Cristo passam a assumir um novo posicionamento dentro da história da salvação. Agora cada sujeito torna-se protagonista com Cristo da sua salvação. Por isso, os seguidores de Jesus são chamados a se tornarem pedras vivas (1Pd 2,5). É sobre esta pedra viva que se constrói o novo templo do Senhor que realmente acolhe a verdadeira e definitiva morada da presença de Deus. O templo não é uma realidade de “outro mundo” ou uma realidade material como era o Templo de Jerusalém. Agora esse templo se constitui nas próprias pessoas, que pela recepção do santo batismo são inseridas e reunidas em uma única comunidade de fé, o novo povo de Deus. Cristo confere, assim, uma dignidade maior do que aquela que os adoradores do templo tinham. Cada pessoa é uma pedra viva, contém a presença de Cristo na vida da comunidade dos seguidores de Jesus. Por isso, pode-se inclusive afirmar que o novo culto e o novo sacerdócio são uma mudança ontológica da dignidade dos seguidores da promessa que aceitaram a novidade de Cristo.

Com a novidade do Concílio Vaticano II, a Primeira Carta de Pedro coloca novamente em evidência o Tríplice Ministério de Jesus Cristo para cada cristão, que pelo poder da graça batismal é profeta, sacerdote e rei. Isso significa dizer que não existe apenas um sacerdote que celebra o mistério em nosso favor, mas que é toda uma comunidade sacerdotal que celebra e oferece um sacrifi-

cio agradável a Deus pela sua própria vida. Portanto, a Carta alarga o conceito de sacerdócio, que não é mais restrito a um grupo de fiéis, mas é alargado a toda comunidade de fiéis. Após o Concílio Vaticano II convencionou-se não se chamar mais tanto a figura do padre como “sacerdote”, mas agora como presbítero, homem que é chamado a servir a comunidade celebrante no presbitério *in persona christi* presidindo na pessoa de Cristo cabeça.

Sendo assim, cada cristão é “uma vítima espiritual agradável a Deus, por Jesus Cristo” (1Pd 2,5). A vida de cada fiel cristão, seja homem ou mulher, é um dom oferecido a Deus como dom de amor oferecido por toda a comunidade como memória da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Segundo a nota de rodapé da Bíblia Sagrada Ave-Maria (Edições de Estudos), esse novo sacerdócio constitui-se em:

[...] refere-se à própria vida do cristão, homem ou mulher, encontre-se onde se encontrar e qualquer que seja sua profissão oferecida a Deus como dom de amor e portadora da memória de Jesus, tal e como no-la apresentam os evangelhos: sua obediência filiar ao Pai, seu amor incondicional que não conheceu barreiras, sua opção pelos pobres, fracos e marginalizados, sua luta pela igualdade e pela justiça até derramar seu sangue na cruz por todos nós. Nisso consistiu o sacerdócio de Cristo, e nisso consiste o sacerdócio do cristão recebido no batismo (BÍBLIA SAGRADA..., 2011, p. 2.026).

Sendo assim, a vivência da fé e o comprometimento com ela não está restrito a um grupo. Agora todos são corresponsáveis. A pregação do Evangelho não está reservada aos especialistas e doutores, nem muito menos aos clérigos/ministros ordenados (diáconos, presbíteros e episcopos), mas a toda a comunidade de batizados. E esse anúncio é uma obrigação pelo estado batismal de cada fiel, que acontece não só pelas palavras, mas também pela graça do testemunho cotidiano. Entretanto, os ministros ordenados não se tornam inférteis, mas, ao contrário, eles representam Cristo cabeça, guia e pastor, que estão a serviço da comunidade para sua condução e edificação.

Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II, a Igreja é Corpo Místico de Cristo como se pode ver no número 7:

É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que creem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso. Com efeito, pelo Batismo somos assimilados a Cristo; ‘todos nós fomos batizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo’ (1Cor 12,13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo ‘fomos sepultados, pois, com Ele, por meio do Batismo, na morte’; se, porém, ‘nos tornamos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também’ (Rm 6,4-5). Ao participar realmente do corpo do Senhor, na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós ‘Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão’ (1Cor 10,17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo (cf. 1Cor 12,27), sendo individualmente membros uns dos outros’ (Rm 12,5) (LG 7).

Desta forma, pode-se perceber que o novo sacerdócio não é mais constituído por “pontífices” que fazem uma ação intermediária entre o ser humano e Deus. Não é também uma classe que é a responsável por exercer esse ministério na sua totalidade, como, por exemplo, os levitas onde o povo em geral não tem noção do que está acontecendo e permanece de forma oculta. Em 2,4-10, observa-se uma horizontalidade na obrigação que todos sejam “pedras vivas” e “oferendas agradáveis”. O batismo torna-se o novo responsável de inserir na vida da Igreja e na história da salvação a participação comum dos fiéis na missão evangelizadora. A missão de cada batizado é alicerçada no tríplice *múnus* de Jesus Cristo: sacerdote, rei e profeta.

Cada pessoa batizada, “raça eleita e amada por Deus” é chamada a ser sacerdote, profeta e rei em Cristo. E tudo isso acontece pela força da graça do batismo. Ele é o responsável de conferir essa faculdade a cada cristão. Portanto, enquanto participação na vida

da Igreja, não existe mais distinções excludentes. A participação na ação evangelizadora é alargada no poder do Espírito a todos, independentemente do ministério que for exercer. Por isso, a concepção de uma hierarquia piramidal é falha e obsoleta perante o novo sacerdócio instituído por Cristo. A Igreja é constituída de carismas e de ministérios, que juntos anexados em Jesus fazem a vontade do Pai de construir um mundo de amor e de justiça.

O mesmo Espírito, unificando o corpo por si e pela sua força e pela coesão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se, alegam (LG 7).

Desta forma podemos concluir que o novo sacerdócio em 1Pd 2,4-10 é muito diferente do antigo sacerdócio que podemos observar, por exemplo, no livro do Levítico ou até mesmo no sacerdócio exercido no tempo de Jesus pelos judeus do Templo de Jerusalém. A nova configuração sacerdotal é por sua natureza mais abrangente, pois agora se tem uma teologia do sacerdócio comum dos fiéis que quer dizer que “[...] todo o povo de Deus é um povo sacerdotal, participante desde o Batismo do sacerdócio real de Cristo” (BRIGHENTI; ARROYO, 2014, p. 15). E do meio deste povo sacerdotal, Deus chama alguns para se colocarem à disposição do sacerdócio ministerial, que é transmitido pelo sacramento da Ordem, que tem a missão/carisma de convocar o Povo de Deus, conduzi-lo mostrando-lhe o caminho do Senhor.

Perde-se, assim, a concepção de “castas” dentro da história da salvação e uma renovação até mesmo sugerida ao próprio judaísmo para aceitação da novidade messiânica. Não existe um determinado “povo eleito” (no caso, como era tido pelos judeus acerca do povo de Israel), mas todos fazem parte do grande “Povo de Deus” pelo batismo. Pois, segundo Agenor Brighenti (2016, p. 34),

[...] todos os ministérios brotam do Batismo, inclusive os ministérios ordenados (LG 12). Para a *Lumen Gentium*, não há duas categorias de cristãos, mas um único gênero, os batiza-

dos, que conformam uma Igreja toda ela ministerial. Com isso, dá-se a passagem do binômio clero-leigos para o binômio comunidade-ministérios, sem dúvida uma das maiores mudanças do Vaticano II.

Assim sendo, quando confrontamos a 1Pd 2,4-10 com a *Lumen Gentium*, observamos uma profunda e radical igualdade em dignidade entre todos os ministérios da Igreja. Portanto, vivemos uma Igreja toda ministerial, onde não existem posições privilegiadas e nem excludentes. Sendo assim, podemos deduzir que o batismo é o responsável por configurar e sustentar todos os ministérios alicerçando na missão de Jesus Cristo, por meio de um chamamento a uma vida de santidade e ao seguimento do próprio Senhor.

Por conseguinte, é necessário perceber que essa mudança no sacerdócio e no culto a partir de Jesus Cristo atinge fortemente a concepção de Igreja. No período messiânico, a Igreja passa a transcender a glória do Templo judeu (HARRISON, 2017). Portanto, a oferta de Cristo no madeiro sagrado da Cruz abriu o Santo dos Santos a todos os crentes e suplantou todos os sacrifícios judaicos da tradição. Desta forma, a tese da origem de um novo sacerdócio em 1Pd 2,4-10 é mais do que sustentável não somente pelo testemunho redigido do autor sagrado, quanto pela reviravolta na nova concepção de culto que o cristianismo adotou em diferenciação com o judaísmo tradicional da época.

# Um encontro entre o sofrimento humano-social e o exemplo deixado por Jesus Cristo (1Pd 2,11-25)

*Marco Antonio Rosim<sup>1</sup>*

*Tiago Trevisan<sup>2</sup>*

11 Amados, exorto-vos, como a estrangeiros e viajantes neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma. 12 Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se fôsseis malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus, no dia da sua visita.

13 Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, seja ao rei, como soberano, seja aos governadores, como enviados seus para a punição dos malfeitores e para o louvor dos que fazem o bem, 15 pois esta é a vontade de Deus que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos insensatos. 16 Comportai-vos como homens livres, não usando a liberdade como cobertura para o mal, mas como servos de Deus. 17 Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, tributai honra ao rei.

18 Vós, criados, sujeitai-vos, com todo o respeito, aos vossos senhores, não só aos bons e razoáveis, mas também aos perversos. 19 É louvável que alguém suporte aflições, sofrendo injustamente por amor a Deus. 20 Mas, que glória há em suportar com paciência, se sois esbofeteados por terdes errado? Ao contrário, se, fazendo o bem, sois pacientes no sofrimen-

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Mestrando na área de Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>2</sup> Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Campina Grande do Sul e Bacharel em Teologia pela PUCPR. Mestrando na área de Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

to, isto sim constitui ação louvável diante de Deus. 21 Com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, a fim de que sigais seus passos  
22 Ele não cometeu nenhum pecado; mentira nenhuma foi achada em sua boca.  
23 Quando injuriado, não ameaçava; ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça.  
24 Sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados.  
25 pois estáveis desgarrados como ovelhas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda de vossas almas.

## Introdução

O presente capítulo busca, a partir da perícopre de 1Pd 2,11-25, elucidar as exortações para as relações comunitárias presentes na Primeira Carta de Pedro, visando apresentar aos cristãos uma perspectiva que ilumine as suas vidas nos dias atuais. Esse texto tem por contexto de partida a realidade das comunidades dos destinatários da Carta, tendo por fonte o texto bíblico e outros autores. Contudo, propõe-se apresentar uma reflexão para os cristãos da atualidade, a fim de que eles assumam um modo profético de viver, superando todas as formas de opressão, e a vida seja marcada pelo testemunho e pela prática do bem, em um mundo em que todos/as sejam livres.

Segundo Gass (2016), diante da realidade em que as comunidades viviam, a Carta quer ser, entre outras coisas, um estímulo à resistência. O autor encoraja os membros dessas comunidades a suportarem os sofrimentos e as perseguições impostas pelo império romano. Ele exortava-os a resistir diante das hostilidades de

parte de seus vizinhos (2,11-12). Recorda também que por Jesus, pelo seu projeto e pelo bem comum, o sofrimento tem sentido (2,20). O autor afirma ainda que não é justo o sofrimento das pessoas escravizadas. E lembra aos que sofrem que resistam ao sofrimento, pois também Jesus sofreu de modo injusto (2,20-25).

A Carta apresenta um código de ética, normal no mundo grego-helenístico, sendo comum a muitos as virtudes ali elencadas. Dizendo de outro modo, não havia nada de novo; a diferença de um código de ética cristão vai além dos princípios éticos, pois seu fundamento é o próprio Deus. É em Deus que os cristãos colocam o fundamento da sua vida, que em Jesus, o modelo vivo e real, ofereceu à humanidade um novo jeito de viver no mundo (MUELLER, 1988).

### **1. Glorifiquem a Deus com o seu testemunho**

O autor da Primeira Carta de Pedro chama os seus destinatários de “amados”, uma saudação comum entre os cristãos primitivos ao se dirigirem uns aos outros. O termo recorda que cada um e cada uma é amado e amada por Deus, além de manifestar uma relação entre os cristãos que, como discípulos e discípulas de Jesus, vivem o que o mestre ensinou: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns com os outros” (Jo 13,35).

De acordo com Mueller (1988), ter um bom comportamento é uma maneira de melhor servir aos outros, bem como de ser um instrumento que os leva a reconhecer o modo em que Deus age na vida das pessoas e no mundo. Isso tudo é um ato de louvor a Deus na vida cotidiana. A ação do Espírito de Deus em cada um e em cada uma precisa ter expressões concretas, de modo que essa forma de viver impacte a vivência em sociedade. É justamente essa a referência do texto bíblico que indica que se deve ter uma conduta exemplar em meio dos gentios (no contexto da Carta, gentios se referem ao resto da humanidade).

Nas comunidades destinatárias desta Carta, os cristãos não possuíam direitos e muito menos reputação social; eram atacados por todas as partes. Assim, de acordo com Achtemeier (2004), o bom comportamento lhes assegurava que não seriam ainda mais agredidos. Outro motivo para essa atitude exemplar dos cristãos é oferecer um modelo ético para aqueles que os caluniavam. E, por fim, os cristãos a viverem de modo ético tem uma dimensão escatológica, para que, no “dia da visita”, as suas obras se transformem em louvor a Deus (MARCONI, 2000).

## **2. Honrai a Deus com a vossa liberdade**

A vinculação do relacionamento com as instituições, marcado pela obediência e a liberdade, era algo normal. O Novo Testamento apresenta a liberdade como obediência ao projeto do Reino de Deus revelado por Jesus. Os cristãos são obedientes às instituições, porque, na verdade, são livres diante delas e diante dos outros seres humanos, e até mesmo das autoridades, pois são obedientes a Deus. A liberdade se caracteriza como a base e o caminho para se implementar a obediência. Desse modo, fica explícito que também as autoridades políticas estão submetidas a Deus. Obviamente, diante da tirania e da forte opressão, é preciso prudência (GASS, 2016).

Assim, de acordo com Marconi (2000), emerge uma relação de igualdade; todos são servos de Deus, e livres uns com os outros, independentemente da função social que ocupem. Seja o rei ou imperador, ele está em uma relação horizontal com as outras pessoas, portanto não pode haver violência e nem opressão. Todos e todas são livres, pois “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

A liberdade verdadeira nasce do coração de Deus. Aqui há um dos fundamentos da ética cristã: a vontade de Deus, que se concretiza através da prática do bem. O evangelho não é uma nova lei, não existe nele uma prescrição detalhada de como se

deve agir, antes, é apresentado um princípio: a prática do bem. São os próprios cristãos que terão que decidir, em cada caso, o que essa premissa significa, e qual a atitude real e específica a ser tomada. Existem riscos nessa postura, contudo, trata-se do risco da liberdade, liberdade que há onde se acha o Espírito do Senhor (2Cor 3,17).

A vida social e as relações interpessoais compõem o âmbito em que se dá a vontade de Deus nesta períclope. A ética cristã anuncia a libertação do ser humano sobre toda e qualquer forma de escravidão, ela não é legalista ou imposta, mas devolve às pessoas o direito à liberdade. O texto faz uma constatação fundamental: vocês são pessoas livres (2,16). A malícia, ou seja, o mal, é o que define os limites da liberdade. No momento em que a liberdade se volta para o mal, ela deixa de ser liberdade, e torna-se escravidão, pois o mal escraviza. Claramente a liberdade está vinculada à atitude diante do próximo, de modo que ela jamais deve servir de pretexto para avançar os limites da liberdade e da dignidade das outras pessoas (MUELLER, 1988).

A liberdade se caracteriza como um conceito relacional. A primeira posição é a da pessoa diante de Deus, e isto irá determinar a maneira com que ela se relaciona com o mundo e com as outras pessoas. Nesta relação, recorda Dussel (1986), os cristãos têm um vínculo especial entre si: para além da honra devida a todos, existe entre eles uma vinculação por meio do amor fraterno, que frutifica em relações horizontais, que os reúne como comunidade fundada na caridade, em que os seus participantes são livres e plenos; e, ao se reunirem para celebrar, assumem a totalidade da vida e a colocam em comum, sem dar brechas para o egoísmo e a mentira.

### **3. Que o bem praticado seja fermento na massa**

A prática do bem, motivada pela vontade de Deus, tapa “a boca à ignorância dos insensatos” (2,15). O texto lembra que os cristãos devem se comportar de maneira correta, marcados pela

responsabilidade de sua consciência e fazendo com que o comportamento deles seja enriquecido, acentuando entre eles um valor crítico. Os cristãos nas comunidades em que o texto é endereçado eram tidos como malfeitores. Contudo, é difícil precisar com exatidão o que essas acusações referem. Fazendo conjecturas, tendo por fundamentos outros trechos da Carta, pode-se concluir que se trata da recusa em participar nos costumes da sociedade. Em virtude disso, os cristãos eram vistos como corpos estranhos. Essa recusa era interpretada de diversas maneiras, originando todo tipo de falatório.

Recorda Mueller (1988) que existe a possibilidade do cristão ser alvo de acusações e de sofrer por ser alguém que pratique o que é errado (2,20; 4,15). Contudo, isso não é a norma. O normal é que o cristão, uma vez que foi “criado em Cristo Jesus para as boas obras” (Ef 2,10), as pratique. Nesse sentido, para os cristãos, praticar o bem é viver de acordo com a Palavra de Deus, ou seja, viver segundo a vontade de Deus (3,10-12; 4,2; 1,15).

A sociedade é o espaço no qual se concretiza esse bem, de modo especial no amor ao próximo (1Jo 3,16-18), que faz com que os discípulos e discípulas de Jesus deem de comer aos que têm fome, deem de beber a quem tem sede, acolham os forasteiros, vistam os nus, visitem os doentes e os presos (Mt 25,34-36). Fazer o bem na sociedade é, ainda, uma postura missionária dos que creem, pois os que não são cristãos estão observando de modo atento e reflexivo essa postura (3,1-2).

A igreja precisa assumir com responsabilidade os seus atos, pois, muitas vezes, aqueles que não são cristãos possuem critérios de justiça e de verdade muito aprimorados, podendo, com facilidade, constatar se essa maneira de viver é autêntica ou não. Entrelaçada à realidade, e não distante dos contextos, a Igreja reconhece sua missão no mundo compreendendo que alegrias e tristezas compõem este cenário de presença constante, dialogando com as culturas e com as pessoas de seu tempo (GS 1).

#### 4. Por que se sujeitar ao sofrimento?

Uma vez abordadas as questões relacionadas com a vida da comunidade cristã na sociedade, o autor inicia, agora, um caminho de exortações mais específico. Trata-se, segundo Mueller (1988), da apresentação de orientações para a comunidade doméstica, denominada *oikos*, que era uma instituição indispensável no conjunto social. Era mais do que o núcleo familiar que estamos habituados a conceber atualmente, pois era composto de vários membros, incluindo os parentes e os trabalhadores.

As comunidades domésticas foram de grande importância para a expansão do cristianismo naquela época, a chamada conversão por contágio, servindo ao mesmo tempo como um modelo para ilustrar a natureza da comunidade cristã. A exemplo de Jesus Cristo, que ofereceu o outro lado da face, é preciso que os cristãos sejam testemunhas da boa vivência; o código moral cristão implica respeito aos homens a partir do temor de Deus.

Fica evidente que a ausência de uma menção direta aos senhores denota que a maioria dos cristãos compunham as classes sociais inferiores. Convém destacar que os servos, na Carta, se referem aos empregados domésticos. Trata-se, portanto, dos trabalhadores e trabalhadoras da *oikos*. Este grupo de pessoas viviam junto à casa dos patrões. Neste código de ética cristão e na comunidade cristã (Ef 6,5-8; Cl 3,22-25), eles são dignos de serem mencionados, no entanto, para outros códigos da época, estas pessoas não eram consideradas e somente instrumentalizadas.

O texto direciona esta servidão à relação com Cristo. “Sede submissos” é o mesmo que “sujeitai-vos” em 2,13. Nesta relação, o crente sujeita os sofrimentos à configuração com Deus. O Messias, servo sofredor, inspira a vida presente. Assim, seus seguidores e seguidoras compreendem as consequências práticas da fé em Jesus e oferecem um tributo para o despertar da fé àqueles que não creem como inspiração para conversão de todos (COTHENET, 1986).

## **5. As relações sociais a partir do exemplo de Jesus Cristo**

À medida que o cristianismo se expandiu pelas pequenas comunidades na Ásia Menor, surgiu também um novo modo de vida. Segundo Nogueira (2002), isto ocorre em grande medida porque os cristãos não participavam dos cultos dedicados aos deuses como os pagãos, também não eram identificados como verdadeiros judeus. Dessa maneira, passam a ser vistos como subversivos. O desconhecido grupo dos seguidores de Jesus é visto com estranheza, e seu comportamento não é compreendido pelos demais.

A partir disso, além de peregrinos, os cristãos passam a ser perseguidos pelos poderes romanos, pelas autoridades judaicas que os denunciavam para não serem confundidos com os mesmos e pelos vizinhos que não se identificavam com os costumes cristãos, crendo que estes pertenciam a uma seita judaica cuja vida não distinguia escravos e livres.

Diante dessas circunstâncias, Gabarrón (1995) considera que o exemplo visto a partir do sofrimento de Cristo é o fundamento da nova identidade cristã. Em meio a tais injustiças e acometidos de falsas acusações, eles são chamados a viver o sofrimento com boas obras, retribuindo mal com o bem. Para tanto, longe de inculcar uma atitude revolucionária nos escravos, o autor segue um caminho não menos eficaz, consciente da novidade trazida à vida do homem por Cristo. O sofrimento e a obediência, atrelados à pessoa de Jesus, tensionam uma compreensão cristocêntrica da prática de vida.

O exemplo de Cristo que não cometeu pecado e nem revideou diante das injúrias (2,22-23) é a medida para o bem viver nas realidades de perseguição. O próprio momento da cruz revela um Deus solidário ao sofrimento humano que é concreto no tempo presente e que, no entanto, abre perspectivas de esperança pela presença e ressurreição do mestre. Trata-se, portanto, de adequar o caminho da vida ao significado da cruz de Cristo (RUBIO, 2001).

Apresenta-se no hino cristológico presente em 2,21-25 um chamado a viver segundo o exemplo de Cristo. Este dinamismo instaurado pela ressurreição não só modifica a realidade futura como também desencadeia no tempo presente uma renovação das estruturas. Os crentes já não estão desgarrados, possuem um Pastor (2,25). Assim, de acordo Cothenet (1986), a provação não é aceita de maneira passiva, mas como oferta necessária no percurso de união com Cristo.

Segundo a tradição dos sinóticos, o autor da Carta elucida que os cristãos de todos os tempos e lugares precisam fazer de Jesus Cristo o sentido mais profundo da história humana. Tal prerrogativa observa Cristo não como mero modelo em um plano teórico, pronto para ser copiado sem adesão do coração, mas de uma presença constante que atrai cristãos em seus passos, para os quais é fundamental não imitá-Lo, mas segui-Lo. No decurso das terras estrangeiras, em meio a tantas e injustas perseguições, Jesus caminha à frente e os outros o seguem; é esta consciência que refrigera os corações dos cristãos (MARCONI, 2000).

Aqueles que creem, os que se colocam em seguimento, sofrem. Neste caminho, Cristo é modelo e oferece esperança. Ele, feito servo, sofreu injustamente. Identifica os leitores da Carta com aqueles que sofrem naquilo em que o próprio Cristo sofreu. Evocado dentro dessa situação, o pensamento de 2,21-25 compõe um cenário solidário entre divindade e humanidade que pode ser endereçado a toda a cristandade futura, ou melhor, aos cristãos de todos os tempos numa eloquente e perpétua validade em seu profundo significado (MUELLER, 1988).

### **Considerações finais**

Jesus ensinou às pessoas do seu tempo a verem a realidade de uma nova maneira, encontrando Deus no fundo da vida. A presença do ressuscitado é constante na vida dos discípulos e das discípulas. No cotidiano da vida, Deus é presente; diante dos so-

frimentos, Ele se faz presença constante; em relação às injustiças, Deus é solidário.

A liberdade é constitutiva da vida dos que creem. Nascida do coração de Deus, manifestada nas relações, ela se fundamenta no princípio evangélico da prática do bem. O evangelho não apresenta uma fórmula pronta a ser seguida, antes, propõe um princípio que orienta as atitudes a serem tomadas diante de cada situação. Contudo, cabe ao cristão a decisão, diante da realidade que vive, orientar suas práticas. Tudo isso é marcado por um risco; no entanto, é o risco da liberdade.

Atualmente, o Papa Francisco exorta aos cristãos a viverem em comunidade de modo autêntico, marcados pela fraternidade e pela reconciliação, e assim atrairão a muitos com essa luz (EG 99). Revisitar a Primeira Carta de Pedro, sobretudo a perícopelucidada neste capítulo, nos ajuda a fazer da vida um verdadeiro discipulado. Em outras palavras, os seguidores de Jesus entregam ao coração misericordioso de Deus as atividades do dia a dia, a vida comum, as frustrações e todas as injúrias recebidas pelas relações de poder ocasionadas pela vida em sociedade e, ao tempo que confiam, constroem a paz e a justiça.

Viver como verdadeiros seguidores e seguidoras é estar disposto sempre a retomar o caminho feito por Jesus, suas relações cotidianas, seus gestos. O entusiasmo evangélico interpela o crente a manter renovado em seu interior a grandeza do tesouro da vida presente na prática cristã. É preciso sustentar esta convicção: somos discípulos e, no caminho da vida, não estamos a sós; oferecemos glória a Deus através do amor que nos conduz (EG 265-266).

# Comportamento entre mulheres e maridos (1Pd 3,1-7)

*Maria de Fátima Boletti Vitaliano<sup>1</sup>*

## **Introdução**

Nesse capítulo, pretendemos analisar a perícopre de 1Pedro 3,1-7, bem como, através da teologia, encontrar explicações para os matrimônios da época e a sugestão do comportamento entre mulheres e homens e, por fim, através da hermenêutica, refletir a situação vivida hoje, nos relacionamentos conjugais. O autor da Carta instrui a comunidade através de normas de condutas cristãs para os relacionamentos matrimoniais. Baseando-se principalmente na posição que a mulher ocupava na sociedade de sua época e também com a existência de casamentos mistos, ou seja, casamentos de cristãos com pessoas de fora do âmbito do cristianismo.

No texto, nota-se a atenção dos maridos, de como devem portar-se em relação às esposas, pensando na “fragilidade corporal da mulher e a igualdade espiritual na partilha da herança do céu” (BÍBLIA DO..., 2017, p. 2.486). O objetivo, porém, é exortar os cônjuges a viverem uma vida digna, bela, com comportamentos exemplares, um matrimônio santo, para conquistarem os não crentes através do testemunho a louvar a Deus e a seguirem os caminhos da vida cristã. O autor recorda que todos são herdeiros da mesma graça, das mesmas promessas de Deus; por isso,

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mes-tranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

todos devem buscar viver nesta santidade e servir ao plano maior, que é o plano da salvação.

## **1. A situação das mulheres na época**

A distinção entre mulheres e homens dentro de uma cultura reflete a forma que os pais têm para formar a identidade de seus filhos, a maneira de educar e orientá-los para a vida. “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). A mulher também faz parte da criação e da semelhança a Deus. “O feminino e o masculino são uma dimensão da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus” (BOFF, 2007, p. 21). Um outro texto complementa: “Deus modelou uma mulher a partir da costela que tirara do homem” (Gn 2,22). Portanto, Ele não tirou a mulher da cabeça do homem, para que essa ficasse acima, nem dos pés, para que ficasse embaixo, portando a constituiu do lado do homem, para ser sua companheira.

Apesar da sua fragilidade física, a mulher ainda era vista como fonte de sedução. A visão do autor da Carta em 3,1-7 segue a cultura da época, porém abre uma possibilidade à mulher, de influenciar positivamente o marido, através de seu comportamento determinado pelo seguimento de amor na vida cristã e no temor a Deus. O objetivo do autor é de superação do modelo patriarcal. “Ensaíam-se formas para as mulheres alcançarem de seus maridos atitudes mais adequadas à vida de um verdadeiro casal, e não de um proprietário e sua posse como era vista na época a relação marido-mulher” (NOVA..., 2013, p. 1.490).

## **2. O contexto da perícópe**

Essa perícópe é apresentada na sequência de textos que expressam a preocupação do autor com situações de hostilidade, perseguições e injustiças vividas pelas comunidades. Ao dar orienta-

ções sobre o matrimônio, ele indica várias recomendações, buscando a harmonia conjugal e, com isso, procura atrair homens e mulheres para que sejam exemplo na vida cristã. Perante tais circunstâncias, o autor destaca os ensinamentos de Jesus e o temor a Deus, buscando sempre viver em sua graça conforme proposto pelo Evangelho anunciado. Assim, o pecado deve ser eliminado, a defesa da vida e o amor à justiça devem prevalecer. No texto, podem-se perceber também traços de uma cultura machista, reflexo da sociedade da época, que deve ser superada pela graça divina.

### 3. Análise do texto

A seguir o texto será analisado tomando por base as expressões mais significativas do texto; antes será transcrita a passagem, objeto deste estudo, conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém (2004).

<sup>1</sup>Da mesma maneira, vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos, para que, ainda quando alguns não creiam na Palavra, sejam conquistados sem palavras, pelo comportamento de suas mulheres, <sup>2</sup>ao observarem o vosso comportamento casto e respeitoso. <sup>3</sup>Não consista o vosso adorno em exterioridades, como no trançado dos cabelos, no uso de joias de ouro, nem no trajar vestes finas, <sup>4</sup>mas nas qualidades pessoais internas, isto é, na incorruptibilidade de espírito manso e tranquilo, que é coisa preciosa diante de Deus. <sup>5</sup>Com efeito, era assim que as santas mulheres de outrora, que punham sua esperança em Deus, se adornavam, estando sujeitas aos seus próprios maridos. <sup>6</sup>É o que vemos em Sara, que foi obediente a Abraão, chamando-lhe senhor. Dela vos tornareis filhas, se praticardes o bem e não vos deixardes dominar pelo medo. <sup>7</sup>Do mesmo modo vós, maridos, sede compreensivos em vossa vida conjugal, tributando às vossas esposas a honra devida a companheiras de constituição mais delicada, co-herdeiras da graça da Vida, para evitar que vossas orações fiquem sem resposta (1Pd 3,1-7).

*a. Exortação às mulheres (3,1-7)*

“Vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos” (v. 1). O que se pede às mulheres aqui é que sejam submissas aos maridos, visando a um bem maior. “A imagem do matrimônio era usada pelos profetas para significar a união que Deus deseja realizar com seu povo” (MESTERS; OROFINO, 2019, p. 70). A ideia de matrimônio apresentada é baseada na estrutura social em que viviam, e na semelhança entre Cristo e a Igreja. O autor enfatiza que a mulher deveria seguir os padrões culturais da época, pensando em mudanças possíveis para seus maridos. Um outro texto complementa: “Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos” (Ef 5,24).

Através desse comportamento em que “alguns maridos que não creiam na Palavra, sejam conquistados sem palavras pelo comportamento de suas mulheres” (v. 1). Espera-se que o exemplo das mulheres possa influenciar maridos não cristãos, a seguirem o cristianismo, ou que o marido seja santificado pela esposa cristã. A submissão é usada como instrução e caminho para ganhar o cônjuge através do testemunho de vida. R. Feldmeier afirma que

a submissão não é exigida em causa própria, mas que, por esse intermédio, se espera das mulheres que elas assumam um papel ativo na missão: no ‘ganho’ de pessoas que lhes são socialmente superiores e, portanto, mais poderosas (FELDMEIER, 2009, p. 159).

A motivação para o comportamento de submissão deve ser o temor a Deus que orienta o caminho de uma vida plena e consciente de sua missão. “A submissão consciente é interpretada como a possibilidade que se oferece às pessoas mais fracas de convencerem os maridos não-cristãos através de uma conduta pura” (FELDMEIER, 2009, p. 159). Por isso, o autor apela para o bom senso e a submissão consciente, pensando no ganho que este comportamento trará para toda a comunidade.

*“Comportamento casto e respeitoso”* (v. 2). Seguindo as orientações do modo de vida cristã, as mulheres devem buscar um comportamento casto, no sentido de pureza, inocência, sem mácula, determinado pelo temor a Deus. Respeitoso na sua importância, extraordinário na sua essência, conseguindo, assim, influenciar seus maridos na mudança de comportamento e conquistá-los até mesmo sem palavras, apenas pelo procedimento de suas esposas.

*“Adorno nas qualidades pessoais internas, na incorruptibilidade de espírito manso e tranquilo, que é coisa preciosa diante de Deus”* (v. 4). O autor ressalta que as mulheres procurem concentrar seus esforços em desenvolver as qualidades pessoais, buscando, acima de tudo, cuidar do interior do coração: a preocupação com o caráter e atitudes coerentes, acrescidos com o espírito manso e tranquilo, coisas que realmente agradam a Deus, diferentemente dos adornos, embelezamento e enfeites externos. São estas virtudes piedosas que enfeitam e conferem dignidade a uma mulher.

*“Assim que as santas mulheres de outrora, que punham sua esperança em Deus, se adornavam”* (v. 5). O autor busca, na história do povo de Deus, exemplos de como as mulheres do passado se santificavam, adornavam o coração com caráter histórico-salvífico, apesar de muitas não receberem nomes na Bíblia. Diante das dificuldades que o povo enfrentava, as mulheres assumiam o protagonismo de seu tempo e agiam de inúmeras formas, mostrando coragem e astúcia em defesa do povo de Deus. A obediência se dava mais por amor do que temor.

*“É o que vemos em Sara, que foi obediente a Abraão, chamando-lhe senhor. Dela vos tornareis filhas”* (v. 6). Recorre-se à memória de Sara, uma das Matriarcas da fé, que, juntamente com Abraão, foram responsáveis pela transmissão das promessas de Deus. “Sara é a mulher livre cujo filho é um filho da promessa” (MCKENZIE, 2015, p. 776). Ela era considerada estéril, porém concebeu um filho na velhice devido à promessa e à bênção conferida a seu

esposo Abraão, um dos pais da fé. “O Senhor visitou Sara, e fez por ela como prometera. Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão, já velho, no tempo que Deus tinha marcado” (Gn 21,1-2). Sara foi obediente ao seu marido Abraão, a quem chamava de senhor (Gn 18,12). É este modelo que é sugerido às mulheres das comunidades, pois com isso se tornarão filhas da matriarca do povo de Deus.

*“Se praticardes o bem e não vos deixardes dominar pelo medo”* (v. 6). O autor sugere que a motivação deve ser sempre a prática da justiça e o temor a Deus, pois, como pessoas livres e confiantes em Deus, devem encorajar-se para o enfrentamento dos desafios e não se intimidar perante as tentações do mundo. A submissão das mulheres, na sociedade antiga, apresentada na Carta, não deve ser fundamentada na inferioridade do gênero feminino, mas sim na prática do cristianismo, a serviço da Igreja e dos irmãos.

#### *b. Exortação aos maridos (3,8)*

*“Vós maridos, sede compreensivos em vossa vida conjugal”* (v. 7). Aos maridos é solicitada a compreensão, porque desta maneira promoverão relacionamentos que agradam a Deus. O autor chama a atenção dos maridos sobre o amor e o respeito às companheiras. Um outro texto complementa: “Maridos, amai as vossas mulheres e não as trateis com mau humor” (Cl 3,19). O amor conjugal leva ao sacrifício de si mesmo. Exige cuidado, afeto e ternura. “A fraqueza das mulheres não concede aos homens o privilégio da superioridade, mas convida-os para a responsabilidade em relação às pessoas mais fracas” (FELDMEIER, 2009, p. 162).

*“Tributar a honra devida”* (v. 7). O autor conclama os maridos a viverem de maneira sensata, e destaca a necessidade que estes tenham em reconhecer o valor das companheiras de caminhada e de convivência. “Um aspecto do mistério da salvação é a relação entre Cristo e sua Igreja, uma relação tão íntima que é como a relação entre marido e mulher, que só alcança sua pleni-

tude nos cristãos quando os esposos se amam” (MCKENZIE, 2015, p. 544).

“*De constituição mais delicada*” (v. 7). A expressão deixa transparecer que o autor se refere à constituição física, já que em muitos textos na Bíblia, a mulher é considerada inferior ao homem. Mas também pode estar chamando a atenção para o cuidado que os esposos devem ter com suas esposas perante a posição social ocupada pelas mulheres.

“*Co-herdeiras da graça da Vida*” (v. 7). As mulheres também são herdeiras da graça da Vida. O texto se baseia na igualdade; todos são iguais perante Deus. O Espírito não faz distinção entre homens e mulheres, estrangeiros ou escravos. Quando Paulo escreve aos Gálatas, ele reforça que somos um só em Cristo. Através do Batismo, tornamo-nos novas criaturas, revestimo-nos de Cristo, somos descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gl 3,27-29). “Em Cristo, todas as barreiras são superadas. Acaba o machismo que subjugava a mulher, pois não há mais homem nem mulher. Realiza-se o sonho de uma nova humanidade” (NOVA..., 2013, p. 1.422). Em Cristo, quem estiver atento à sua Palavra e orientações passa a ter comportamento renovado e protegido pela graça.

“*Evitar que as orações fiquem sem resposta*” (v. 7). O comportamento do marido deve ser coerente com os preceitos cristãos, visando à harmonia no matrimônio, local da primeira experiência de Igreja. A Igreja doméstica, onde homem e mulher devem caminhar juntos, partilhando suas vidas em comunhão com Deus. É necessário, através do amor e do respeito, tornar possíveis e eficazes suas orações. Pois, fazendo a vontade de Deus, nunca ficarão sem resposta e, conseqüentemente, uma resposta positiva, que visa ao bem comum.

#### 4. Análise teológica

O texto sugere às mulheres submissão aos maridos e também comportamento exemplar, principalmente ligado à moral sexual, para que, desta forma, possam influenciar os maridos na observância da fé e no seguimento de Jesus Cristo. O autor recomenda essa submissão, não em causa própria, mas pensando num ganho maior para o cristianismo, pensando, sobretudo, na correlação entre Cristo e a Igreja e, no matrimônio, o homem é comparado a Cristo, que é a cabeça da Igreja.

Não podemos esquecer que “naquela sociedade patriarcal dominada e controlada pelos varões: a mulher é propriedade do varão. E o decálogo santo do Sinai considerava-a uma propriedade a mais do dono da casa” (PAGOLA, 2019, p. 256). A sociedade era baseada neste modelo hierárquico; a mulher fazia parte das propriedades do marido (Ex 20,17; Dt 5,21). Na literatura teológica cristã, o homem como sexo masculino é colocado como “protagonista principal na história da salvação. Na visão humanocêntrica, a humanidade, homem e mulher constroem a história, que se relacionam entre si e com a divindade” (GEBARA; BINGEMER, 1994, p. 13). Ou seja, toda humanidade é Templo, Morada de Deus. Todos são responsáveis uns pelos outros ao apelo de Deus para a conversão.

Supera-se, assim, a visão hierárquica das mediações muito presentes nas antigas religiões e, principalmente, no judaísmo. A submissão da mulher ao homem, não pode, em hipótese alguma, ser justificada pelo direito divino. Quando Maria responde ao Anjo: “Eis a serva do Senhor” (Lc 1,38), ela tem plena consciência de ser criatura em relação a Deus. Mais tarde, Cristo vai dizer que “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45). Também Cristo tem a consciência de ser “Servo do Senhor”, conforme a profecia de Isaías. Cristo vai demonstrar a todos a dignidade real do serviço, que está ligada à vocação de todo ser humano. “É impressionante que, há oitocentos anos,

Francisco de Assis recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma ‘submissão’ humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé” (FT 3).

O comportamento casto e respeitoso exigido das mulheres permitiria uma conquista de adeptos ao cristianismo. Maridos que ainda não acreditassem na Palavra seriam conquistados sem palavras apenas pelo comportamento das esposas. O que importa de fato são as atitudes de cada pessoa na prática dos valores cristãos, na busca de amor ao próximo, como o próprio Cristo ensinou. A vivência da fé de maneira emblemática, através do testemunho de vida das mulheres, possibilita eliminar a visão de seres superiores e inferiores; todos têm seu valor especial diante de Deus.

O autor faz referência a *Sara* (em hebraico *Sarah*: princesa) e destaca a sua importância no Antigo Testamento; esposa de Abraão e uma das Matriarcas da fé, era “chamada Sarai e teve seu nome mudado por ordem divina, significando eleição (Gn 17,15). Sara era estéril, não podendo gerar filhos; isso significava que a geração acabava ali. A falta de filhos era vista como castigo divino. Nestas condições, dentro da sociedade judaica a mulher era desonrada por não ter filhos. Era uma sociedade machista, inclusive com apoio da religião, que permitia ao homem buscar outra esposa, caso essa não lhe desse filhos após dez anos de vida conjugal, ou ainda, dar-lhe carta de divórcio.

Mas Deus visitou Sara e se dignou a tirá-la da humilhação. E, quando Deus visita o seu povo, este recebe a benevolência. “Ao filho que lhe nasceu, gerado por Sara, Abraão deu o nome de Isaac” (Gn 21,3). E, pelas narrativas, podemos perceber Sara bem diferente dos padrões apresentados na época; não é submissa, nem “um bom exemplo para a confiança em Deus” (FELDMEIER, 2009, p. 161). Através da risada descrente (Gn 18,12), ela duvida das promessas divinas. Mas Deus cumpre tudo que prometera.

Ao destacar a necessidade de tributar à mulher a honra devida, ressalta-se o valor da mulher no relacionamento conjugal,

como exigência do próprio cristianismo. Também o reconhecimento da “companheira de constituição mais delicada”, porém capaz de assumir diversas funções: na criação dos filhos, nos cuidados com o lar e colaboradora na sociedade. Com isso, busca-se valorizar a mulher em suas qualidades distintas, bem como o respeito à sua dignidade. Outro texto complementa: “E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos” (Ef 5,25.28).

Na Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, já se apontava para esta realidade de desigualdade que exigia superação:

Na América Latina e no Caribe é necessário superar a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, onde a relação entre a mulher e o homem é de reciprocidade e colaboração mútua. Trata-se de harmonizar, complementar e trabalhar somando esforços. A mulher é co-responsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana (CONSELHO..., 2015, p. 452-453).

As mulheres são indicadas como coerdeiras da graça da Vida (3,7). Lembremos que a igualdade de condições que todos têm perante Deus não é privilégio dos homens. Todos receberam o dom da graça; portanto, homens e mulheres têm os mesmos direitos. Mas a herança também está relacionada à promessa feita aos patriarcas no Antigo Testamento. A terra de Canaã seria o conteúdo dessas promessas; portanto, a terra era chamada de herança, dada por Deus, ao povo de Israel. No Novo Testamento, a herança está ligada geralmente ao Reino de Deus, à salvação, à glória, ou até mesmo à vida eterna, onde a herança fundamental é destinada à humanidade inteira. “O envio deste Filho, consubstancial ao Pai, como homem nascido de mulher, constitui o ponto culminante e definitivo da autorrevelação de Deus à humanidade. A mulher encontra-se no coração deste evento salvífico” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 13). “A mulher é

herdeira da salvação e através de uma mulher, veio a salvação ao mundo” (Gl 4,4).

## 5. Hermenêutica (atualização)

Jesus convida os discípulos a serem “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16). Ao escutar e acolher as palavras do Mestre Jesus, não se pode ficar em estado de conformismo, ou apenas buscar o bem-estar pessoal. Seus ensinamentos geram compromisso, para tornar o mundo melhor e mais justo. “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros” (EG 2). A sociedade atual, através de suas múltiplas ofertas de consumo, provoca comportamentos individualistas e prazeres superficiais cada vez mais presentes nos seres humanos.

Podemos refletir também sobre a violência sofrida pelas mulheres, em casamentos desestruturados pela falta de maturidade dos cônjuges, onde o machismo impera, desrespeitando direitos e a dignidade da mulher, causando separações ou até feminicídio.

A Bíblia relata que José era um homem justo (Mt 1,19), não denunciou Maria, aceitou-a como esposa, e Jesus pôde nascer em segurança. José agiu diferente da justiça dos escribas e fariseus. “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). Grande parte da sociedade rejeita os que pensam e agem diferentemente da maioria. Provocando, assim, a discriminação de ideias contrárias ao padrão estabelecido, perde-se a oportunidade do debate e do crescimento com o diferente.

Vivemos em uma época ainda marcada por profundo machismo; infelizmente, muitas vezes as mulheres também são reprodutoras desse comportamento: quando em casa com os filhos, ao desenvolverem uma educação diferenciada para meninos e meninas; quando na sociedade deixam de valorizar uma outra mulher, por sentimentos egoístas. Como romper com essa cultu-

ra? Jesus ensinou práticas revolucionárias para a época, provocando escândalos aos moralistas:

A prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível: falou com elas (Jo 4,27), teve singular misericórdia com as pecadoras (Lc 7,36-50), curou-as (Mc 5,25-34), reivindicou a dignidade delas (Jo 8,1-11) escolheu-as como primeiras testemunhas de sua ressurreição (Mt 28,9-10) e incorporou mulheres ao grupo de pessoas que eram mais próximas (Lc 8,1-3). A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja (CONSELHO..., 2015, p. 451).

Mesmo depois de tanto tempo, nossa Igreja parece ter avançado muito pouco. Grande parte das comunidades, hoje no Brasil, são organizadas pelas mulheres. Mas quando pensamos nas Coordenações Pastorais, nos Ministérios Ordenados, na Teologia escrita por mulheres e tantas outras áreas, não é isso que acontece na prática. A Igreja precisa viver, de fato, o amor e os ensinamentos de Jesus, bem como reconhecer o valor das mulheres no cotidiano eclesial.

### **Considerações finais**

Através desse capítulo foi possível analisar a situação conjugal da época e a proposta do autor de 1Pd 3,1-7 para uma convivência matrimonial harmônica, baseada nos ensinamentos de Jesus. Onde os atrativos femininos fossem as qualidades pessoais internas, no comportamento reto, incorruptível e sereno, assim poderiam influenciar seus maridos a uma prática cristã, mais agradável a Deus.

Possibilitou também uma reflexão a respeito da posição que a mulher ocupava na sociedade da época, mas também atualmente. Sobre as dificuldades em romper com o machismo dentro e fora da Igreja, ainda hoje muito presente em nossas comunidades e que tanto dificulta o desenvolvimento do verdadeiro Evangelho

de Cristo. Aos maridos, o autor destaca a necessidade de um comportamento honroso em relação às mulheres. E se faz necessário rever as posturas autoritárias e dominadoras, corrigir atitudes machistas, visando à construção de uma sociedade igualitária, mais humana, mais parecida com as práticas de Jesus.

# Entre irmãos e irmãs: o comportamento para a vida fraterna (1Pd 3,8-12)

*Márcio José Pelinski<sup>1</sup>*

## **Introdução**

No contexto da Carta, a grande seção (1Pd 2,11-3,12) objetiva o aconselhamento dirigido aos discípulos sobre sua conduta em uma certa hierarquia: em primeiro lugar, com instruções para todos os cristãos para sua atuação na vida em sociedade (1Pd 2,11-12) e no trato para com as autoridades (1Pd 2,13-17); em segundo, sobre os servos/escravos trabalhadores nas casas e a relação com seus senhores (1Pd 2,18-25) e depois o comportamento mútuo entre maridos e esposas (1Pd 3,1-7). Por fim, a perícopos de 1Pd 3,8-12 é a conclusão geral desta seção de caráter mais exortativo sobre o comportamento dos cristãos. Na essência da mensagem, os destinatários são lembrados de que Cristo é o pleno modelo de vida e conduta dos discípulos (MUELLER, 1988, p. 183).

Neste capítulo, em um primeiro momento será apresentada a perícopos de 1Pd 3,8-12 seguida da análise dos cinco versículos, destacando algumas palavras e/ou elementos teológicos de cada versículo. Por fim, será colocada uma breve hermenêutica do texto para uma atualização pastoral da mensagem da Primeira Carta de Pedro.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia com concentração em Exegese e Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Teologia e Humanidades do Centro Universitário Internacional Uninter.

Como preparação ao comentário dos versículos, eis a perícope da Primeira Carta de Pedro de que trata este capítulo, conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém (2004, p. 2.116):

<sup>8</sup>Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito.

<sup>9</sup>Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção.

<sup>10</sup>Com efeito,

Aquele que ama a vida e deseja viver dias felizes,  
Guarde sua língua do mal

E seus lábios de proferir mentiras;

<sup>11</sup>afaste-se do mal e pratique o bem,  
busque a paz e siga-a;

<sup>12</sup>porque os olhos do Senhor estão sobre os justos e seus ouvidos atentos à sua prece, mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal (1Pd 3,8-12).

## 1. Análise de 1Pd 3,8-12

A análise de alguns elementos principais do texto será feita por versículos conforme os tópicos que se seguem.

a. *“Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito” (1Pd 3,8)*

O autor inicia o versículo com “finalmente” (em grego: *to de telos*) como que para encerrar o que está dizendo e de forma sistemática introduzir um pensamento que resume e que coroa sua reflexão (MUELLER, 1988, p. 184).

Na sequência do versículo, o ideal da vida comunitária cristã é sintetizado pelo autor em cinco qualidades: unânimes (*homofrones*), compassivos (*sympatheis*), cheios de amor fraterno (*filadelfoi*), misericordiosos (*eusplanchnoi*) e humildes de espírito (*tapeinofrones*) (MUELLER, 1988, p. 184-185; DALTON, 2011, p. 661). A pesquisa de Mueller indica também um grande paralelismo con-

ceitual dos v. 8-9 com a perícopa de Rm 12,9-21 que também trata de normas e virtudes da vida cristã (MUELLER, 1988, p. 183).

Escrevendo para todos os peregrinos e forasteiros da dispersão, estas qualidades essencialmente humanas independem da origem geográfica e identidade étnica dos membros das comunidades destinatárias da Ásia Menor, que, como afirma a própria Carta em 1Pd 2,10, são formadas também por não judeus (*gentios*), que se tornaram membros do povo de Deus em Cristo Jesus (BARCLAY, 1956, p. 40).

O uso do primeiro adjetivo “unânimes” (*homofrones*) indica um mesmo sentimento que ocorre de forma comunitária. Mueller indica neste uso uma influência ou possível relação com Atos dos Apóstolos, onde “a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma” (At 4,32; ver também Fl 2,2; Rm 12,16) (MUELLER, 1988, p. 185). Este uso sugere um movimento de convergência ou congregação entre algo que está disperso.

Sobre a aplicação de *sympatheis* (compassivos / compadecidos), trata-se da capacidade humana de sentir junto com outras pessoas, ou seja, a capacidade de colocar-se no lugar/situação de outrem.

No centro dos cinco adjetivos elencados no v. 8, está a expressão “cheios de amor fraterno” ou “fraternamente amigos”, que no grego é a palavra “*filadelfoi*”, usualmente relacionada com o amor entre irmãos. Este tema da fraternidade que se repete em 1Pd 1,22; 3,8 e 4,8 indica uma espécie de compensação interna, diante da hostilidade vivida fora dos grupos cristãos.

Logo após, aparece o adjetivo “misericordiosos” (*eusplanchnoi*). Esta expressão, mais do que ações, indica uma espécie de predisposição, uma energia interior, ou uma forma de ser e agir provinda desta “misericórdia”, palavra que significa “de boas entranhas” e que tem o uso no grego dos textos neotestamentários influenciado pelo hebraico *rahamim*, utilizado para descrever algumas vezes as relações interpessoais com pessoas de alguma for-

ma inferiorizadas (MUELLER, 1988, p. 185) e aparece também para manifestar o “ventre compadecido” da verdadeira mãe, na disputa entre as mulheres pela maternidade da criança diante de Salomão (1Rs 3,26). O uso do verbo grego que dá origem a *eusplanchnoi* no Evangelho de Lucas (*splangchnoi*), conforme o estudo de Perondi, quando aparece nas atitudes de Jesus, tem por objetivo manifestar a divindade de seu agir e, quando aparece em outro personagem (Lc 7,13; 10,33; 15,20), quer valorizar um ato extremo de misericórdia humana (“mover-se de compaixão”, “revirar as entranhas”) (PERONDI, 2015, p. 156). Por fim, o uso de “humildes de espírito” (*tapeinofrones*) designa alguém de sentimento humilde capaz de aceitar de forma resignada grandes provações (ver também Fl 2,3; Rm 12,3.16).

b. *“Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção” (1Pd 3,9)*

Depois de abordar as relações internas da comunidade, entram em cena as relações com os não cristãos. Neste versículo, vemos no autor um empenho no sentido de superar a lei de Talião (Ex 21,24-25) com um conselho essencialmente bíblico de não responder o mal com o mal (1Sm 24,18; Rm 12,14-18). Conforme as Escrituras, a aceitação resiliente de um mal recebido é um ensinamento bastante comum no cristianismo nascente (Mt 5,38-39; Rm 12,17; 1Ts 5,15) (MUELLER, 1988, p. 186).

Os destinatários são convidados a invocar as bênçãos de Deus e não amaldiçoar. A história da salvação “retrata uma história da bênção” (ANDRADE, 2018, p. 52) na bênção da criação (Gn 1,22.28), na bênção sobre Noé, na bênção sobre Abraão (Gn 12,3). O tema da bênção *versus* maldição também será tratado como adesão (Dt 23,1-14; Dt 30,19) ao cumprimento do caminho (vontade) de Deus (Dt 30,16; Sl 1,1ss.; Sl 21,3). Se a bênção para o Antigo Testamento indica uma relação vertical (pessoa + Deus), no Novo

Testamento esta troca com o transcendente passa obrigatoriamente por uma relação também horizontal (pessoa + próximo + Deus). Os cristãos são os “herdeiros das bênçãos do Antigo Testamento (Gn 27,29; 49,25-26)” (DALTON, 2011, p. 661). O tema da fraternidade de 1Pd 3,9 coloca os discípulos na plenitude da salvação, para que neles aconteça a plena realização da promessa divina ao ancestral Abraão de “Sê tu uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão abençoados todos os clãs da terra” (Gn 12,2-3).

c. *“Com efeito, aquele que ama a vida e deseja viver dias felizes, guarde sua língua do mal e seus lábios de proferir mentiras” (1Pd 3,10)*

Diante das calúnias e dos embates, sobretudo com os não membros da comunidade, ganha grande valor moral o não envolvimento em mentiras. O “guardar a língua” é uma conduta condizente e digna espelhada na atitude do mestre Jesus e é tema recorrente tanto no Antigo como no Novo Testamento (Pr 10,19-32; 13,3; 1Pd 2,1; Rm 1,29-31; Ef 5,3-4; Cl 3,8; Tg 3,1-12; Ap 21,8). A força e o respeito com o bom uso das palavras, que no século XXI nos parece um exagero, é algo intrínseco da cultura de sociedades antigas, que davam ao falar um valor sagrado. Este tema da aceitação/resiliência de um “justo que sofre” provém de uma teologia que surgiu sobretudo no período do Exílio na Babilônia (séc. VI a.C.) nos textos do *servo sofredor* de Isaías, será retomado pelo livro de Jó em oposição à teologia da retribuição e será amplamente aplicado no Novo Testamento, reconhecendo em Cristo a plena materialização deste justo sofredor.

A literatura sapiencial do livro dos Salmos é vivência e aplicação da resposta da pessoa/comunidade à Aliança e teve um amplo uso no cristianismo primitivo como inspiração de conduta. O hagiógrafo conhecedor desta adesão ao saltério faz uso desde o v. 10 até o v. 12 de uma paráfrase adaptada de uma parte do Salmo 34 (vv. 12-16), que reproduzimos abaixo segundo a Bíblia

de Jerusalém (2004, p. 896) comparando com a Primeira Carta de Pedro, também da BJ para simples identificação textual:

**Quadro 1:** Comparação entre o Sl 34,12-16 e 1Pd 3,8-12

Sl 34,12-16	1Pd 3,8-12
<p><sup>12</sup>Filhos, vinde escutar-me,  Vou ensinar-vos o temor de Iahweh.  <sup>13</sup>Qual o homem que deseja a vida,  e quer longevidade para ver a felicidade?  <sup>14</sup>Preserva tua língua do mal  e teus lábios de falarem falsamente.  <sup>15</sup>Evita o mal e pratica o bem,  Procura a paz e segue-a.  <sup>16</sup>Iahweh tem os olhos sobre os justos,  E os ouvidos atentos ao seu clamor.</p>	<p>Finalmente, sede todos unânimes,  compassivos,  cheios de amor fraterno, misericordiosos e  humildes de espírito.  Não pagueis mal por mal, nem injúria por  injúria;  ao contrário, bendizeis, porque para isto  fostes chamados,  isto é, para serdes herdeiros da bênção.  <sup>10</sup>Com efeito,  <i>Aquele que ama a vida e deseja viver dias  felizes,  Guarde sua língua do mal  E seus lábios de proferir mentiras;  <sup>11</sup>afaste-se do mal e pratique o bem,  busque a paz e siga-a;  <sup>12</sup>porque os olhos do Senhor estão sobre  os justos  e seus ouvidos atentos à sua prece,  mas o rosto do Senhor se volta contra os  que praticam o mal.</i></p>

Fonte: Adaptado de Bíblia de Jerusalém (2004, p. 896).

O Salmo 34 é um hino alfabético que está contextualizado em um agradecimento de alguém liberto de uma situação de perigo de vida. No uso do salmo em 1Pd, o “amar a vida” não faz projeções escatológicas, mas contemporâneas e concretas dos destinatários (peregrinos e migrantes), já que a “Vida, então, é a existência de alguém nesse mundo, sendo aqui em 1 Pedro, em parte, sinônimo de ‘o tempo de vossa peregrinação’ (1Pd 1,17)” (MUELLER, 1988, p. 188).

d. *“Afaste-se do mal e pratique o bem, busque a paz e siga-a” (1Pd 3,11)*

Este versículo, na continuidade do uso do SI 34, enfatiza um “apartar-se” do mal (*kakon*) que não é exemplificado, mas parece ser compreendido pelos receptores da mensagem, como algo contrário à vontade de Deus e que, conseqüentemente, não é bom para o ser humano. A atitude de afastar-se do mal é simples passividade, mas pode ser concretizada pelas ações de “praticar o bem”, “buscar a paz” e “seguir a paz”. A paz que, para o povo hebreu, tem sentido de plenitude de vida “*shalom*” ganha para o cristão sentido profundo; primeiro como realização messiânica das promessas do Antigo Testamento (Is 9,6-7; Is 53,5) na pessoa de Jesus (Lc 2,14; Jo 14,7) e depois como elemento essencial do ser/agir cristão (Mt 5,9) (MUELLER, 1988, p. 190; DALTON, 2011, p. 661).

e. *“Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos e seus ouvidos atentos a sua prece, mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal” (1Pd 5,12)*

Para a compreensão bíblica, os olhos e ouvidos de Deus estão em todo lugar (2Cr 16,9). É confortante para os receptores da mensagem de 1Pd saber que os olhos e os ouvidos de Deus velam por eles, pois são justos/justificados por causa de Cristo (1Pd 2,24). Se os olhos e ouvidos de Deus, que expressam acolhimento e cuidado, pousam sobre os justos, os injustos enfrentarão o terror do rosto do Senhor (Jz 13,22; Gn 32,30; 1Rs 19,13), que é sinônimo de morte e oportuniza um temível julgamento divino aos seus opositores (Ap 6,16-17). Por fim, com este versículo transposto do salmo, termina este conjunto que é o mais exortativo de toda a Carta de 1Pd (MUELLER, 1988, p. 192).

## 2. O comportamento para a vida fraterna em 1Pd 3,8-12

Em um ambiente hostil, vivido pelos grupos de peregrinos estrangeiros que estão aderindo ao caminho, o texto de 1Pd 3,8-12 indica duas receitas para o ser e agir cristão dentro e fora da comunidade.

A mensagem apresenta, em primeiro lugar, a fraternidade na vida em comunidade com a prática de quatro virtudes: sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito (v. 8). Estas práticas são de alguma forma o “cimento” que dá a liga para uma comunidade, sobretudo em um ambiente desfavorável: a unanimidade une os pensamentos segundo Cristo; a compaixão cria ambiente de simpatia e a capacidade de colocar-se no lugar do outro; o amor fraterno fortalece a aliança comunitária; a misericórdia aproxima os sentimentos com os sentimentos do próprio Deus, e a humildade é a escola para santidade.

Em segundo lugar, a Carta coloca as lições para a vivência fraterna com os de fora da comunidade. As orientações são dadas com uma hermenêutica baseada no Salmo 34 (LXX) na contraposição entre bênção e maldição. Os cristãos são herdeiros das promessas do Antigo Testamento em Cristo Jesus e, como receptores da plenitude da bênção, deverão agir de fato como portadores desta bênção imitando o mestre que “sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados” (1Pd 2,24).

Também no século XXI, as comunidades cristãs são colocadas frente aos mesmos desafios enfrentados pelos discípulos de 1Pd. Desafios internos e sentimentos de soberba dividem os cristãos. Sem a vivência fraterna *ad-intra*, faz-se impossível uma atitude de encontro com a comunidade *ad-extra*. As comunidades do século I também nos ajudam a refletir sobre um dos grandes desafios deste século, anterior e agravado com a pandemia da

*Covid-19*: as migrações. Conforme o Papa Francisco, “Muitos fogem da guerra, de perseguições, de catástrofes naturais. Outros, com pleno direito, andam à procura de oportunidades para si e para a sua família. Sonham com um futuro melhor, e desejam criar condições para que se realize” (FT 37). No Antigo Testamento, o cuidado com o estrangeiro e outras categorias de pobres estava na contrapartida da aliança (Ex 22,20-23; 23,9; Dt 10,18-19; 14,29; 16,14) e no arcabouço jurídico do povo de Israel. No Novo Testamento e no hoje da Igreja, o cuidado com os pobres do nosso tempo é também testemunho de que o cristianismo é a religião do amor a Deus que se concretiza no amor ao próximo, justificada pela plenitude da misericórdia realizada por Cristo, que olhou, ouviu e compadeceu-se do ser humano como o verdadeiro samaritano da humanidade. Este pensamento do Prof. Luiz Alexandre Rossi sobre a perícopé de 1Pd 3,8-12 contribui para os elementos conclusivos:

Se o rosto de Deus se volta contra aqueles que praticam o mal, é porque o rosto dele está plenamente voltado para aqueles que praticam o bem e procuram a paz. Percebe-se que não há lugar para neutralidade: ou estamos de um lado ou estamos de outro, ou do lado do bem e da paz ou do lado da maldade e da guerra. É possível dizer que são qualidades que possibilitam a construção do caráter e, por isso mesmo, são os hábitos que precisam ser desenvolvidos e amadurecidos (ROSSI, 2018, p. 62).

Num mundo aparentemente sem fronteiras, mas repleto de barreiras impostas pela falta de solidariedade, o projeto de vida fraterna, entre irmãos e irmãs, inspirado pela 1Pd deve motivar no agir cristão de hoje aquilo que lhe é mais essencial: comportar-se de modo a conformar os sentimentos e a vida ao projeto de Jesus (F1 2,5).

# A perseguição: consequência da fidelidade a Cristo (1Pd 3,13-17)

*Chaybom Antone Rufino<sup>1</sup>*

<sup>13</sup>E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos do bem?

<sup>14</sup>Mas se sofreis por causa da justiça, bem-aventurados sois! Não tenhais medo nenhum deles, nem fiquéis conturbados;

<sup>15</sup>Antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede;

<sup>16</sup>Fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo,

<sup>17</sup>Pois será melhor que sofrais – se esta é a vontade de Deus – por praticardes o bem do que praticando o mal. (1Pd 3,13-17)

## **Introdução**

A realidade da perseguição e do sofrimento causado pelo mal frente ao bem feito pelos cristãos é posta em evidência neste trecho petrino. Há um convite a ressignificar. Algumas ideias expressas frequentemente no decorrer da primeira Carta de Pedro se concentram nestes cinco versículos: 1) Os cristãos sempre sofrem rejeição e desonra; 2) devem fazer o que é bom, mesmo que seja motivo de sofrimento; 3) seu sofrimento é causado apenas pelo bem que fizeram e não pelo mal que poderiam fazer; 4) são abençoados justamente porque sofrem por causa de um bem rea-

---

<sup>1</sup> Graduação em Teologia pela PUC-SP, Mestre em Teologia pela PUCPR, Doutorando em Teologia no PPGT da PUCPR.

lizado; 5) sua vida cristã deve ser testemunho de sua esperança, porque a ressurreição vitoriosa de Cristo traz consigo a promessa de uma vida futura para o cristão (ACHTEMEIER, 2004, p. 390).

## 1. Análise do texto

a. “E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos do bem?” (v. 13)

A perícopé inicia, no texto em grego, com uma conjunção coordenada (*kaì*: e), que leva a uma pergunta retórica, cuja resposta é colocada como uma antítese da perseguição aos cristãos, por ser esta um princípio que a comunidade de fé começa a experimentar, e não à Igreja institucional (MARCONI, 2000, p. 113). Uma das possibilidades para entender o “fazer o mal” remete à expressão evangélica: “Não temais os que matam o corpo, mas não matam a alma” (Mt 10,28) assim como outras passagens, no sentido de “causar mal ao espiritual da pessoa”, algo que seria impossível, pois o cristão é guardado do mal pelo Senhor. Se eles se mantiverem “em Cristo” (3,16) e zelosos do que é bom, o mal não conseguirá alcançá-los. (MUELLER, 1988, p. 193). O mal aqui é o enfraquecimento ou a perda da fé cristã (DALTON, 2011, p. 661). Embora seja viável, e até mesmo claramente simplificada, essa interpretação traz consigo algumas dificuldades expressas nas seguintes construções: pelo uso do verbo (*kakóo*: fazer mal, maltratar) no sentido comum de fazer mal ou perseguir, usado várias vezes nos Atos dos Apóstolos: 7,6.19; 12,1; 14,2; 18,10, sem identificar que tipo de mal está sendo realizado. Em nenhuma parte da Carta aparece uma perseguição generalizada que seja realizada ainda por parte das autoridades civis, pois posteriormente os cristãos assim o serão (MUELLER, 1988, p. 193).

Outra dificuldade está no uso do substantivo zelosos (*zelo-tai*), que remete, na Palestina, no tempo de Jesus, a um grupo partidário, fanático e revolucionário (JEREMIAS, 2020, p. 101), de forte ideologia antirromana, que tinha a intenção de tomar a

cidade de Jerusalém à força e expulsar os romanos (JEREMIAS, 2020, p. 105). A revolta deles culminou na invasão de Jerusalém pelas forças imperiais bem como na destruição da cidade no ano 70 d.C. (MUELLER, 1991, p. 193). Em algumas versões (em especial, a bizantina), o termo *zelotai* é substituído por imitadores (*mimetai*), talvez para não se vincular ao partido radical (ACHTEMEIER, 2004, p. 388). É certo que o autor não está fazendo uma apologia ao grupo radicalista, mas chamando a atenção para que caminhem em direção à radicalidade da prática do bem no mundo. Para que sejam entusiastas como “zelosos pelas boas obras” em Tt 2,14d (SELWYN, 1987, p. 191), e que permaneçam corajosos na fé mesmo diante do sofrimento que se aproxima (ACHTEMEIER, 2004, p. 388).

b. *“Mas se sofreis por causa da justiça, bem-aventurados sois! Não tenhais medo nenhum deles, nem fiqueis conturbados” (v. 14)*

O “se” não garante que a possibilidade do sofrimento seja remota, mas, enquanto ideia de condição, serve para minimizar a introdução de um assunto doloroso aos crentes (DALTON, 2011, p. 661). O fato é que, mesmo que a sociedade como um todo se apegue ao bem, grupos dentro dela podem agir de forma contrária (MUELLER, 1988, p. 194), buscando impedir que o bem seja feito, gerando, assim, grande sofrimento. No texto em grego, o verbo sofrer (*páschoite*), que também aparece na mesma raiz em 1Pd 2,19, 29 e 23, está no optativo, uma forma bem rara que aparece no Novo Testamento, e demonstra a possibilidade do sofrimento por causa da fidelidade à justiça (ACHTEMEIER, 2004, p. 391). Para uma parte dos zelosos isso já é uma realidade (os servos 1Pd 2,18-20), mesmo que não seja constante. As comunidades já experimentaram vários tipos de provações frente à sociedade (1Pd 1,6) e que lhes causaram tristezas. Parece que se coloca a possibilidade de que os maus-tratos sejam intensificados pela maldade dos não crentes (MUELLER, 1988, p. 194).

A expressão por causa da justiça ou retidão (*dià dikasiosí-  
nen*) introduz uma restrição àquele sofrimento suportado por  
Nosso Senhor, e à aflição dos cristãos pela fidelidade a Jesus  
(ACHTEMEIER, 2004, p. 392). A justiça é o agir do ser huma-  
no em conformidade com a vontade de Deus. É o desejo de fa-  
zer a vontade de Deus (MICHELINI, 2013, p. 98). O autor aqui  
remete a duas grandes relações do sofrer da comunidade: a pri-  
meira com o servo de YHWH ou servo sofredor em Is 53; e a  
segunda relação, mais direta (de forma que se utiliza das mes-  
mas formas no grego) com Mt 5,6 (bem-aventurados os que têm  
fome e sede de justiça, porque serão saciados) e Mt 5,10 (bem-  
aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque  
deles é o Reino dos Céus).

Este sofrimento é por causa da justiça, o que aqui clara-  
mente corresponde à religião dos cristãos (em 4,14, eles sofrem  
“pelo nome de Cristo”; e em 4,16, “como cristãos”). A escolha  
da palavra muito provavelmente se deve a que o autor está aludindo  
ao conhecido dito de Jesus “bem-aventurados os que são per-  
seguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”  
em Mt 5,10. O sentido, então, seria algo como “sofrer por procu-  
rar fazer a vontade de Deus” (MUELLER, 1988, p. 194).

Mas justiça não se limita ao religioso, como hoje tende-  
mos a fazer, divorciando a religião da vida na sociedade. Estar do  
lado da justiça significa se opor a toda forma de injustiça e, certa-  
mente, num mundo em que esta tende a se impor de mil e uma  
maneiras, optar pela justiça pode representar sofrimento (como  
revela a vida de muitos profetas do AT); a perseguição acaba sen-  
do uma consequência, por causa do empenho de vida para cum-  
prir a vontade de Deus. Quando isto acontece, faz com que se  
viva a bem-aventurança (MICHELINI, 2013, p. 98).

As bem-aventuranças anunciadas por Jesus e citadas pelo  
autor da Primeira Carta de Pedro revelam um novo conceito de  
“felicidade”. Aqui são os infelizes deste mundo que são “felizes”,

aqueles que anseiam por “días bons”, como visto acima (3,10), mas que, na sua luta pela paz (3,11) e pela justiça (2,24), não adquirem o que buscam, mas, pelo contrário, atraem a perseguição e o sofrimento. Estes chegam a conhecer um outro tipo de felicidade, que traspassa os limites do nosso horizonte de existência e que tem a ver com a profunda identificação com Deus, com todo o bem que disso resulta (MUELLER, 1988, p. 194). O termo “bem-aventurado” (*makários*) é um termo originalmente reservado aos deuses, que significa feliz/bem-aventurado em um sentido pleno, insuperável (LUZ, 1993, p. 279). Assim como o evangelista segundo Mateus, deve-se levar em conta as perseguições já vividas, bem como as perseguições que virão, devido à fidelidade.

O termo medo/temor (*phóbos*), neste contexto, não significa diretamente estar aterrorizado com aquilo que gera sofrimento aos cristãos, mas leva ao único sentido de que o temor cristão deva ser somente a Deus. No Novo Testamento, encontramos quarenta e quatro vezes o termo medo/temor (em sua grande maioria, na obra lucana do Evangelho [7 vezes] e Atos [5 vezes]; na primeira Carta de Pedro, o termo aparece cinco vezes 1Pd 1,17; 3,2.14.16). Se os cristãos reconhecem somente Deus, não há motivo de ter medo diante dos perigos e adversidades (ACHTEMEIER, 2004, p. 394). Os que seguem a justiça até o fim, sabendo que a consequência da fidelidade é a perseguição que pode ter implicações civis (perda de emprego, situação financeira, bens, etc.) ou até mesmo o risco de perder a vida, isso pode gerar insegurança ao cristão, mas este não se deixará abater, pois justamente nesse momento se deve meditar essas palavras do Senhor Jesus e ter plena certeza de que nada irá separar o justo do amor de Cristo (Rm 8,35-26).

c. “Antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vò-la pede” (v. 15)

Geralmente, na Sagrada Escritura, os homens que são os objetos de santificação a Deus ou a Cristo operam essa santificação. Há uma inversão dos fatos neste versículo. Este tipo de linguagem vem da Septuaginta, por influência do hebraico, onde encontramos várias vezes um uso causativo (*hifil*) da raiz *qadash* (ex.: “Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos” em Is 6,3) aplicando o termo a Deus (MUELLER, 1988, p. 195). O “Senhor” de Is 8,13 é Deus; aqui o título é aplicado a Cristo (DALTON, 2011, p. 661). A perseguição, que gera o medo, deve dar lugar ao reconhecimento da ação do Senhor. Neste versículo há uma resposta ao anterior, convidando os destinatários a reconhecer e adorar ao Senhor, que faz conduzir cotidianamente o cristão (MARCONI, 2000, p. 114). No entanto, o significado é potencialmente o mesmo: aquele que os cristãos devem considerar como santo é Cristo. Assim, toda reverência para com os outros é proibida, uma vez que somente Cristo é santo, ou medo dos outros; visto que só Cristo determina o destino definitivo do homem (ACHTEMEIER, 2004, p. 395).

É “no coração” – como sede das afeições e dos sentimentos, aqui representa a existência pessoal do homem, sua essência – que se sente o medo e se é perturbado pela insegurança do amanhã. Portanto, é “no coração” do cristão também que Cristo deve ser conhecido. Isto tem o efeito de superar o medo e a inquietação e alcançar a confiança e o apego a Cristo (MUELLER, 1988, p. 196).

E, se o contexto de perseguição exigir, surge o uso do termo “apologia” (*apologia*). E esta não deve ser entendida no sentido de defesa precisa perante os tribunais, mas como forma mais genérica de resposta: os cristãos devem sempre estar prontos para responder a qualquer um que pergunte a razão “da sua esperança” (MARCONI, 2000, p. 115). A apologia da esperança e da fé

acaba sendo um elemento peculiar da vida do crente. Esta exortação de estar pronto a prestar contas da própria vida cristã a quem o solicite a qualquer momento é contrária à atitude de muitas seitas esotéricas do mundo greco-romano da época, segundo as quais uma divulgação deste tipo teria representado uma traição à comunidade religiosa e suas (ou suas) divindades. Esta explicação aberta da “esperança” cristã, que está longe de ser evitada, é aqui adicionada aos pedidos expressos por nosso autor, como o de fazer o bem, não retribuir o mal e a difamação da mesma forma e sofrer, quando necessário, por sua fé (ACHTEMEIER, 2004, p. 397). Isto não implica necessariamente apelar a um tribunal humano (DALTON, 2011, p. 661).

Neste contexto, nem mesmo o medo de outras perseguições deve dissuadir os cristãos de justificarem a sua “esperança”. O objetivo da comunidade cristã não deve ser o isolamento cultural, mas o de viver a fé abertamente no meio do mundo descrente, além de estar disponível para explicar abertamente as razões disso (ACHTEMEIER, 2004, p. 397).

*d. “Fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo” (v. 16)*

Dando continuidade sobre o testemunho dado pelos cristãos, este versículo apresenta como ele deve ser frente às perseguições que poderão vir a acontecer. Vivê-lo com mansidão e com respeito, apresentar a mesma postura de Cristo, como testemunho a todo discipulado (MUELLER, 1988, p. 198). Pensar a sua vida e humildade com o qual o Nazareno se apresenta (Mt 11,29) ou a realidade mansa e pacífica de Jesus que entra em Jerusalém “cavalgando” em um jumentinho (Mt 21,2-6), ou mesmo, como já dito anteriormente, na terceira bem-aventurança (Mt 5,5), é uma resposta de suavidade (MARCONI, 2000, p. 116).

O temor/respeito não é o mesmo que terror diante dos acusadores, mas é respeito a Deus e aqui se entende que nenhum aspecto da defesa deve ser contrário a esse respeito ou diminuí-lo. No versículo 16a, portanto, descreve-se a maneira pela qual os cristãos devem conduzir sua própria defesa (ACHTEMEIER, 2004, p. 398). No calor do momento, muitos recorrem à animosidade ou até mesmo à violência. Já pelos cristãos essa lógica deve ser deixada de lado, para dar um bom testemunho (MUELLER, 1988, p. 198).

A palavra apresenta uma oscilação semântica bem interessante: no início, os destinatários são convidados a não temer os inimigos aos quais, no entanto, se deve responder com delicadeza e temor (MARCONI, 2000, p. 116). Nem mesmo a defesa de alguém diante de investigadores hostis deve levar a palavras indignas de nosso relacionamento com Deus (ACHTEMEIER, 2004, p. 400). A ideia de uma defesa pronta, de modo oportuno, não por meio da retórica, mas pelo exemplo, é bem evidente no texto, em especial, a busca pela boa consciência, diante da difamação e/ou mentiras.

O uso da forma passiva do verbo difamar (*katalaleiste*) presuppõe que os que praticam o mal com as palavras são os que desprezam o comportamento cristão (ACHTEMEIER, 2004, p. 400). Também o termo ultrajar (*éphereasontes*), além desse versículo, aparece somente em Lc 6,28, no Novo Testamento, igualmente num contexto de caluniar ou difamar os cristãos. Pode incluir acusações explícitas diante de um tribunal, o que não é descartado aqui. Os motivos para tais acusações, nos textos acima mencionados, podem ser um falso “humanismo”, conflito de religiões, ou questões financeiras e, às vezes, até ambicionando se apossar dos bens que os cristãos possuem, como em Hb 10,34, “a espoliação dos vossos bens” (MUELLER, 1988, p. 199). Que sempre haja o empenho, para que os cristãos não sejam pegos em contradição alguma (ACHTEMEIER, 2004, p. 402), e, assim, os acusa-

dores pagãos, sendo “confundidos”, acabarão desistindo de causar mal aos cristãos (DALTON, 2011, p. 661).

*e. “Pois será melhor que sofrais – se esta é a vontade de Deus – por praticardes o bem do que praticando o mal” (v. 17)*

Para o cristão, uma certeza é confirmada: a melhor coisa a se fazer em todas as situações é o bem. Assim o “melhor” tem o sentido de “preferível” e não de “moralmente melhor”. O autor está consciente de que alguns cristãos podem, por seu mau procedimento, dar justa causa à hostilidade pagã (DALTON, 2011, p. 661). A intenção fundamental é persuadir os cristãos a terem certeza de que o comportamento que é objeto de desprezo pelos não crentes é bom e não mau, ou seja, que a condenação que recebem é causada por sua conduta consistente com a fé cristã e não por um comportamento que teria sido julgado impróprio até pelos modelos culturais da época (ACHTEMEIER, 2004, p. 402). Ao praticar o bem, o cristão tem a certeza de estar agradando a Deus e espera que esse bem seja reconhecido pelos outros como tal. (MUELLER, 1988, p. 200).

A ênfase da frase recai, entretanto, na dicotomia “fazer o bem ou fazer o mal”, também expressa no v. 11, com a óbvia preferência pela primeira solução, mesmo que envolva sofrimento: é melhor sofrer um mal do que fazê-lo. Exposto de maneira semelhante também em 2,20, é um princípio também conhecido da ética profana, mas aqui é exposto como vontade divina. Essa transferência do profano para o divino também impõe uma consideração sobre a concepção de inspiração do autor. Lendo a sabedoria humana do passado dentro do contexto cristão, ele não fez nada além de pensar na história como uma expressão real da vontade de Deus, realização do projeto da criação. Tem-se a sensação de que o texto vai muito além do simples diálogo, por mais corajoso e aberto que seja, com o ambiente profano e a cultura que o representa (MARCONI, 2000, p. 116). A justificação da

esperança que os anima só é válida quando amparada por ações que estão em conformidade com essa esperança, ações que podem causar novos sofrimentos, mas que só têm a possibilidade de envergonhar aqueles que os ofendem por ignorância (ACHTEMEIER, 2004, p. 404).

Isso não implica uma paciência passiva ou uma fuga por parte do cristão, mas momentos para a sua participação ativa, significa reconhecer que Deus está por trás da história da humanidade, do que nos acontece e se faz presente também onde há dificuldade em enxergar a Sua presença soberana (MUELLER, 1988, p. 200). Por fim, os cristãos podem suportar este sofrimento porque são capazes de ver, para além dele, a certeza da sua redenção, tornada possível pelo sacrifício que Cristo fez de si mesmo. No entanto, este sacrifício tem efeitos muito mais amplos do que a redenção dos cristãos apenas. Na verdade, ele contém implicações que afetam o destino de todo o universo. É para esse discurso que o autor se volta nos versos seguintes (ACHTEMEIER, 2004, p. 404).

### **Considerações finais**

O sofrimento da comunidade não é sem sentido ou se sofre por amar o sofrimento. A comunidade cristã da primeira Carta de Pedro vê esse sofrer como consequência do bem que é realizado e da prática da justiça por parte dos cristãos. Jesus é o exemplo da comunidade, que também foi perseguido e morto em função do projeto de vida que gera o bem e a justiça aos povos. Tudo isso que o autor da Carta considera importante, em especial até um olhar bondoso sobre os perseguidores dos cristãos, que poderiam agir não tanto por ignorância, mas, sim, porque sabiam o quão abençoados os cristãos eram. E, talvez, na esperança de que esse conhecimento melhorasse aquelas situações de perseguição, demonstrando não apenas a iniquidade para uma sociedade normal do que os cristãos professavam e realizavam,

mas também a força positiva para o bem social que os cristãos representavam.

Esta solicitude por parte dos cristãos em testemunhar a sua fé deve provavelmente ser considerada o tema norteador do resto do discurso sobre o destino dos cristãos na sua sociedade. Deve-se fazer o bem, mesmo que isso possa levar ao sofrimento, pois é melhor sofrer pelo bem mal compreendido do que pela iniquidade realizada, gerando injustiça, assim como fez Nosso Senhor Jesus Cristo.

# Romper com o pecado: convicção cristã para viver conforme a vontade de Deus (1Pd 4,1-6)

*Osni Pavão dos Anjos<sup>1</sup>*

## **Introdução**

O grande tema da Primeira Carta de Pedro é a esperança cristã em tempos de sofrimento. É um texto escrito com um cuidado sensível que procura alimentar e manter firme a fé dos destinatários diante das provações que enfrentam.

Entre tantas adversidades estão a perseguição, a perda da moradia, das terras, dos bens materiais e da liberdade. Contudo, uma das realidades mais difíceis da existência humana, que sem dúvida causa angústia e sofrimento, é a eminência da morte e a dúvida sobre as implicações das escolhas feitas neste mundo para merecer ir para o céu.

Vida, céu, inferno, purgatório, julgamento, salvação, castigo, são palavras que pertencem a um mesmo léxico que, se bem compreendidas e relacionadas, geram sentido ou sentidos para as decisões éticas na vida dos crentes. Por outro lado, são também conteúdos difíceis e até assustadores de serem tratados e que, se mal apresentados, produzem confusão e até divisões.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestre em Psicanálise pela Universidad Kennedy, Buenos Aires-AR. Doutorando em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

A grande questão que surge é que, se todos vão morrer, por que se deve levar uma vida justa, respeitosa, com bom comportamento, sendo bom e ético? Qual o sentido da prática do bem, levando uma existência moralmente correta, diante da vida que chegará ao seu fim?

Ao longo do texto da Primeira Carta de Pedro, várias são as temáticas apresentadas que se entrelaçam entre si, formando um *corpus* doutrinal com o objetivo de firmar a convicção do fiel que aderiu a fé em Jesus Cristo e, entre estas temáticas, está a renúncia, ou seja, o rompimento com pecado, assunto apresentado como uma intimação a abandonar “a esse transbordar sem esperança da salvação” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2015, p. 2.218), que conduz à morte sem esperança, para passar a viver segundo a vontade de Deus (1Pd 4,2) e não mais a vontade dos gentios (1Pd 4,3).

Para tratar de um assunto tão complexo e real, o autor, com sensibilidade, faz um paralelo entre a vida do cristão e o acontecimento Jesus Cristo, apresentando-O como um modelo de comportamento a ser seguido (1Pd 3,16). O autor está consciente de que só se pode vencer o mal praticando o bem (v. 17) e, para motivar a comunidade a seguir por essa via do “bom comportamento”, apresenta o tema da promessa como herança da vida eterna, da qual os cristãos são herdeiros em Jesus Cristo.

A Carta apresenta a compreensão de que o sofrimento é uma oportunidade única na qual aquele que abraçou a fé está convocado a perseverar, dar testemunho, “estando sempre pronto a dar razão da própria esperança” (1Pd 3,15) e que isso seja feito com mansidão, respeito, boa consciência, praticando o bem (1Pd 3,16-17).

Neste capítulo, será analisada a perícopes de 1Pd 4,1-6. Esse texto está na sequência, logo após o autor ter tratado do tema do sofrimento causado pela perseguição. Procura responder à questão: se essa vida tem um fim, por que privar-se de aproveitar tudo sem limites? Por que sofrer? Propõe-se aprofundar a relação da

vida do cristão com a vida de Cristo, compreendendo a necessidade de o cristão posicionar-se eticamente diante das situações da vida que causam morte.

## 1. O Cristo que conduz a Deus

“Pois que Cristo sofreu na carne, deveis também vós munir-vos desta convicção: aquele que sofreu na carne rompeu com o pecado” (1Pd 4,1). Cristo é apresentado como o modelo de ser humano que experimentou na carne o sofrimento, mas que, vencendo o pecado e a morte, transfigurou o sofrimento em vitória. Por sua vez, o cristão encontra-se envolto em um conflito feroz com o mundo, território estrangeiro, e que, por isso, necessita “munir-se”, “armar-se” com a melhor de todas as armas para vencer as tentações deste mundo; essa arma é a convicção.

Um cristão, à semelhança de Cristo, deve estar convicto de que romper com o pecado é o caminho para superar o sofrimento. Tal ação conduz a uma decisão ética que consiste em viver uma vida reta e responsável capaz de tornar o Reino de Deus presente no mundo.

Em 1Pd 3,18, apresenta-se a razão pela qual Cristo, em sua vida terrena, consumou sua missão com a morte na cruz: “Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne, foi vivificado no espírito...” A afirmação ganha força novamente neste trecho de 1Pd 4,2, agora como uma promessa de vida àqueles que assumem esse compromisso com a vida convictos da fé: “a fim de viver o resto dos seus dias na carne, não mais de acordo com as paixões humanas, mas segundo a vontade de Deus”.

O autor apresenta de forma muito singular um aspecto diferenciado do entendimento da sua economia da salvação. O que se espera comumente é que os injustos paguem e sejam condenados por seus pecados, contudo com Jesus não foi assim; em vez disso, tomou o lugar do ser humano pecador, substituiu sua vida

pecaminosa pela Sua vida inocente e o justo morreu pelos injustos, o santo pelos pecadores para conduzi-los ao Pai, tornado o Cristo que, por sua obediência, conduziu o homem à salvação (3,18).

A ideia está em relação com a teologia paulina segundo a qual Cristo morreu pelos fracos, ímpios, pecadores e inimigos (Rm 5,6) e segue ainda afirmando a surpreendente novidade que “Dificilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem talvez haja alguém que se disponha a morrer. Mas Deus demonstra o seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5,7-8). Esse modo de pensar também concorda com o texto de Filipenses quando colocados em paralelo. Lê-se que “Ele, estando em forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como Deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo” (2,6-7a).

Essa Cristologia aparece na Primeira Carta de Pedro, onde Cristo é apresentado como modelo de perseverança, paciência, obediência e mansidão que, “tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte sobre uma cruz” (Fl 2,7b-8). As expressões em 1Pd 3,18 harmonizam com a confissão de fé da igreja primitiva que, em seu conteúdo querigmático, anunciava que “Cristo morreu por nossos pecados” (Rm 5,6; 6,10) e tudo isso com um objetivo ímpar: “a fim de vos conduzir a Deus” (1Pd 3,18).

A palavra grega *prosagein* significa ‘conduzir’. No Novo Testamento se usa em três ocasiões o substantivo *prosagoge*. *Prosagein*, o verbo, significa ‘introduzir’; *prosagoge*, o substantivo, significa ‘o direito de acesso’. Mediante Jesus Cristo temos acesso à graça (Rm 5,2). Mediante ele temos acesso a Deus, o Pai (Ef 2,18). Através dele temos a confiança de chegar confiadamente a Deus (Ef 3,12). Nas cortes reais havia um funcionário chamado *prosagogeus*, ‘o introdutor’, o que dá acesso; sua função era decidir quem seria admitido na presença do rei e a quem se devia impedir que chegasse até ele. Assim, Jesus Cristo, mediante o que ele fez, é quem leva os homens à

presença de Deus, e quem outorga o acesso a Deus (BARCLAY *apud* LOPES, 2012, p. 129).

Ou seja, que Cristo “vivificado no espírito” deu “origem à salvação expressa e celebrada no batismo dos cristãos (1Pd 3,21), como fonte para uma vida restabelecida por Deus em ordem ao bem, à justiça e à esperança” (GABARRÓN, 1995, p. 653), tornando-se esse o único fundamento da justificação da humanidade no tempo e na eternidade: que Cristo, justo, sofreu pelos injustos; isso se deu uma única vez, para dar-lhes salvação conduzindo-os a Deus (3,18).

## **2. O caminho de conversão: orientações práticas para vida cristã**

Após essa compreensão de que os fiéis devem assemelhar-se a Cristo na luta contra o pecado, são apresentadas algumas orientações práticas de como os crentes podem se empoderar, comprometendo-se com a vida, abandonando seus pecados na busca por fazer a vontade de Deus. O caminho de conversão apresentado consiste em orientações práticas para a vida cristã; acima de tudo, a pessoa de fé deve romper com o pecado e todas as situações que podem levá-la a perder a vida eterna.

“Já é muito que no tempo passado tendes realizado a vontade dos gentios, levando uma vida de dissoluções, de cobiças, de embriaguez, de glotonarias, de bebedeiras e de idolatrias abomináveis” (1Pd 4,3). O autor convoca os crentes a abandonar tudo o que pertencia à sua antiga vida no pecado e compreender que a sua vida anterior morreu com Cristo; agora as coisas antigas se passaram de modo que tudo se faz novo.

A lista com alguns dos pecados que faziam parte daquela vida antiga dos quais agora eles foram separados: vida de dissoluções, cobiças, embriaguez, glotonarias, bebedeiras e idolatrias, perpassa desde questões pessoais, passando pelas que tocam os relacionamentos até o modo como se vive a fé, ou seja, toca todos os

aspectos da vida para reafirmar que quem renasceu na vida nova em Cristo, de fato, é uma nova criatura (2Cor 5,17).

Desse modo, romper com o pecado implica romper também com o modo de vida dos “gentios”, com a sociedade na qual está inserido, com antigas amizades, com lugares que frequentavam, e até com os próprios familiares, para adentrar numa vida nova. A expressão: “Agora estranham que não vos entregeis à mesma torrente de perdição, e vos cobrem de injúrias, mas disto não de dar contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos” (1Pd 4,4-5), refere-se aos que falam mal e até perseguem os cristãos porque não querem mais viver a sua vida antiga.

“Estranham” significa que não conseguem entender a convicção cristã em abandonar a vida de pecado. Para romper com esse mal, é preciso dominar as paixões neste mundo e romper com todas as situações que podem ocasioná-las, pois o modo como se vive a vida tem implicações nesta vida mesmo e, mais ainda, na vida futura.

Por isso, a consequência será: “mas não de dar contas” (v. 5), isto é, para uma esperança além desta vida, se deverá prestar contas a Deus, porque, afinal, cada um deve ser responsável pelo modo como vive a vida no mundo, pelos atos praticados e que, um dia, deverão ser julgados por tudo de bem ou mal que foram feitos, de modo que o que não se “paga” nesta vida deverá “dar contas” na vida futura.

O juiz deste julgamento é Cristo, que está à direita de Deus (1Pd 3,22), que julgará vivos e mortos, inclusive anunciando a Boa Nova aos que já morreram para que tenham a oportunidade de se converterem também. Essa questão da pregação do Evangelho aos mortos é bastante polêmica e passa a ser analisada na última parte deste capítulo. De qualquer forma, segundo o entendimento do autor da Primeira Carta de Pedro, até a eles, aos mortos, foi dada a oportunidade de ouvir a pregação do Evangelho.

### **3. O Evangelho anunciado aos mortos: uma pregação que desconhece limites**

“Eis por que a Boa Nova foi pregada também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus” (1Pd 4,6)

Jesus Cristo, na narrativa do Evangelho, é apresentado como alguém ungido e conduzido pelo Espírito para pregar a Boa Nova a todos, todos mesmo, sem distinção (Lc 4,18-19). Tal compreensão de salvação, nos primórdios do Cristianismo, estende-se inclusive aos que já partiram, e, no entendimento de 1Pd 4,6, os mortos também têm o direito de receber o anúncio da Boa Nova da salvação para poderem se converter e ascender à vida eterna.

Para Lopes (2012, p. 7), a Primeira Carta de Pedro é “um bálsamo do céu para os que caminham pelos vales escuros da vida e um tônico espiritual para os que sofrem injustiças e são fuzilados pelo vendaval da perseguição”, por isso, o clima do texto é de resgate da esperança na vida presente, mas sobretudo na vida eterna junto de Deus. É um consolo para os vivos, mas também para os que já morreram.

O texto já afirmava anteriormente que Cristo “foi também pregar aos espíritos em prisão” (1Pd 3,19) e logo em seguida reafirma que o “Evangelho foi pregado também aos mortos” (1Pd 4,6). A ideia do Novo Testamento não é que Cristo desceu ao inferno, mas sim descendeu ao Hades. A diferença é a seguinte: o inferno é, inquestionavelmente, o lugar de tortura e de castigo dos ímpios; mas o Hades, segundo o pensamento judeu, era o lugar onde estariam os mortos para um “tempo de espera da salvação”, até alcançar a redenção.

Os judeus tinham um conceito muito vago quanto à vida além-túmulo. Não pensavam em céu e inferno, mas em um mundo sombrio onde os espíritos humanos se moviam como espectros cinzentos numa permanente penumbra, onde não havia nem luz, nem força, nem alegria. Esse era o Hades – a terra das som-

bras, para a qual iam as almas de todos depois da morte (BARCLAY, 1956, p. 120-121).

Entre as muitas interpretações que o texto pode suscitar, Lopes (2012, p. 148-149) apresenta algumas hipóteses: a primeira é que Cristo desceu à mansão dos mortos para pregar aos que ainda não haviam escutado o anúncio do Evangelho e àqueles que, em vida, receberam a pregação, mas não creram; a segunda interpretação é que Cristo foi pregar aos crentes do Antigo Testamento que não viveram no tempo do Novo Testamento; e a terceira interpretação defende a ideia de que o texto seria uma metáfora segundo a qual os mortos se refeririam àqueles que estão espiritualmente mortos.

São hipóteses; porém, o que parece ser mais coerente afirmar é que esta comunidade estava se desenvolvendo, crescendo na fé e que esses fiéis do cristianismo primitivo passavam constantemente por ataques e, por isso, a necessidade de fundamentar alguns elementos da profissão de fé.

É então que o autor da Carta, em vez de apenas ministrar um conteúdo programático em defesa da fé, prefere transmitir uma verdade bem mais profunda: que Cristo morreu por todos, pelos vivos e também pelos mortos e que, na sua ressurreição, trouxe uma redenção que abarca passado, presente e futuro, e que o Evangelho, ao ser anunciado, é uma força que desconhece limites espaciais e temporais.

### **Considerações finais**

Na Primeira Carta de Pedro, afirma-se que Cristo, entre sua morte e sua ressurreição, desceu ao mundo dos mortos onde pregou o Evangelho. Com essa afirmação, quer deixar explícito que Jesus de fato foi morto na carne, mas ressuscitou no Espírito e que foi precisamente desse modo, no Espírito, que pregou aos mortos, significando que Jesus, enquanto ser humano, sujeitou-se a todas as limitações de tempo e espaço nos dias de sua existência mortal

e que morreu na Cruz, conforme as Escrituras (Mt 27,50; Mc 15,37; Lc 23,56; Jo 19,30), mas que, ao ressuscitar, no espírito, liberto da limitação da natureza humana, das limitações de espacialidade e de temporalidade, ascendeu a uma liberdade perfeita e pôde acesar até essa região dos mortos e ali pregou a Boa-nova.

O sentido disso, da “pregação aos espíritos presos” (1Pd 3,19), e da pregação do Evangelho aos mortos (4,6), é que, entre sua morte e a sua ressurreição, Jesus anunciou o Evangelho na mansão dos mortos, ou seja, que pregou para os que durante a existência de sua vida terrestre não tiveram a oportunidade de receber esse anúncio.

Significa, portanto, que a obra de Jesus Cristo alcança o infinito, incluindo o tempo e o espaço sem limites, trazendo salvação para o passado, o presente e o futuro – “ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8) – de modo que ninguém, nenhum ser vivente, ou não vivente, está fora da graça e da salvação que vem de Deus.

É uma verdade de fé que torna possível ao fiel agora crer em Cristo, em sua obra, pois Ele, em sua humanidade, passou verdadeiramente pela experiência humana do nascimento, da vida e da morte. Esse é laço incomensurável da grandeza e da beleza que une Cristo à humanidade. Ao ressuscitar, Cristo tornou o cristão participante, por sua vez, da vida divina e herdeiro da vida eterna.

É em função disso que o autor convoca o seu povo para que não percam a esperança e os convida a viver a vida cristã, rompendo com as situações de pecado e convictos das verdades da fé, pois esse modo de agir é a única maneira que pode desmentir os acusadores que os atacam e garantir a salvação. A Primeira Carta de Pedro não foi escrita em apologia a alguma heresia teológica, mas sim para fortalecer os crentes cuja fé na vida eterna estava em perigo.

Portanto, o paralelo entre o sofrimento do cristão com o sofrimento de Cristo torna possível “santificar Cristo, o Senhor,

em vossos corações” (1Pd 3,15), pois assim como Cristo atravessou o véu da morte ressuscitando por obra de Deus, o cristão participa desta esperança de alcançar como prêmio a vida eterna.

Daí derivam duas implicações: por um lado, o cristão deve seguir praticando o bem, rompendo com o pecado para viver uma vida nova já neste mundo; e, por outro lado, que não haveria lugar temporal ou atemporal que não tivesse sido alcançado pela graça de ressurreição de Cristo, porque “em tudo Deus é glorificado em Jesus Cristo” (1Pd 4,11), inclusive o que houver no pós-morte encontra-se inescapável da ação salvadora de Cristo.

# Descida de Cristo à mansão dos mortos: da esperança cristã ao artigo de fé

*João Henrique Santana<sup>1</sup>*

## **Introdução**

A doutrina da descida de Jesus à mansão dos mortos ou ao inferno (ou aos infernos, no plural) pertence ao Artigo 5º da fé cristã. De certa forma, o cristianismo herdou do judaísmo alguns conceitos e expressões no que se refere à compreensão da vida após a morte. Em síntese, este artigo de fé afirma que Cristo desceu à morada dos mortos a fim de conhecer a morte como todos os seres humanos, além de ir como libertador dos cativos e de todos os que necessitavam da graça de Deus. Desta forma, o ponto central está na salvação de todos os justos que morreram antes do evento Jesus Cristo (CARVALHO; GIRON, 2018, p. 35).

De forma geral, a Primeira Carta de Pedro faz referência a tal doutrina em 3,19, a saber, “no qual foi também pregar aos espíritos em prisão”. Sendo assim, supõe que, no intervalo de tempo entre a morte e a ressurreição, Cristo teria ido em espírito visitar as almas dos defuntos. Há também uma referência em 4,6: “Eis por que a Boa Nova foi pregada também aos mortos”. Diante dessas duas citações, segundo Barclay (1956, p. 121-127), duas inte-

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutorando em Teologia Bíblica no Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

pretações são consideradas: os que rejeitam e eliminam a ideia de descida ao *Hades*; e os que aceitam, de forma limitada, a doutrina.

No primeiro grupo, o autor da Carta diz que Cristo pregou aos espíritos que estavam na prisão, os espíritos que alguma vez foram desobedientes no tempo de Noé (3,20), quando se estava construindo a arca. Isto significaria que foi nos dias do próprio Noé quando Cristo fez essa pregação, que longo tempo antes ele estava pregando no Espírito e apelando aos homens ímpios da época de Noé; que não foi depois que eles morreram, e estando no *Hades* quando Cristo foi pregar-lhes, no tempo entre sua própria morte e ressurreição, mas sim realmente nos dias de Noé o Cristo preexistente foi no Espírito e pregou e apelou àqueles pecadores. Fica eliminada por completo a ideia de uma descida ao *Hades*, e a pregação de Cristo é transferida ao mundo dos antigos dias de Noé.

A este aspecto soma-se a interpretação que muitos autores recentes fazem de que a Primeira Carta de Pedro se inspiraria no Livro de Henoc. Este patriarca teria sido encarregado por Deus de anunciar aos anjos rebeldes, responsáveis pela depravação do gênero humano (Gn 6,1-4), a sua condenação definitiva (COTHE-NET, 1986, p. 43). De modo que, segundo a lenda judaica, Henoc foi de fato ao *Hades* e pregou ali a condenação aos anjos caídos e pecadores. Assim, pois, muitos autores acreditam que esta passagem não se referia a Jesus, mas sim a Henoc.

A segunda linha de pensamento sobre a descida ao *Hades* está no limiar entre a aceitação e a limitação. Segundo este procedimento – que é aquele que adotaram alguns dos mais notáveis intérpretes do Novo Testamento – Pedro certamente estava ensinando que Jesus foi ao *Hades* e pregou ali, mas que de maneira nenhuma pregou a todos os que ali habitavam. Esses intérpretes limitam tal pregação de diferentes maneiras. Neste caso, três possibilidades são aceitas: (1) a pregação somente aos espíritos daqueles que foram pecadores e desobedeceram a Deus nos dias de

Noé; (2) aos anjos caídos, mas que não lhes anunciou a salvação, e sim a condenação final e irrevogável; (3) àqueles que no passado tinham sido justos, e que os tirou do *Hades* e os conduziu ao Paraíso de Deus.

### 1. A descida à mansão dos mortos

Ao tratar sobre a descida à mansão dos mortos, o Símbolo Apostólico se utiliza de expressões que não pertencem ao contexto atual e moderno. Sendo assim, é importante compreender os conceitos e doutrinas de vida após a morte no tempo de Jesus. Judeus, gregos e romanos utilizavam palavras específicas para definir o lugar onde habitavam os mortos.

No mundo semita havia a ideia do *Sheol* (*Xeol*, por vezes) no que tangia à ideia de subsistir após a morte. O termo *š.ʿōl* tem sido associado ao verbo *šā'al*, isto é, perguntar, requerer. Neste caso, seria o lugar onde os mortos eram interrogados e julgados. Pode evocar, também, a profundidade do mundo subterrâneo, ou o lugar onde se põe o sol, visto frequentemente como entrada para o mundo infernal (SILVA, 2011, p. 14).

Na concepção geral seria o mundo inferior, onde os falecidos levavam uma existência espectral, enfraquecida, que sequer pode ser chamada de vida. É o lugar do horror (Is 14,9-11), do esquecimento (Sl 88,13), onde a mão de Deus não alcança (Sl 88,6), sinônimo de morte e sepultura, fim último do homem (Sl 55,16). É a quebra da comunhão com Deus e os demais viventes (SCHNEIDER, 2001, p. 378). Essencialmente, na tradição veterotestamentária, o homem não é imortal e nele não há o aspecto de eternidade (Nm 23,10; Jz 16,30; Ez 18,8.20). A morte é tida como um fato normal e comum a todo ser humano: “Quem viverá sem a morte, para tirar sua vida das garras do *Xeol*?” (Sl 89,49).

O Antigo Testamento não escapa desta complexidade. Seu testemunho confirma ainda mais a dificuldade que experimenta o ser humano para encontrar uma explicação lógica

para o problema da morte. Por outro lado, está constituída por diversas tradições escalonadas no tempo, que se sobrepõem umas às outras (MARTIN-ACHARD, 2005, p. 33-34).

Na antropologia judaica, não há nenhuma parte do homem que pode escapar da morte. A distinção entre alma e corpo é estranha à mentalidade hebraica. A morte não é considerada uma separação de corpo e alma: uma pessoa viva é uma “alma vivente”; uma pessoa morta é uma “alma morta” (VAUX, 2004, p. 80). Entretanto, alguns textos contradizem a visão acima e sugerem que a morte não é o fim da existência, ou seja, não aconteceria o desaparecimento completo. Nesta visão, o homem prosseguiria numa condição em que as forças vitais seriam reduzidas, como em um sono profundo, assemelhando-se a uma sombra, sem consistência, em situação miserável. Segundo Silva (2011, p. 16), os mortos (*refaim*), habitantes do *Sheol*, seriam seres impotentes, sem brilho, condenados a conhecer uma existência triste no mundo do pó (Ecl 9,5-6).

O equivalente grego do *Sheol* é o *Hades*<sup>2</sup> (e o *Tártaro*). O termo *Hades* foi usado pela *Septuaginta* (LXX) para traduzir o termo hebraico. Entretanto, no Novo Testamento, o termo grego apresenta significados próximos, não idênticos. Em Mt 11,23, refere-se a um lugar subterrâneo, de castigo (certamente definitivo). Em Apocalipse, o *Hades* aparece como lugar intermediário, antes do Juízo, onde se reúnem todos os mortos, bons ou maus (Ap 20,13). Acredita-se que, dentro do *Hades*, havia separações e repartições para justos e pecadores.

Por fim, no mundo latino, há a expressão *Inferno*, que possui raiz nas ideias acima. O termo inferno em si já indica um

---

<sup>2</sup> Na mitologia pagã, *Hades* designava o deus dos mortos, sendo este o sentido em que a palavra é utilizada por Homero na *Ilíada*. No entanto, logo passou a significar a morada dos mortos, compreendida como um lugar subterrâneo e sombrio (SILVA, 2011, p. 25). No pensamento grego pagão, o *Hades* era dividido em duas categorias: *Elísio* (para onde iam os bons) e o *Tártaro* (para onde iam os maus).

caráter negativo: *infernium*, mundo inferior. Na visão cristã, seria o antônimo do céu, condenação (*damnum*), o não cumprimento da esperança. Seu conteúdo pode ser descrito somente em termos negativos: fracasso definitivo da vida, exclusão da comunicação com Deus e todas as criaturas, enrijecimento do não amar (SANTANA, 2020, p. 91). No Novo Testamento, estão presentes algumas analogias:

### Quadro 1: Analogias ao inferno no Novo Testamento

Termo	Interpretação
“Fogo inextinguível”	Jesus se refere à <i>Geena</i> como símbolo de maldição eterna (várias vezes: Mt 5,22; etc.). Fala em “fornalha ardente” (Mt 13,42.50). Em Apocalipse refere-se ao “lago de fogo e enxofre” (14,10; 19,20; 20,10; 21,8). Notar que em Sodoma e Gomorra o castigo se deu com “fogo e enxofre” (Gn 19,24), como expressão de tormento de caráter moral e dor.
“Abismo”	Lc 8,31; Ap 20,1.3: Hades (Mt 11,23; Lc 16,23; Mt 16,18; Ap 20,14), Tártaro (2Pd 2,4; Jd 6): todos nomes para “lugar inferior”.
“Choro e ranger de dentes”	Mt 18,12; Lc 13,28; etc.: sinal de revolta impotente e de desespero sem fim.
“Trevas exteriores”	Mt 8,12; 22,13; etc.: símbolo da exclusão, como estar sozinho, em noite tenebrosa. É um exílio irrevogável, alienação existencial.
“Cárcere”	1Pd 3,19: é estar preso, sem qualquer saída.
“Verme que não morre”	Mc 9,48: imagem do remorso que corrói.
“Segunda morte”	Ap 2,11; 20,6 ou apenas “morte” (Rm 8,6; 1Jo 3,14), como separação irrevogável de Deus.

Fonte: Boff (2012, p. 96-97).

## 2. Alusões sobre a descida à mansão dos mortos no Novo Testamento

A doutrina cristã da descida de Cristo à morada dos mortos é tão controversa quanto antiga. São muitos e diversos os autores que defendem que as referências para tal doutrina se encontram no Novo Testamento. Entretanto, é importante concluir que nos escritos neotestamentários não há uma perícope clara ou direta que comprove essa parte do credo cristão ou que afirme tal descida. Porém, é equivocado afirmar que as Sagradas Escrituras desconheçam tal aspecto. Segundo Kelly (1980, p. 449), tendo em conta as ideias judaico-cristãs sobre o estado da alma pós-morte, a crença não era senão um desdobramento natural. Afirmar que Jesus morreu e foi sepultado é o mesmo que afirmar que ele passou pelo *Sheol*. Além da passagem já relatada de 1Pd 3,8-20, são algumas passagens principais que são tradicionalmente associados ao *Descensus*:

a) Mt 12,40: referente ao sinal de Jonas, é um dos textos associados à doutrina. “*Pois, como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra.*” De acordo com Silva (2011, p. 32) e Luz (2001, p. 364), o seio da terra seria, provavelmente, o sepulcro, e não a viagem de Jesus ao inferno, embora não se exclua essa possibilidade (embora haja uma menção à morada dos mortos em Jn 2,3). A associação de Jonas no ventre do peixe e de Cristo na mansão dos mortos tornou-se comum entre os Padres da Igreja, tais como Orígenes e Cirilo de Alexandria;

b) Mt 27,51-53: “*Nisso, o véu do santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos.*” Tal passagem é creditada à descida de Je-

sus à mansão dos mortos e até fonte de referência a escritos apócrifos.<sup>3</sup>

c) Rm 10,6-8: “*Ao passo que a justiça que provém da fé assim se exprime: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer descer Cristo, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para fazer Cristo levantar-se dentre os mortos.*” A menção fica mais explícita no texto siríaco de Rm 10,7, onde se traduz: “*Quem descerá no abismo dos infernos (sheol)?*” (SILVA, 2011, p. 35);

d) Ef 4,8-9: “*Tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, concedeu dons aos homens. Que significa ‘subiu’, senão que ele também desceu às profundezas da terra?*” embora seja relacionada à doutrina em questão, é mais provável que se refira à encarnação, pela qual Cristo desceu à terra;

e) At 2,24-31: o discurso querigmático de Pedro afirma que Deus ressuscitou Jesus “*libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder*”;

f) Ap 1,17-18: “*Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último, o Vivente, estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da Morte e do Hades.*” Tal passagem é importante para compreender a vitória de Cristo sobre o inferno. Se Cristo possui as chaves, essa posse significa o saque de sua vitória. Desta forma, Cristo possui o pleno poder, visivelmente representado pelas chaves. Com esse triunfo, pode descer aos infernos, abrir suas portas e levar consigo os seus fiéis que se encontravam cativos e ansiosos por sua vinda (MOLINA, 1991, p. 61).

---

<sup>3</sup> A nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém (2004, p. 1.756) confirma essa ideia: essa ressurreição dos justos do AT é sinal da era escatológica (Is 26,19; Ez 37; Dn 12,2). Libertados do *Hades* pela morte de Cristo, esperam sua ressurreição para entrar com ele na Cidade Santa, isto é Jerusalém. Temos aqui uma das primeiras expressões da fé na libertação dos mortos pela descida de Cristo aos infernos (1Pd 3,19).

### 3. A descida de Cristo aos infernos na literatura apócrifa

Dentro do contexto da literatura apócrifa,<sup>4</sup> a descida de Jesus ao inferno encontra ressonância acentuada em um escrito específico, entre tantos outros: o Evangelho de Nicodemos. O evangelho segundo Nicodemos é uma narrativa da Paixão de Cristo, porém com ênfase em detalhes que, presumem-se, tenham acontecido entre os judeus durante o período que equivale à crucificação de Jesus até sua Ascensão. A datação sugerida é do século IV. O texto foi escrito em tempos diferentes, usando textos de partes anteriores. Pela forma como o texto é composto, o autor pode ter sido um padre estudioso do século IV, provavelmente romano, certamente falante de grego e latim; possivelmente foi escrito a pedido de um imperador ou talvez São Siríaco e Santo Anastácio I (NASCIMENTO, 2020, p. 120).

O Evangelho de Nicodemos é composto de duas partes: Atos de Pilatos e a Descida de Cristo ao Inferno. Esta segunda parte é dividida em duas versões, uma grega e outra latina. Embora sejam de épocas diferentes, ambos os escritos se completam. Nicodemos narra os episódios da crucificação e da ressurreição, mas nada acrescenta aos evangelhos canônicos (KLAUS, 2020, p. 2). A seguir, uma breve síntese sobre as versões da descida de Jesus ao inferno inserida nesse escrito:

---

<sup>4</sup> A ideia que representa Cristo como triunfador de Satanás é muito comum no Oriente e na iconografia. Nesse ponto, reconhece-se a influência de velhos mitos. Os textos do século II são mais sóbrios, referindo a universalidade da salvação e a libertação dos justos do Antigo Testamento. Depois de 1Pd, a alusão mais antiga se encontra no apócrifo do Evangelho de Pedro, no qual os soldados do túmulo veem dois anjos e uma voz que dizia: “Pregastes àqueles que dormem? E se ouviu uma resposta que vinha da cruz: Sim!” (PROENÇA, 2020, p. 345). Na Epístola dos Apóstolos, documento antigóstico do século II, traz uma especificação suplementar: Cristo batizou os mortos. Clemente de Alexandria, o primeiro a deixar notas exegéticas sobre 1Pd, defende a descida do Salvador para salvar os mortos (COTHENET, 1986, p. 46).

**Quadro 2:** Descida de Cristo aos infernos no Evangelho de Nicodemos

<b>Descida de Cristo ao inferno de Nicodemos</b>		
<b>Capítulo</b>	<b>Versão Grega</b>	<b>Versão Latina</b>
I	Relato de José (de Arimateia) de que não só Jesus ressuscitou como deu vida a outros mortos, entre eles Simão e seus filhos; Anás, Caifás e outros sacerdotes se encontram com os ressuscitados, fazem-nos jurar sobre o Antigo Testamento, e os ressuscitados começam a relatar por escrito os fatos seguintes.	Addas, Finees e Égias declaram que viram uma multidão, cerca de doze mil homens ressuscitados que haviam morrido (entre eles Karino e Lêucio); as portas da morte foram destruídas; Anás e Caifás tentam apurar os fatos; comprovação de que os túmulos estavam vazios; encontro com Karino e Lêucio, que levados à sinagoga, relatam de forma separada o acontecimento.
II	Relato de Simão de que se encontravam no inferno com todos os que morreram desde o princípio; uma luz iluminou as trevas e todos se viram; diálogo entre Abraão e Isaías (profeta); surgimento de João Batista e relato de sua relação com Jesus e anúncio da vida de Jesus.	Relato de Karino: enquanto estavam aprisionados no inferno, uma luz destruiu as portas da morte e a escuridão; ouve-se a voz do Filho do Altíssimo; Satanás e seus subordinados tentam manter as portas da morte.
III	Diálogo de Adão e Seth; discurso de Seth em que Deus enviaria seu Filho encarnado e os filhos de Adão seriam purificados pela água e pelo Espírito Santo.	Satanás diz ao inferno que trará o Filho do Altíssimo cativo, mas o inferno se nega devido a seu poder; Satanás exprime que fora ele quem incitou os judeus a matarem Jesus; o inferno teme Jesus por fazer Lázaro ressuscitar pela força da palavra.

IV	Enquanto os patriarcas e profetas se alegraram com o anúncio, Satanás desce ao inferno, anuncia o desejo de aprisionar Jesus, desconfia de sua divindade; Jesus teria causado muitos danos a Satanás ao expulsar os demônios e curar os doentes na terra. O inferno (personificado) responde, citando a ressurreição de Lázaro, e o receio de ser destruído por Jesus.	Os santos escutam a contenda entre Satanás e o inferno; Adão adverte a Satanás que seu futuro é ficar preso eternamente; os santos se reúnem em torno de Adão; diálogo de Adão com seu filho Seth sobre as promessas de redenção e a vinda do Filho de Deus ao mundo.
V	Barulho e voz de trovão; Satanás se prepara para a luta, e o inferno convoca seus demônios; os patriarcas, Davi e Isaías zombam do inferno; entrada do Rei da Glória na figura humana.	Discurso de Isaías e aparecimento de João Batista.
VI	O inferno dá-se por vencido; o Rei da Glória toma Satanás pelo pescoço e o prende até sua segunda vinda.	Discurso de Davi; os santos e profetas, que antes viviam na escuridão, começam a se reconhecer e um a um começam a repetir suas profecias de outrora; diante do júbilo dos santos, Satanás pôs-se em fuga; o inferno impede a saída de Satanás.
VII	O inferno encarregou-se de prender Satanás, admoestação do inferno a Satanás.	Nova voz do Filho do Altíssimo; os santos, liderados por Davi, insurgem-se contra Satanás.

VIII	O Rei da Glória levanta o primeiro pai, Adão, e convoca os demais para ressuscitarem pelo poder da cruz; o Salvador marca Adão com o sinal da cruz na frente, assim como os demais.	O inferno pôs-se a tremer e as portas da morte são destruídas; Jesus entra rodeado de claridade, manso e levando correntes em suas mãos; com estas amarras o pescoço de Satanás, arremessa-o ao Tártaro e o precipita, juntamente com o inferno, no profundo abismo.
IX	Caminham ao paraíso, precedidos por Adão; os justos são entregues ao arcanjo Miguel; encontro com Enoque e Elias, pois ambos viviam até a consumação dos séculos.	Saudação de Jesus a Adão e Eva; os santos adoram a Jesus.
X	Encontro com o ladrão crucificado ao lado de Jesus.	Jesus coloca o sinal da cruz no meio do inferno como sinal de vitória; Jesus envia alguns para testemunharem o que aconteceu no inferno.
XI	Fim do relato, batismo de alguns defuntos no Jordão; terminam o escrito e entregam uma cópia a Nicodemos e outra aos sumos sacerdotes e são arrebatados.	Os que ouviam na sinagoga se lamentaram; reconhecem a injustiça cometida contra Jesus; choraram durante quarenta dias e quarenta noites esperando a morte e a vingança do Senhor.

Fonte: Proença (2017, p. 563-578).

No Evangelho de Nicodemos, um dos mortos que ressuscitou por ocasião dos eventos descritos em Mt 27,52-53 relata o que viu acontecer na morada dos mortos, por ocasião da Paixão de Jesus. Envolto em um linguajar mitológico, o apócrifo apresenta a profissão de fé cristã na “extensão da obra redentora a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares, porque todos aqueles que se salvaram se tornaram participantes da redenção” (SILVA, 2011, p. 122).

A literatura apócrifa, desde o Cristianismo primitivo, é de suma importância e igualmente relevante em suas proposições. Neste caso, tais escritos serviram para explicar aos cristãos o que aconteceu com Jesus no período que se estende da morte à ressurreição. Ao analisar o Evangelho de Nicodemos, Jesus fala pouco, porém existem muitas narrativas e relatos presentes nos evangelhos de Mateus e Lucas. É válido ressaltar que o autor, embora fosse conhecedor do grego e do latim, não possuía o mesmo conhecimento do mundo judaico, contendo algumas falhas no detalhamento da fé judaica.

#### **4. Descida à morada dos mortos nas diferentes tradições eclesiais**

As várias tradições eclesiais, refletindo seus pressupostos teológicos, deram suas próprias versões ou entendimento à expressão “desceu à morada dos mortos”. Na visão católica, historicamente, Cristo foi ao *limbus patrum*, isto é, o lugar dos mortos que não são salvos pela graça, mas que não podem ser classificados como pagãos ou pecadores. Ficaria, na cosmovisão católica, entre o inferno e o purgatório, sem tormentos, o que pode se denominar de “seio de Abraão”. No Catecismo da Igreja Católica (Art. 633), o tema é tido como a afirmação da realidade da morte de Jesus. Dessa forma, Jesus libertou os justos que o tinham precedido. Por sua vez, no Compêndio de Bento XVI, faz a diferenciação entre o inferno (lugar de condenação) e infernos (lugar da pregação aos mortos).

A tradição anglicana foi em seus primórdios semelhante à noção católica, com algumas distinções: a alma de Cristo desceu ao inferno para conquistar a morte e o demônio e libertar as almas dos justos e bons, destruindo qualquer reivindicação de Satanás sobre os homens. Na teologia luterana, a ida de Cristo ao *Hades* teve o propósito de proclamar sua vitória sobre Satanás. Lutero vê nesse *descensus* de Jesus, humano e divino, a conjunção

do triunfo de Cristo sobre o diabo com a ideia de levar cativo o cativo. A descida aos infernos seria o primeiro estágio da exaltação de Cristo (CAMPOS, 1999, p. 94).

Na tradição reformada há uma pluralidade mais complexa. Há três correntes: a descida como ato divino (somente Jesus divino desceu ao inferno pelo fato de ser Deus, ou seja, nada de sua natureza humana foi à morada dos mortos); a descida como ato humano (quem desceu ao inferno foi Jesus humano, pois a morte é um ritual humano que somente o homem deve passar); a descida como um ato do ser divino e dos seres celestiais e humanos (uma junção das definições anteriores). Para Calvino, a descida ao *Hades* foi a experiência das dores do inferno na alma de Jesus, enquanto seu corpo ainda estava na cruz, simbolizado pelo abandono.

Tanto a Primeira Carta de Pedro como o desenvolvimento da doutrina da descida de Jesus à mansão dos mortos procuram oferecer respostas a uma comunidade que busca manter viva a esperança diante perseguição e sofrimentos. Apesar de ser um artigo de fé que, num primeiro momento, pode causar susto, a descida de Cristo aos infernos, como comumente é entendida, seria um ato de justiça e misericórdia para com tantos que não tiveram a oportunidade de ouvirem e aceitarem a verdade do Reino revelada por Jesus, ponto culminante da Revelação.

Mesmo insistindo nas alusões contidas no texto da Primeira Carta de Pedro, não se pode desconsiderar a realidade do julgamento de Deus. Desta forma, Pedro vê nas provações da comunidade o primeiro ato do julgamento (4,17) que vê atingir vivos e mortos (4,5). Em outras palavras, A Primeira Carta de Pedro busca renovar a esperança de que, apesar de todas as adversidades, a graça e a salvação são infalíveis e universais, assim como o projeto do Reino.

Há muitos que, ao repetir o Credo, encontram que a frase “desceu aos infernos” carece de sentido e é muito confusa. Por

isso, tacitamente, decidiram desprezá-la e esquecê-la. Em todo caso, pode se tratar, antes, de um alimento espiritual e nem tanto de algo que possa ser incluído na fórmula de um credo. Mas há nisso três grandes verdades: que Jesus Cristo não só provou a morte, mas também apurou até o fim a pena da morte; que o triunfo de Cristo é universal; que não há lugar do universo que a graça de Deus não tenha alcançado.

Comunidade da esperança:  
*parousia*, hospitalidade e confiança  
em Deus em meio ao sofrimento  
(1Pd 4,7-19)

*Cristiano Ritzmann*<sup>1</sup>

*José Carlos Krause Ferreira*<sup>2</sup>

### **Introdução**

O texto em estudo tem como temas centrais a *parousia*, a hospitalidade e os sofrimentos. Este último não em termos genéricos, mas específicos: está em pauta o sofrimento assumido pelo nome de Cristo (v. 14), respectivamente por causa da prática do bem e da justiça (v. 15). É um assunto que perpassa 1Pd do início ao fim, constituindo uma de suas peculiaridades e deixando entrever algo da situação das comunidades a que a Carta se dirige.

O autor, escrevendo sob a autoridade e em nome do apóstolo Pedro, que, por razões diversas, dificilmente será o redator direto da Carta, procura fortalecer as comunidades e trazer-lhes consolo em meio às aflições. Amplas partes da Carta, redigida em Roma (5,13 – Babilônia é pseudônimo da capital romana), têm caráter parenético, ou seja, de pregação.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia e Bíblia, com ênfase no Antigo Testamento pela Faculdade EST. Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

É digno de nota que a pregação se empenha em que seja evitado o êxodo cristão das instituições sociais. A comunidade cristã é chamada a viver a fé inserida no mundo (5,9), não à parte dele. Isto, porém, acarreta sofrimento e cruz. Por estas razões, Goppelt (1982, p. 437) conclui acertadamente que a teologia do sofrimento de 1Pd refere-se expressamente ao sofrimento que tem por modelo Daniel e não Jó.

## 1. Texto

### *a. Parousia*

O texto inicia com o anúncio do fim de todas as coisas, e o autor afirma que isto está próximo. Em grego está grafado *telos*, ou seja, fim no sentido de meta. Não raras vezes se leem estes textos já pensando no fim no sentido de acabar, terminar; o fim aqui é mais profundo, é no sentido de meta, de cumprimento. Quando se fala em fim do mundo, é importante conceber o fim neste sentido de atingir a meta. Uma boa expressão é consumação dos tempos.

Esta afirmação tem ligação com 1Pd 4,5, onde se fala da prestação de contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos. Mas esta ligação não deve ser superestimada. O que importa é a relação com o que se segue. É certo que, em muitas passagens, a Carta se refere ao juízo quando fala na expectativa do *eschaton* (1,17; 4,5; 4,17-19), todavia, aqui está em evidência o caráter passageiro deste mundo. Para todas as causas (*panta*), isto é, para tudo que perfaz este mundo que desafia os cristãos, mas que também lhes traz tanta tribulação, é chegado o fim (*ëngiken*). Aí se evidencia que a Carta, mesmo pertencendo à segunda geração de cristãos, mantém a expectativa pela proximidade do fim. Aliás, tal expectativa é mantida (e não somente em sentido apocalíptico) através de toda a história da Igreja.

Conforme Reinhard Feldmeier,

A referência explícita ao fim próximo mostra que 1Pd, basicamente, ainda conta com a esperança num fim do mundo

próximo, mesmo que – desde a locação teológica dos cristãos como ‘estrangeiros’ na sociedade até o pedido de submissão e integração nas estruturas vigentes – seu interesse precípua reside na organização do ‘tempo restante na carne’ (4,2), ou seja, do ‘tempo entre os tempos’ (FELDMEIER, 2009, p. 190).

Para os cristãos, consumação é a vida plena em Cristo, isto é, viver com Ele nessa dimensão da vida, e após a morte contemplá-lo na outra dimensão que se coroará com a *parousia*, ou seja, a segunda vinda de Cristo. O autor de 1Pd está escrevendo em uma época em que ressaltam dois elementos: os cristãos eram preparados para o martírio; morriam muitos cristãos defendendo a fé e também uma concepção da vinda eminente de Cristo. Além do mais, eram pessoas muito pobres, sem prestígios, e o autor quer mostrar a importância dessas pessoas para Deus, ou seja, dentro do cristianismo elas se sentem muito valorizadas.

Isso tudo significa que, diante da exortação escatológica sobre o fim dos tempos, as pessoas não devem se deixar enganar quanto à natureza provisória daquilo que se encontra diante de seus olhos, mas devem esperar no Senhor.

Toda a vida da comunidade está caracterizada por este esperar. O objetivo último de toda atividade cristã é a glorificação de Deus. Não que a glória lhe tenha que ser dada. Ele já a possui. Por isso, o indicativo! Mas, na *doxologia*, sua glória e seu domínio são reconhecidos e louvados.

Essa espera pela *parousia*, ou fim dos tempos, ou ainda a segunda vinda de Cristo se assim for preferido, deve estar alinhada à exortação que segue na segunda parte do v. 7, ou seja, a exortação à sobriedade, uma das características de exortações do cristianismo primitivo, bem como a exigência da vigilância.

Sobre essa parênese escatológica, ou exortação escatológica, Feldmeier afirma que

Ela sublinha mais uma vez a necessidade de não se deixar enganar ou seduzir pelo que existe, mas de orientar-se na sabedoria vindoura de Deus. Ambas as coisas realizam-se por inter-

médio das orações, o contínuo alinhamento daqueles que aguardam e esperam pelo seu Deus (cf. Tg 5,7ss.) (FELDMEIER, 2009, p. 190).

Conforme antiga tradição grega, é *sôphrôn*, sensato, aquele que percebe a medida que está colocada, tanto para ele próprio quanto para o seu mundo, e a observa. Esse uso linguístico entrou para a pregação cristã. É sensato quem vê a medida no sentido da expectativa pela proximidade do fim. Sob o aspecto da esperança, torna-se sóbrio para a oração. Em vista da proximidade do Senhor, vê as coisas em seu devido lugar e não se afoga num mar de agitações entusiásticas. A atitude condizente com a esperança cristã é, em 1Ts 5,1-10, a vigilância.

Daí o convite a serem pessoas sóbrias; “a palavra conota a cabeça fria ou mente equilibrada que exerce autocontrole ou moderação” (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 566). Estas pessoas se afastarão das propostas do mundo e estarão dedicadas à oração, substantivo que vem do verbo grego *proseuchomai*, pedir, suplicar, consagrar, votar, etc.

No Novo Testamento o termo *proseuchomai* ocorre 85 vezes [...] Como no AT, portanto, a oração é uma coisa bem pessoal e específica, uma conversão genuína com Deus ou Jesus Cristo. Visto, pois, que o crente neotestamentário conhece Deus como seu Pai (COENEN; BROWN, 1989, p. 329).

A oração, portanto, desempenhava papel fundamental no cotidiano dos primeiros cristãos, uma vez que precisavam estar o tempo todo animados por Deus, pois ser cristão naquele contexto era muito exigente. E a oração dá sabor à vida, propicia o entendimento de que vale a pena sofrer por Jesus Cristo, que era o caso dos primeiros cristãos e das pessoas envolvidas com o social hoje.

O plural “orações” lembra os múltiplos atos de orar: petições, intercessão, agradecimento e adoração partiam do indivíduo como também do grupo e se guiavam pelo Pai Nosso. A oração era um sinal da existência escatológica da comunidade. Porque a experiência profunda que a comunidade tem de Deus lhe

garante uma vida pautada no amor. E o amor, do grego – *ágape*, “cobre uma multidão de pecados” (4,8), visto que, amando de verdade, imita-se o mestre Jesus Cristo, que viveu o amor em plenitude. E é justamente este termo, amor que nos faz sermos discípulos de Jesus Cristo. Porque ser discípulo é fazer o que o mestre faz. Amando, com o amor incondicional, a pessoa se faz discípula de Jesus.

Como afirma Rossi,

Amor não é pagamento nem uma retribuição indenizatória. Se fosse assim, deveríamos esperar que Deus pedisse que, em troca do seu amor, nós apenas devolvêssemos o amor a ele. No entanto, o amor, que é fonte geradora de vida, exige doação e multiplicação do próprio amor (ROSSI, 2019, p. 56).

Por isso, o amor cobre uma multidão de pecados. Pecado, do grego *hamartia*, mártir, é testemunho; o “*ha*” aqui tem o sentido de negação; portanto, pecado, *hamartia*, significa: contratestemunho. Contrário ao amor é o pecado. Pecado pessoal, social, etc., embora os cristãos da época não tivessem muita condição de cometer pecado social, pois não tinham poder.

Antes de tudo, ou acima de tudo (*pró pantōn*), indica que o amor aos irmãos tem preponderância sobre todas as outras coisas, exceto as orações. Esta primazia do amor ao próximo remonta à proclamação de Jesus. Ela determinou toda a pregação da cristandade primitiva. No mandamento do amor, a vontade de Deus está resumida de forma simples, radical e compreensível. O amor fraternal há de ser perseverante, isto é, contínuo.

Percorrendo o Novo Testamento, percebe-se que houve mudanças na interpretação desse evento no desenrolar da história dos primeiros cristãos. Segundo um autor espanhol, Rafael Aguirre,

Em Paulo existe um lugar muito significativo. No texto onde mais claramente expressa sua crença em uma Parusia durante a geração atual, na qual faz dessa proximidade uma fonte de conforto e exortação, diz em um dado momento: “[...] Nosso Senhor Jesus, que morreu por nós, para que, na vigília ou

no sono, convivamos com ele' (1Tes 5,10); isto é, Paulo confessa que, no fundo, o momento da Parusia tem um valor muito relativo, se tiver ele e seus leitores vivos ou mortos, porque o decisivo é que Jesus, morreu por nós e isso garante a nossa salvação (AGUIRRE, 1984, p. 12).

Os pregadores anunciavam com muita alegria e entusiasmo o *querigma* (mensagem); com isso, as pessoas se convertiam e mergulhavam de tal modo na dinâmica de Cristo que queriam que ele viesse logo como lhes era ensinado, mas Jesus tardava a chegar e as pessoas entraram em crise. O próprio Jesus havia dito: “Em verdade vos digo que estão aqui presentes alguns que não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus, chegando com poder” (Mc 9,1). A questão da crise por causa do atraso na *parousia* talvez esteja na maneira de compreender o Reino, mas de qualquer forma as crises são reais.

O apóstolo Paulo havia dito: “Quando o Senhor [...] descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós os vivos que estivermos lá” (1Ts 4,16-17). Esta explicação está dentro daquela compreensão de imagem de Jesus vindo nas nuvens, mas como vimos acima em 1Ts 5,10 ele diz: “Na vigília ou no sono vivamos em comunhão com ele”, ou seja, Paulo dá um voo teológico que extrapola a questão de imagens e mergulha mais no mistério do que em explicações mensuráveis de ações da esfera divina. O assunto era tão espinhoso na comunidade dos tessalonicenses que Paulo teve que escrever uma segunda Carta orientando-os a não se ater a conversas não fundamentadas sobre a *parousia*.

Permanecer na espera da *parousia* não é se preocupar nem com a data, quando vai acontecer e nem como vai acontecer, mas seguir uma pessoa, isto é, Jesus Cristo. “Quanto à data e à hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu nem o Filho, somente o Pai” (Mc 13,33). Nem os anjos sabem e nem Jesus o quis contar, porque isso recai na esfera dos segredos de Deus. Conforme 2Pd 3,10, o dia do Senhor virá como um ladrão, quando menos se esperar

acontece; já é uma concepção de *parousia* num sentido mais teológico, sem interesse de precisar o tempo. E em 2Pd 3,8: “Para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos é como um dia”.

Olhando com calma, percebe-se que os sinóticos e outros livros do Novo Testamento não se preocupam em dizer quando vai ser a *parousia*, mas somente “como”, e as vezes usam as imagens para falar do “como”, mas mesmo estas concepções evoluem. Quem fala sobre este “quando” é o Evangelho de João. Para falar de *parousia*, não há como precisar data, tem que falar de consumação dos tempos, que também não se explica; consequentemente, é preciso falar de ressurreição e de vida eterna que, para João, começa com o batismo. Neste sentido, esperar a *parousia* não é se preocupar com a data quando vai acontecer e nem como vai acontecer, mas seguir uma pessoa; isto mesmo, esperar a *parousia* é seguir uma pessoa, Jesus Cristo.

E é isto que o autor está ensinando na perícope em questão; imitar Jesus Cristo vivendo o amor como Ele viveu, isto gera esperança e hospitalidade.

#### *b. Hospitalidade*

Uma profunda manifestação de amor é ser “hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar” (1Pd 4,9). O acolhimento de uma pessoa por outra, sem reclamação, é sinal de amor, de discipulado. Quem vive assim espera a vinda de Cristo com a consciência tranquila. Porque está imitando o mestre, visto que o sonho Dele está sendo realizado: um cuidar do outro, assim como Ele cuida de todos (Jo 10,16). A esperança em Deus é a mola propulsora desse contexto. São pessoas sofridas, mas que têm esperança em Deus. E é Deus quem dá sentido a suas vidas.

Naquele tempo, a hospitalidade era, sem dúvida, um pressuposto técnico para a missão cristã, bem como para a realização dos cultos. Estes eram celebrados em casas particulares. Deve-se pensar também nos cristãos que estavam em fuga por motivo de perse-

guição. Podemos imaginar que a hospitalidade se tenha tornado um ônus. Por isso, a exortação de que ela deva acontecer sem murmuração.

Ao longo de toda a tradição neotestamentária, a hospitalidade constitui uma concretização essencial do mandamento do amor; o próprio Cristo pode ser encontrado no forasteiro (Mt 25,35); nas Cartas pastorais, a hospitalidade é uma comprovação para a qualificação de um bispo (1Tm 3,2; Tt 1,8). A hospitalidade, na antiguidade, é tida em alta conta e, no cristianismo primitivo, desempenhou um papel relevante em seu acolhimento de missionários (FELDMEIERS, 2009, p. 191).

O texto aponta também para o servir com os diversos carismas como sendo a atividade pela qual vive a comunidade cristã. Diaconia (*diakonen*) era termo técnico para todo falar e agir através dos quais o Evangelho era levado adiante. Conforme Mc 10,42-44, Jesus mesmo falou do servir como a atitude correta dos discípulos de uns para com os outros. A participação no Reino de Deus acontece através do servir. A concretização do servir corresponde ao carisma que cada qual recebeu. A multiplicidade de carismas é dada exatamente onde é doada vida eterna. Todo servir é um transbordar da graça que Deus concede.

O ser humano desaparece, e o agir de Deus na comunidade e através dela é ressaltado. Cada um conforme os dons que recebeu se liberta da arrogante corrida do ser humano em busca de afirmação própria. No seio da comunidade não é necessário querer conseguir tudo por meio das próprias forças. Cada qual pode contentar-se com o que lhe foi doado. Um não é mais que o outro. Todos se encontram na mesma situação de administradores de dons que não lhes pertencem, mas que receberam para servir.

A dinâmica acontece, quando todos colocam os dons que receberam de Deus a serviço da comunidade, visto que todos têm carismas. Quem fala, para a comunidade, orienta, conduz: “Faça-o como se pronunciasse a palavra de Deus” (1Pd 4,11), isto é, falar

com tanta responsabilidade, alegria e abertura ao espírito que contagiava quem ouve. Aquele que presta serviço, tanto litúrgico como de outro gênero, faça-o de tal modo que a sua ação expresse a glória de Jesus Cristo, agindo como ele agiu no desempenho de sua missão que recebeu do Pai, para salvar a humanidade. Assim deve agir o povo que espera a *parousia*.

A hospitalidade pode ser resumida na proclamação e na diaconia. Aqui são ressaltadas duas funções que são essenciais para a comunidade. A palavra e o servir. Ambos se originam no estar curado diante de Deus. Todo falar, porém, somente faz sentido se as palavras se tornam palavras de Deus. O falar dos cristãos não se torna palavra de Deus simplesmente quando são repetidas certas formulações. O Novo Testamento todo mostra como a palavra de Deus foi relida em cada nova situação.

O falar torna-se palavra de Deus somente se o Evangelho for formulado sempre de maneira nova. À semelhança de Rm 12,3-8, temos aí uma exortação àqueles que falam tanto em particular quanto publicamente. Quem passa adiante o Evangelho, deve ter o cuidado de não o fazer a partir de si mesmo, mas a partir de Deus. Essa exortação inclui, por outro lado, a confortadora promessa de que o falar humano torna-se Palavra de Deus se for norteadado pelo Evangelho que quer atingir as pessoas em sua situação concreta.

Porquanto Deus não proveu seus servidores com escassa força, também o serviço não poderá ser pequeno, mas irá refletir a abundância da dádiva divina.

### *c. Confiança em Deus em meio ao sofrimento*

Os membros das comunidades a quem Pedro envia sua Carta são convidados a se comportar de maneira amorosa e resistente diante das provações. Em vista das alegrias esperadas na *parousia*, devem suportar os sofrimentos sem titubear. Aos fiéis isto é possível se configurando a Cristo que sofreu tanta prova-

ção, e não desanimou mesmo diante da morte. “Bem-aventurados sois, se sofreis injúrias por causa do nome de Cristo” (1Pd 4,14). Bem-aventurados, *makariói* em grego, é uma felicidade plena, verdadeira, recebida de Deus, que nada poderá tirar, nem mesmo a morte. Os membros da comunidade devem viver corretamente, evitar qualquer tipo de erro que fira a ética, porque viver uma vida reta é, ao mesmo tempo, agradável ao Senhor e respeitada entre os homens, mesmo que estes não suportem a atitude profética; morrer, neste caso, é honroso.

O cristão que sofre defendendo a fé glorifica a Deus com sua atitude. Daí a recomendação do autor para os membros da comunidade não cometerem erros e não se desesperarem se forem tratados como errados por estar defendendo a fé.

O autor diz: “É tempo de começar o julgamento pela casa de Deus” (1Pd 4,17); o termo usado é *kairós*, tempo que se usa para tratar dos mistérios de Deus, diferente do tempo cronológico.

E salienta que a questão é muito exigente, mas é possível. Assim, aqueles que querem que seu Deus seja glorificado sofrem com paciência, “se dedicam à prática do bem” (1Pd 4,19) e procuram com seus gestos, mesmo que custe a vida, exaltar o Criador. “Assim, aqueles que sofrem segunda a vontade de Deus confiam suas almas ao fiel Criador” (1Pd 4,19). Alma, vem do grego *psychê*; em alguns textos bíblicos o termo aparece como sinônimo de vida. Vejamos alguns: 1Pd 1,9 – por serem batizados: “Alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas”; já 1Pd 1,22, no contexto da regeneração pela Palavra que propicia a vivência no amor: “pela obediência à verdade purificastes as vossas almas”; e em 1Pd 2,11: “Amados, exorto-os como a estrangeiros e viajantes neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis, que promovem guerra contra a alma”.

Nesse sentido, a alma aqui está ligada ao ser no sentido de ter capacidade de decidir, pelo bem ou pelo mal, à semelhança do

Apóstolo Paulo quando ele faz aquela distinção entre os desejos da carne e os desejos da alma, só que o Apóstolo Paulo usa o termo “espírito e carne” que aqui tem o mesmo sentido. Importa não fazer dualismo entre corpo e alma. Em 1Pd 2,25, “Pois estáveis desgarrados como ovelhas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda de vossas almas”. E aqui, na perícope em questão, no contexto da *parousia*, ou seja, na preparação para a segunda vinda do Senhor, conforme alguns autores não pode ser visto de uma maneira puramente imaginável, o Cristo vindo nas nuvens, mas como um convite para mergulhar nos mistérios de Deus. O nosso tema já diz: “espera da *parousia*”, ou traduzindo em miúdo: “segunda vinda de Jesus Cristo ou consumação”.

### Considerações finais

O contexto brasileiro é diferente daquele da Ásia Menor no primeiro século. Entre nós, o cristianismo goza de certa aceitação. Somos um país cristão. É o que se ouve. Ainda assim, jamais houve no Brasil tantos mártires em nome de Cristo como neste século e nos últimos decênios. O testemunho cristão e a prática da justiça continuam a provocar conflitos e acarretam sofrimento.

Isto nem sempre está em evidência e há que se tomar cuidados: autenticidade cristã provoca sofrimento, mas sofrimento como tal não comprova necessariamente autenticidade. Não há nenhum motivo para buscar o sofrimento, como se por ele pudéssemos nos justificar. A fé cristã não é masoquista. Teme o sofrimento qual queimada devastadora (v. 12). A preferência pelo papel de vítima é tentação a ser evitada.

A despeito disso, a fé é capaz de assumir sofrimento. São várias as razões. Uma consiste na convicção de Deus ser maior do que o mal. Há de conceder forças para superar (v. 19). Aliás, de certa forma, o sofrimento é natural. Tem algo a ver com o nosso pecado. É juízo (v. 17). Sofremos em razão de nossas próprias besteiras e maldades. É um alerta oportuno. Sempre sofremos na qua-

lidade de pecadores, jamais na de justos, cabendo-nos, por isso, a humildade. Ainda assim, recomenda-se cuidado no manejo deste aspecto. Pois não compete a nós o julgamento. Somente Deus vai revelar o quanto nosso sofrimento tem sido merecido. Enquanto isso, é verdade também que muito sofrimento não tem a sua raiz em culpa própria, mas sim nos crimes do mundo, da sociedade, de pessoas alheias.

Para tanto, é fundamental o recurso a Jesus Cristo, que não buscou o sofrimento, mas dele também não fugiu. A causa de sua cruz foi o incondicional amor a Deus e às suas criaturas. Jesus amou a verdade e a vida. Quem ama assim se dispõe a sofrer. Atrai sobre si a fúria do pecado e se expõe ao ataque de quem se vê ferido em seus interesses egoístas. E todos sobre os quais repousa este mesmo Espírito vão fazer experiência igual (v. 14). Tornar-se-ão coparticipantes dos sofrimentos de Jesus. Da mesma forma, porém, vão experimentar a alegria, já agora e no futuro, quando Deus há de revelar a sua glória, e o mal estiver vencido.

Existência cristã, pois, contém um elemento escandaloso. Caracteriza-se pela inconformidade com o mal e pelo compromisso com os direitos de Deus. Defende o bem, insiste na justiça, coloca-se ao lado dos roubados por ganância e prepotência. O escândalo cristão, como podemos chamá-lo, é manifestado legitimamente por ambos, o discurso e a prática alternativa, devendo-se cuidar da coerência.

Faz parte da estratégia do mal qualificar o escândalo cristão como atentado à sociedade. Cristãos perseguidos costumam ser enquadrados na categoria de criminosos comuns. Tanto mais importante é que os próprios cristãos tenham clara consciência da diferença (vv. 15-16). Importa-lhes o permanente exame de sua atuação, a fim de que a boa intenção não redunde em ação injusta e condenável. Da mesma forma, porém, importa examinar se o sal da fé não se tornou insípido (Mt 5,13). Somos ainda o que devemos ser como discípulos de Jesus?

Quanto maior o mal, tanto maiores serão os sofrimentos de Cristo. São provocados pela fé, que se recusa a adorar os ídolos da época e confia em Deus somente, pelo amor que atenta às vítimas de assaltos de toda espécie, pela esperança que resiste às seduções e se apega à promessa divina. Desse tipo de escândalo o mundo tem necessidade para sua sobrevivência e salvação. É um escândalo que não destrói, mas tem a paz e o bem-estar por fruto. Por isso, o sofrimento decorrente de tal postura recebe a bem-aventurança (v. 14).

# Apascentai o rebanho de Deus (1Pd 5,1-14)

*Érica Daiane Mauri<sup>1</sup>*

## **Introdução**

A Primeira Carta de Pedro chega ao seu último capítulo mantendo-se fiel à teologia que apresentou e desenvolveu. É uma carta de esperança, para fortalecer a fé da comunidade. O empenho em orientar e consolar os cristãos está presente no capítulo 5; entretanto, não encontraremos aqui apenas uma síntese e conclusão do escrito apostólico. Pedro apresenta em poucas linhas um riquíssimo compêndio sobre a vivência cristã intracomunitária.

Se a comunidade cristã é a chave deste último capítulo, Pedro empenha-se em orientar seus líderes e seus “jovens”. Pedro exorta os líderes a “apascentar o rebanho de Deus” (1Pd 5,2) tendo Cristo – Supremo Pastor – como fonte e modelo deste pastorear e conclama a todos os membros da comunidade a se “revestirem de humildade” (1Pd 5,5) nas relações com os irmãos e as irmãs e diante do próprio Deus.

Repletos de fé e firmes em suas práticas fraternas, Pedro exorta a todos à plena confiança em Deus, como Pai e protetor que cuida de todas as aflições humanas e proporciona a restaura-

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutoranda em Teologia Bíblica no Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001.

ção e a força necessárias a cada um de seus filhos. Diante de grandes tribulações, sofrimentos e tendo a vida sempre em eminente perigo é a união fraterna em Cristo e a humilde confiança em Deus que garante a alegria e a esperança de que o sofrimento é por pouco tempo, mas a glória é eterna (1Pd 5,10).

### 1. Características gerais de 1Pd 5

O capítulo 5 mantém uma unidade literária e teológica com o restante da carta. Pedro apresenta elementos novos ao dirigir suas exortações, primeiramente, aos líderes da comunidade e, em seguida, a todos os cristãos.

Este capítulo está localizado na segunda parte da carta: após o código de conduta dos deveres sociais e domésticos dos cristãos (2,11-3,12); as exortações para suportar o sofrimento e a perseguição a exemplo de Cristo (3,13-4,6); a parusia como estímulo para a vida fraterna e a alegria que deve brotar do sofrimento vivido em fidelidade a Cristo (4,7-19). A temática que perpassa o bloco de textos de 1Pd 2,11-5,11 corresponde a orientações pastorais quanto a questões concretas relacionadas à vivência da vocação cristã em meio à hostilidade da sociedade não convertida ao cristianismo – judeus e pagãos. Pedro apresenta suas exortações aos cristãos para que “colaborem responsabilmente nas instituições da sociedade, a fazerem sempre o bem, enfrentando a hostilidade pagã, segundo o exemplo de Cristo (2,11-4,19), e insiste na vida exemplar dentro da própria comunidade cristã (5,1-11)” (KONINGS *et al.*, 2019, p. 39).

Feldmeier (2009) destaca que o tema central do capítulo 5 se refere às questões de autoridade intracomunitária, na relação entre os líderes (*presbyteros*) e os demais membros. O autor evidencia a solicitação que Pedro apresenta aos membros mais jovens (*neóteros*), para se sujeitarem aos presbíteros/anciãos (*presbyteros*). Feldmeier (2009) também alerta para um possível equívoco que pode ocorrer na leitura e interpretação do texto de 1Pd

5,1-11, considerando que a repetição da palavra “sujeitar-se” (*ypotagite*) – central para a parênese presente em 2,13-3,7 – poderia induzir a uma interpretação reduzida do capítulo 5, considerando-o meramente como uma continuação intracomunitária das orientações sobre obediência e submissão já apresentadas na carta, como se fosse apenas mais um exemplo da ética repressiva presente na Primeira carta de Pedro. Essa redução de sentido certamente “violenta” o texto do capítulo 5 e, conseqüentemente, compromete toda a interpretação da 1 Pedro (FELDMEIER, 2009, p. 201).

## 2. Pedro orienta a vida em comunidade

Para realizarmos algumas reflexões sobre o texto presente no capítulo 5 seguiremos a divisão dos versículos adotada pela Bíblia de Jerusalém (2004), sendo: 5,1-4; 5,5-11 e 5,12-14. Essa divisão é seguida também por Konings *et al.* (2019). Entretanto, com exceção do último conjunto de versículos (12-14) que claramente correspondem à conclusão e saudação final da carta, temos divergências entre os autores ao dividirem os versículos antecedentes. Neyrey (1999) e Feldmeier (2009) consideram o versículo 5 pertencente ao primeiro bloco temático e Brox (1994) insere na primeira parte também os versículos 6 e 7.

### a. Um modelo de liderança – 1Pd 5,1-4

1 *Aos anciãos que estão entre vós, exorto eu, que sou ancião como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há de ser revelada.*

2 *Apascentais o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção,*

3 *nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho.*

4 *Assim, quando aparecer o supremo pastor, receberéis a coroa imarcescível da glória.*

É importante perceber que as orientações do apóstolo Pedro ganham novos destinatários nessa pericope. Se anteriormente em sua carta os destinatários eram todos os cristãos da comunidade – “os estrangeiros” – agora Pedro orienta sua fala diretamente aos anciãos. A palavra grega *presbyteros* que é traduzida por “presbíteros” ou “anciãos” refere-se aos líderes da comunidade (At 11,30; 14,23; 15,2.4.6.22; 16,4; 20,17; 21,18); estes eram escolhidos e nomeados pelos apóstolos (At 14,23), tinham a função de oferecer cuidados espirituais, de ensinar a Palavra e manter a fé, advertindo o povo com relação às falsas doutrinas que surgiam, além de manter a harmonia na comunidade (At 20,28-31). É interessante notar que a palavra *presbyteros*, no grego, aparece sem o artigo definido para “ênfatizar a função desse ofício” (KISTEMAKER, 2006, p. 254). Nesta reflexão que apresentamos, compreendemos o termo presbítero/ancião como sendo os líderes da comunidade, e não apenas aqueles que possuem o sacramento da ordem, como é designado hoje em nossas comunidades.

Reaparece no início do versículo 1 o termo *parakal* (“exortor”), como em 1Pd 2,11. No texto de 2,11, a exortação de Pedro tem como tema a orientação das ações dos cristãos ante seus superiores não cristãos – reis, soberanos, governadores, senhores, maridos (cf. 2,11-3,7). Além disso, os destinatários dessa primeira exortação eram os subordinados e não os superiores, com exceção apenas em 3,7, onde se encontra uma orientação também aos maridos para que sejam cordiais com suas esposas. Tais atitudes, entretanto, foram sempre bem fundamentadas teologicamente pelo autor da carta, de modo que a subordinação aos superiores se dava “por causa do Senhor” (2,13). Agora, ao abordar as relações intracomunitárias, Pedro não dirige sua exortação aos membros comuns da comunidade, mas aos líderes, que são primeiramente chamados ao bom exemplo e à boa conduta cristã.

A exortação feita aos líderes (anciãos) não parece ter um tom de exigência, mas ser uma orientação pastoral feita por quem

compartilha o mesmo ofício e certamente conhece os desafios e esperanças próprias da função. Pedro coloca-se como *sympresbyteros* (mais bem traduzido por “copresbítero”) como um igual, um irmão no pastoreio da comunidade. Feldmeier destaca que o termo *sympresbyteros* corresponde provavelmente a um termo criado pelo próprio autor da carta. Ao agregar o termo *-sym* às palavras, Pedro ressalta o sentido de união; tal neologismo aparece também na palavra “coerdeiras” (1Pd 3,7) (FELDMEIER, 2009, p. 202). Neste sentido, Pedro despoja-se de sua autoridade apostólica e coloca-se no mesmo nível de seus destinatários. De modo que “copresbítero” corresponde a um termo inclusivo e em si já abre as portas para a exortação que virá na sequência do texto; ou seja, a autoridade e fundamento da exortação não está no caráter hierárquico do ser apóstolo, mas sim na unidade da *práxis* pastoral que autor e destinatário compartilham.

Pedro reivindica para si também a característica de ser testemunha do sofrimento de Cristo. Certamente o termo *mártys* (“testemunha”) não se refere à testemunha ocular da Paixão, pois os relatos evangélicos são unânimes em narrar o seu abandono do discipulado durante a prisão, condenação e morte de Jesus. O termo refere-se provavelmente a “um testemunho de ação daquele que ‘tem comunhão com os sofrimentos de Cristo’ (4,13)” (FELDMEIER, 2009, p. 203).

Após apresentar os destinatários de sua exortação e munir-se de uma autoridade provinda da *práxis* pastoral, Pedro apresenta o conteúdo de sua exortação a partir do versículo 2. Sua súplica é para que os líderes apascentem “o rebanho de Deus” (5,2). A metáfora eclesiológica composta pela imagem do pastoreio da comunidade é muito antiga e tradicional nos textos bíblicos. No Antigo Testamento, podemos citar os textos de Jr 23,1-6; Ez 34,1-31; Zc 11,15-17; Sl 79 (78), 13; no Novo Testamento, a expressão mais evidente é o diálogo de Jesus ressuscitado com Pedro em Jo 21,15-17; mas também temos referências em Mt 18,12-14 //

Lc 15,3-7; At 20,28. É importante notar que, na linguagem do Antigo Testamento, a imagem de “rebanho” pertence ao imaginário do povo de Deus, e Pedro a utiliza tranquilamente, pois já incluiu todos os seus destinatários nessa categoria: “vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus” (1Pd 2,10a).

A carta prossegue agora descrevendo por meio de três antíteses o modo dos líderes conduzirem e se relacionarem com a comunidade de fé, ou seja, o modo como devem pastorear/apascentar o rebanho de Deus:

a) *Primeira antítese: “não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer” (5,2b)*

Essa primeira antítese expressa que os líderes da comunidade devem cuidar do rebanho – comunidade – não por coação, de maneira forçada, ou apenas cumprindo meramente uma obrigação que lhes foi confiada, mas que o façam por “livre vontade”. A liberdade da realização das práticas cristãs já fora apresentada por Pedro no capítulo 2 de sua carta; ao exortar os cristãos a se sujeitarem a toda instituição humana, Pedro suplica para que o façam “como homens livres, não usando a liberdade como cobertura para o mal, mas como servos de Deus” (1Pd 2,16). De igual modo, a liberdade é posta como a base para a ação também dos líderes da comunidade, pois estes devem agir “como servos de Deus”. Essa intenção do autor da carta fica evidente ao remeter a ação de pastoreio realizada por liberdade ao que “Deus quer” (5,2b). Assim, Pedro que já havia indicado nesse versículo que o rebanho não era propriedade particular do presbítero, ou seja, a comunidade pertence a Deus, agora apresenta que o modo como devem conduzir a comunidade que lhes foi confiada não é uma indicação ou imposição dos apóstolos e lideranças superiores, mas consiste no próprio querer de Deus. Nesse sentido, “o pedido para que se assumam uma tarefa de liderança nesse rebanho recebe dessa forma, pela dupla alusão a Deus, uma ênfase adicional” (FELDMEIERS, 2009, p. 204).

b) *Segunda antítese: “nem por torpe ganância, mas por devoção” (5,2c)*

A segunda antítese coloca em questão o perigo para se exercer o ofício de presbítero apenas por motivo dos benefícios materiais e certas vantagens ou privilégios na comunidade. A prática da retribuição financeira aos líderes da comunidade era comum desde o início do cristianismo. Paulo, em seus escritos, expressa essa prática, como vemos em 1Cor 9,14, e também encontramos orientação semelhante em Mt 10,10. O profeta Ezequiel já alertava para o perigo dos “pastores de si mesmos” (Ez 34,1-8), ou seja, dos líderes que usufruem dos benefícios de sua função sem cumprir com suas responsabilidades de apascentar, cuidar e conduzir o rebanho/comunidade: “Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com o leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho!” (Ez 34,2b-3). A exortação de Pedro não questiona a necessidade da contribuição financeira aos presbíteros, mas orienta para o cuidado com o perigo que isso pode representar para o bom êxito do ofício; exorta-os para que não haja corrupção ou desvio de interesse quanto ao exercício da liderança. A carta de Pedro “contrasta a ‘sórdida ganância’ antiteticamente com o pedido de que a motivação para a aceitação de tal ofício deveria originar-se a partir do interior das pessoas” (FELDMEIER, 2009, p. 205).

c) *Terceira antítese: “nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho” (5,3)*

No versículo 3, encontramos a terceira antítese referindo-se ao mesmo tema sobre os perigos do uso indevido do ofício de liderança, agora não com relação ao dinheiro, mas ao perigo do uso do poder. O termo *katakyrievontes* – “dominando” – que encontramos como palavra-chave nesse versículo, aparece em poucos lugares na Bíblia: apenas em Mc 10,42, e nos paralelos de Mt 21,25 e Lc 22,25, e em At 19,16. No texto do evangelista Marcos, a palavra é empregada no contexto do ensinamento de Jesus so-

bre o modo de governo que os discípulos devem exercer: “Chamando-os Jesus lhes disse: ‘Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10,42-45). Encontramos na carta de Pedro um ressoar desse ensinamento de Jesus. Os líderes da comunidade não devem exercer seu ofício seguindo o modelo dos governantes das nações, mas seu modelo está no próprio Cristo, aquele que veio “para servir”. Pedro inverte, portanto, as relações dentro da comunidade. Se muitos estão se colocando como senhores dominando os membros da comunidade, Pedro os recoloca em sua posição original: a de servidores. Tal como Jesus Cristo sempre ensinou e conduziu a sua comunidade de discípulos por meio do exemplo, tornando-se o modelo do projeto do Reino (Mc 10,42-45; Lc 6,40; Mt 10,24-25; Jo 13,15-16; 15,20), também os líderes são exortados a serem eles mesmos exemplos de seguimento de Cristo para a comunidade que lhes foi confiada.

A boa conduta dos líderes da comunidade não é apresentada como algo banal ou sem importância, que poderia passar despercebido e sem reconhecimento; pelo contrário, ela será recompensada com a “coroa imarcescível da glória” (5,4). O uso da palavra *archipoimenos*, traduzida por “supremo pastor”, consiste em um termo de uso exclusivo de Pedro entre os escritos do Novo Testamento. Entretanto, é preciso ressaltar que essa palavra corre o risco de ser mal interpretada e ressaltar uma imagem desconfigurada de poder. Feldmeier elucida que o termo *archi* (latim: *principium*) não engloba somente o sentido de domínio ou poder, “mas também e até em primeiro lugar o da origem determinante, ou seja, um momento normativo” (FELDMEIER, 2009, p. 206). Nesse sentido, Pedro não apresenta neste texto Cristo como o

“chefe” superior de todos os líderes da comunidade, mas como a origem, o princípio, a fonte de todo pastoreio, de toda a forma de exercer a liderança diante da comunidade. Deste modo, Cristo, “como o ‘bom pastor’ que se sacrifica a si próprio pelas suas ovelhas (2,21-15; Jo 10,11ss.; cf. 21,16; Hb 13,20), é o protótipo, ‘arquétipo’ de todo o ministério pastoral, qualificado como convívio alternativo, ‘de serviço’, com o poder dado em confiança sobre outras pessoas” (FELDMEIERS, 2009, p. 206).

Assim como apresentada por Pedro durante toda a carta, a promessa de que aqueles que se mantiverem fiéis no seguimento de Cristo durante o sofrimento serão glorificados como o próprio Cristo (1,7; 4,13), também essa recompensa é apresentada aos líderes da comunidade. A imagem da “coroa imarcescível da glória” é uma metáfora à coroa ou guirlanda que remonta à honra ao mérito esportivo ou militar, imagem também empregada na literatura paulina (1Cor 9,25). Entretanto, essa correspondência com o contexto militar é superada na medida em que a coroa é caracterizada como “imarcescível”. Enquanto as honras e recompensas dos militares, que usam o poder de modo a dominar e subjugar os povos, são perecíveis, para aqueles que exercem seu poder de líder de uma comunidade como um “estar a serviço” a honra e a recompensa – a “coroa da glória” – são incorruptíveis, eternas.

*b. A humildade como chave das relações intracomunitárias – 1Pd 5,5-11*

*5 Do mesmo modo, vós, jovens, sujeitai-vos aos anciãos. Revestivos todos de humildade em vossas relações mútuas, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes.*

*6 Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte;*

*7 lançai nele toda a vossa preocupação, porque é ele que cuida de vós.*

*8 Sede sóbrios e vigilantes! Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como leão a rugir, procurando a quem devorar.*

*9 Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que a mesma espécie de sofrimento atinge os vossos irmãos espalhados pelo mundo.*

*10 Depois de terdes sofrido um pouco, o Deus de toda a graça, aquele que vos chamou para sua glória eterna em Cristo, vos restaurará, vos firmará, vos fortalecerá e vos tornará inabaláveis.*

*11 A ele seja todo o poder pelos séculos dos séculos! Amém.*

Nos versículos anteriores, Pedro dirigiu suas exortações diretamente aos líderes da comunidade; agora o autor volta suas orientações a todos os membros. Tal como aparece em 1Pd 3,7, as orientações são introduzidas pelo termo *omoíós* (“do mesmo modo”, “semelhantemente”), equiparando a responsabilidade dos distintos grupos e a necessidade de cuidado no agir cristão. Pedro nomeia seus atuais destinatários como os “jovens” (*neóteros*); é um dos poucos lugares nos escritos do Novo Testamento que temos orientações diretas e referência à juventude. Se o autor se refere especificamente a uma faixa etária dos membros da comunidade, é possível que tenha sido incorporada uma “tradição que solicitava a subordinação dos mais moços aos mais idosos” (FELDMEIER, 2009, p. 207). Outra possibilidade é que o termo “jovens” se refira aos neófitos, aqueles que receberam recentemente o sacramento do batismo – independentemente da idade que possuem – e foram incorporados à vida da comunidade. Apesar destas possibilidades, no contexto da primeira carta de Pedro é mais coerente compreender as orientações que seguem não apenas a uma distinta parcela da comunidade, mas sim a todos os seus membros.

A orientação do versículo 5 – “sujeitai-vos aos anciãos” – não remete a uma sujeição servil ou a uma subordinação opressora que violenta a dignidade humana, mas se refere ao bem comum e à harmonia das relações comunitárias. Se a orientação aos líderes da comunidade (1Pd 5,1-4) era em favor do bom uso de sua autoridade e poder, agora Pedro, dirigindo-se aos demais membros da comunidade, expressa que, para a harmonia das re-

lações, é preciso uma humilde sujeição aos ensinamentos e pastoreio exercido na esfera intracomunitária. Nos capítulos 2 e 3, Pedro já havia exortado a comunidade a se sujeitar a toda instituição humana por causa do Senhor (2,13). Do mesmo modo, a sujeição aos líderes da comunidade é em favor da relação fraterna que deve vigorar dentro da comunidade; consiste, portanto, numa “renúncia à opressão no inter-relacionamento pessoal” (FELDMEIER, 2009, p. 211). Tal sujeição só pode ser exigida por Pedro porque ele já estabeleceu que o governo exercido na comunidade é fundamentado no próprio Cristo, o Supremo Pastor.

No versículo 6, encontramos novamente o chamado à humildade (*tapeinotheíte*), ultrapassando as relações interpessoais e alcançando a relação com o próprio Deus. Consiste numa exortação para que todos se coloquem sob a proteção de Deus, submissos à sua vontade e perseverantes na fé até o dia da exaltação – uma possível alusão à parusia. A carta retoma, nos versículos 6 a 11, o tema da aflição dos cristãos e busca fortalecer a esperança e a fé dos leitores. De modo contrário ao poder exercido pelos líderes sociais, a submissão ao poder – “poderosa mão” – de Deus é sinal de vida em plenitude, pois Deus “dá sua graça aos humildes” (v. 5c) e os exalta.

Ao se colocar sob a proteção de Deus, o cristão recebe a graça de ter o peso de suas preocupações e sofrimentos aliviados. Pedro resume com maestria em uma única frase (v. 7) o ensinamento sobre confiar a Deus as preocupações e o seu cuidado para com aqueles que nele confiam (Mt 6,25-35; Fl 4,6; Sl 55,23).

Os versículos 8 e 9 expressam com maior ênfase a situação de aflição dos cristãos, introduzida com uma dupla exortação: “sede sóbrios e vigilantes” (v. 8). Essa exortação aparece outras vezes nos textos bíblicos (Mt 26,41; Lc 12,35-38), e encontramos um paralelo muito próximo em 1Ts 5,6. É preciso estar sóbrio, lúcido, ciente da realidade que se vivencia e atento às relações extra e intracomunitárias, sem pautar a vida cristã em ilusões e

fantasias que turvam a relação com Deus e com os irmãos. Pedro afirma aos seus leitores que a sobriedade e a vigilância são necessárias para manterem suas vidas; caso contrário, serão presa fácil de seus adversários. O diabo é apresentado como “vosso adversário”, uma expressão exclusiva do autor da carta (*hapax legomenon*). Na carta de Pedro, assim como em outros textos bíblicos, o diabo (*diábolos* – “difamador”, “o acusador”) “não explica mitologicamente a origem do mal como uma espécie de antideus negativo, mas ‘personifica’ o mal como um poder incidente sobre o centro da pessoa, que procura destruir a orientação dos crentes em Deus” (FELDMEIER, 2009, p. 216). Entretanto, para resistir a esse adversário é preciso sobriedade e vigilância sendo capazes de “resistir-lhe, firmes na fé” (v. 9). Pedro destaca no versículo 9 que o sofrimento que atinge os destinatários da carta é compartilhado por outros irmãos da fé em comunidades distintas estabelecidas em diferentes localidades do Império Romano – “espalhadas pelo mundo”. A dimensão da fraternidade comunitária alarga suas fronteiras e atinge todas as comunidades cristãs.

No v. 10, ganha destaque a oposição entre sofrimento e graça: se aquele é por pouco tempo esta é eterna. O próprio Deus irá conceder a força e a firmeza àqueles que ele mesmo chamou. A presença de quatro verbos – restaurar, firmar, fortalecer, tornar inabalável – evidencia esse protagonismo divino em favor dos que sofrem. É provável que a última expressão – “tornar inabalável” ou “fundamentará” – faça referência ao “edifício espiritual” (1Pd 2,5) apresentado anteriormente na carta. Assim, a carta termina com a promessa da proteção divina diante do sofrimento; essa mesma promessa aparece no seu início (1Pd 1,5), evidenciando a harmonia e sequência temática deste escrito.

O corpo da carta é finalizado com uma doxologia (v. 11), encerrando o conteúdo com um louvor e reverência a Deus. O louvor final a Deus é essencial para a natureza deste escrito “que, apesar de toda a opressão pressuposta, apresenta-se isento de toda

lamúria e amargor, sendo dominado, antes, por confiança e alegria” (FELDMEIER, 2009, p. 218).

*c. A paz esteja com todos vós – 1Pd 5,12-14*

*12 Por Silvano, que considero irmão fiel, vos escrevi em poucas palavras, exortando-vos e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual deveis permanecer firmes.*

*13 A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, meu filho.*

*14 Saudai-vos uns aos outros com o ósculo da caridade. A paz esteja com todos vós que estais em Cristo.*

Pedro encerra sua carta utilizando uma fórmula comum para a literatura epistolar: últimas orientações e saudação final. No versículo 12, Pedro indica que a carta foi escrita com o auxílio de um “irmão fiel”. Silvano (*Siluanos*), também denominado de Silas, era um membro dirigente da Igreja de Jerusalém que fora enviado juntamente com Judas para acompanhar Paulo e Barnabé a Antioquia, com o propósito de comunicar as liberdades concedidas aos cristãos pagãos pelo Concílio de Jerusalém (At 15,22-35). Silvano foi posteriormente escolhido por Paulo para acompanhá-lo em sua segunda viagem missionária (At 15,36-41), sendo um dos primeiros missionários cristãos a chegar ao continente europeu (At 16,1-10). Acompanhou a prisão e libertação de Paulo em Filipos e esteve envolvido no tumulto de Tessalônica (At 16,11-17,15); o apóstolo faz diversas referências a Silvano em suas cartas (1Ts 1,1; 2Ts 1,1; 2Cor 1,19). Na primeira carta de Pedro, Silvano desempenhou a função de secretário, redigindo o escrito de acordo com a vontade de Pedro. Alguns estudiosos encontram nesse fato a justificativa para a proximidade de temas existentes entre as cartas paulinas e o escrito de Pedro.

A fórmula “vos escrevi em poucas palavras” parece ser uma expressão formal de despedida, que aparece em outros escritos

bíblicos (Hb 13,22; 2Jo 12; 3Jo 13; Jo 21,25), deixando a entender que as exortações e orientações contidas na carta constituem no que é essencial para a boa prática da fé. Com suas orientações e exortações, Pedro desejou “interpretar aos ‘forasteiros’ sua situação de exclusão social e difamação de tal forma que essa não viesse a perturbá-los como expressão do abandono de Deus, mas pudesse, como confirmação da comunhão com Deus, dar inclusive ensejo de alegria” (FELDMIEIER, 2009, p. 219).

A referência à Babilônia, que aparece no versículo 13, permite duas interpretações que não são excludentes entre si: seria um criptograma para o Império Romano ou um símbolo para a presença dos cristãos como estrangeiros. Deste modo, Pedro indica aos seus destinatários da Ásia Menor que os coeleitos em Roma compartilham o mesmo sofrimento e opressão e a condição de serem “estrangeiros na dispersão” (1Pd 1,1). Juntamente com a saudação da comunidade em Roma, Pedro registra a saudação enviada por Marcos.

Marcos (ou João Marcos) é oriundo da comunidade primitiva de Jerusalém (At 12,25), e sua mãe era conhecida de Pedro (At 12,12ss.). Marcos acompanhou Paulo em sua missão (At 12,25; 13,5.13); apesar de um período de separação, encontramos novamente referências a ele nos escritos do apóstolo dos gentios como um de seus colaboradores (Fm 24; Cl 4,10; 2Tm 4,11). Seguindo a tradição que remonta a Papias (120 d.C.), Marcos seria o discípulo e intérprete da teologia de Pedro e autor do Evangelho de Marcos. O termo “meu filho” empregado por Pedro em sua carta, referindo-se a Marcos, expressa uma relação afetiva e uma possível relação de mestre-discípulo (1Cor 4,17; Fm 10; 1Tm 1,2.18; 2Tm 1,2; 2,1; Tt 1,4), corroborando a tradição de que o Evangelho de Marcos se baseia na tradição petrina.

Antes do voto final de paz, Pedro orienta que os membros da comunidade se saúdem mutuamente com o “ósculo da caridade” ou “beijo do amor” (*filii agápis*). A tradição de se cumprimen-

tarem mutuamente com um beijo é compartilhada pelos escritos paulinos (Rm 16,16; 1Cor 16,20; 2Cor 13,12; 1Ts 5,26). Esse gesto manifesta a união dos cristãos na fraternidade. É provável que esta prática tenha origem na tradição do beijo entre parentes, e poderia eventualmente ser sinal de reconciliação (Lc 15,20). O beijo como sinal de comunhão e unidade entre os membros da comunidade parece ser uma expressão genuinamente cristã. E, por fim, a carta encerra com o desejo de paz que pertence a todos aqueles que estão unidos a Cristo.

### **3. Apascentai o rebanho de Deus**

O último capítulo da Primeira Carta de Pedro é um convite à vida comunitária. A comunidade é sinal de unidade a Cristo e aos irmãos, modelo de uma nova ordem social que coloca em xeque a estrutura vigente de poder opressor na qual os cristãos estão socialmente inseridos. É evidente o destaque e relevância da comunidade neste escrito, expresso também pela relação existente entre a comunidade que envia a carta – “a que está em Babilônia” – e a que recebe – “aos estrangeiros da dispersão” –, de modo que ambas compartilham o mesmo sofrimento (5,9) e a mesma eleição (5,13).

A exortação apresentada por Pedro “apascentai o rebanho de Deus” (1Pd 5,2) ganha centralidade neste capítulo quando entendida no âmbito de toda a relação comunitária. Apascentar o rebanho exige ações como: restaurar o vigor da ovelha que está abatida, curar a que está doente, tratar a ferida da que sofreu trauma, reconduzir a desgarrada e buscar a perdida (Ez 34,4). O cuidado é o elemento-chave para a relação da comunidade. Pedro nos apresenta esse elemento nos diversos âmbitos da vivência comunitária: no modo como os líderes devem governar a comunidade (1Pd 5,2); nas mútuas relações revestidas de humildade entre os membros da comunidade (1Pd 5,5), rompendo com a soberba e o egoísmo, sentimentos geradores de conflitos; e por fim,

no próprio modo do agir de Deus, “porque é ele que cuida de vós” (1Pd 5,7).

Somente o cuidado mútuo experimentado nas relações comunitárias é capaz de romper com o sofrimento que atinge a todos os cristãos na sociedade contemporânea a Pedro. O ato de cuidar – “apascentar o rebanho” – torna todas as formas de sofrimento apenas uma dor momentânea, ao passo que eterniza o sentimento de acolhida e proteção, permitindo que aquele que sofre seja restaurado, fortalecido e se torne inabalável (1Pd 5,10). O cuidado que Deus dispensa àqueles que nele confiam e se colocam sob sua proteção, passa impreterivelmente pelas mãos cuidadosas dos irmãos e irmãs que formam conosco uma comunidade de fraternidade em Cristo.

“Apascentai o rebanho de Deus” é uma exortação de Pedro a todos nós – “irmãos espalhados pelo mundo”. Somos chamados para, em todo tempo e lugar, sermos a expressão concreta do cuidado de Deus para com todos os seres humanos e para com todas as suas criaturas, tal “como Deus quer” (1Pd 5,2).

# Aproximações entre a Primeira Carta de Pedro, a Carta a Diogneto e a Didaqué

*Felipe Cosme Damião Sobrinho<sup>1</sup>*  
*Vidal Valentin Cantero Zapattini<sup>2</sup>*

## Introdução

A Primeira Carta de Pedro possui dois escritos que não estão inseridos no cânon do Novo Testamento e que, no entanto, apresentam datas, temas e destinatários muito semelhantes. São a Carta a Diogneto e a Didaqué.

Neste capítulo será apresentada uma análise do conteúdo e elementos doutrinários que aproximam os três textos. Seus autores tinham como objetivos alimentar a esperança dos membros das comunidades cristãs que viviam dispersos no grande império romano e sofriam perseguições e sofrimentos. Através da valorização dos elementos principais da fé cristã, procuravam ressaltar a importância de que a nova condição de quem abraçara a fé era motivo de esperança e perseverança, tendo como modelo o exemplo de Jesus Cristo.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Auxiliar de Ensino na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>2</sup> Graduado em Direito pela Universidad Tecnológica Intercontinental e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Integrante do grupo de pesquisa Teologia e Cultura da PUC-SP.

## 1. Três textos com finalidades muito parecidas

Os escritos da Primeira Carta de Pedro geram muita curiosidade ao serem comparados com os escritos da Carta a Diogneto e com a Didaqué. São textos destinados aos cristãos gentios, àqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo, desejosos de viver tementes a Deus. São escritos que contêm riquezas em instruções morais e doutrinárias judaicas tardias.

Desde a Igreja de Roma (1Pd 1,1; 5,12-13) no ano 64 ou 67 d.C. “acreditava-se que a Carta era de Pedro, mas escrita por Silvano”. Os pesquisadores questionam: poderia um pescador elaborar uma Carta com uma boa fluidez no grego? Por esse motivo considera-se Silvano partícipe na redação da Carta (HALE, 1983). A Carta tem como destinatários os membros da Igreja que viviam em cinco províncias romanas da Ásia Menor (1Pd 1,1), e tem como objetivo animar a caminhada de fé, da comunidade cristã, perante as provações e perseguições por professarem Jesus Cristo como Filho de Deus (1Pd 2,19-23; 3,14-15; 4,13). Pelas recomendações feitas por Pedro aos presbíteros: cuidar dos fiéis e cumprir as obrigações confiadas a eles, revelam-se os tempos difíceis vividos na época. Em sua oração, ele recorda àqueles cristãos que, enquanto o sofrimento deles é temporário, eles foram chamados para a glória eterna (1Pd 5). Nesse sentido, a provação é vista de maneira positiva, isto é, a provação fortalece a fé (BORTOLINI, 2019, p. 99).

A Carta a Diogneto certamente é um escrito dos primeiros tempos do cristianismo. No VIII Congresso Internacional de História, que teve lugar em Maringá, de 09 a 11 de outubro de 2017, entre os pesquisadores foi muito discutida a origem da Carta a Diogneto. Argumentava-se que Diogneto era um nome comum no Império Romano, porém o único Diogneto conhecido pelos pesquisadores do momento foi um pintor do jovem Marco Aurélio por volta de 133 d.C. Então é possível que o destinatário da Carta era um pagão da alta sociedade romana. Possivelmente o

texto foi escrito por Quadrato ao imperador Adriano, antes do ano 70, e redigido por volta de 120 d.C., em Atenas. Um dos objetivos era defender os cristãos perseguidos e assassinados; outra finalidade da apologia do escrito foi defender a Igreja das calúnias e, por fim, argumentar que os cristãos vivem segundo os mandamentos do único e verdadeiro Deus e, assim, influenciar as autoridades que podiam tomar decisões para evitar o martírio dos seguidores de Jesus Cristo. Outro objetivo, é claro, foi o encorajamento dos cristãos (MODESTO; VENTURINI, 2017, p. 2.117).

A Didaqué é um texto de catequeses cristãs, escrito no século I, possivelmente antes da destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70 d.C. Outros estudiosos afirmam ter sido escrito entre os anos 70 e 90 d.C., na Palestina ou na Síria, sendo também um documento de importância pós-apostólica. Retrata os frutos das reuniões dos primeiros grupos cristãos. A doutrina dos doze apóstolos, escrito no século I, é constituída de dezesseis capítulos. Obra pequena, mas de grande importância histórica e teológica, revela para o leitor os temas e preocupações dos responsáveis religiosos. Os temas principais são estes: os dois caminhos, a questão moral, a liturgia, a celebração do batismo e da eucaristia; a oração do Pai Nosso.

A Didaqué conclui em certa consonância com o livro Apocalipse do Novo Testamento. Argumenta e apela aos cristãos para estarem atentos e vigilantes, pois o Senhor voltará a qualquer momento: “Então o mundo assistirá ao Senhor chegando sobre as nuvens do céu” (DIDAQUÉ XVI, 8).

A Primeira Pedro, a Carta a Diogneto e a Didaqué possuem um aspecto em comum: são Cartas pós-apostólicas e têm o intuito de esclarecer, reforçar a mensagem e vida dos cristãos; os textos apresentam uma linguagem de fácil compreensão para leitores e leitoras. São textos que encantam e nos motivam a verificar o desenvolvimento do texto.

Os três escritos transmitem uma teologia semelhante, o ardor da época apostólica; têm como chave de leitura o encorajamento dos seguidores de Jesus Cristo, possuem palavras motivadoras, partindo da realidade, com o intuito de resistir aos males do mundo olhando fixamente para a pátria celeste. A intenção dos autores era animar a perseverança no seguimento do Filho de Deus, suportando as tribulações e tendo Jesus Cristo como modelo de vida (CARTA A DIOGNETO 5; 1Pd 2,21-25; 3,18; 4,1). Isto é, sustentar a fé dos seus destinatários, confortando-os a permanecerem firmes na fé (MIRANDA, 2018, p. 45).

Em comum ainda, os três escritos apresentam ricas doutrinas. Apresentaremos algumas:

No início da Didaqué são apresentados dois caminhos: o caminho da vida opondo-se ao caminho da morte. O caminho da vida consiste em cumprir os mandamentos de Deus, conhecidos como *Halacá*, isto é, “ir – andar” segundo a lei judaica. Uma das exigências desta lei é rezar pelos inimigos, jejuar por aqueles que nos perseguem (DIDAQUÉ 1,3). Tudo isto nos remete à Primeira Carta de Pedro 3,9: “Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizeis, porque para isso fostes chamados”. A Carta a Diogneto (5,15-16) contém a mesma expressão, sugestões que motivam o leitor, seguidor ou que deseja ser seguidor de Jesus Cristo, a não retribuir o mal com o mal: “são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida”. São palavras que encorajam os destinatários das Cartas a suportar firmes a oposição do mundo.

Os três textos são uma evidência, para nossa época, do modo de vida dos primeiros cristãos da Igreja primitiva e da época mais desenvolvida.

A vida de fé exige a fidelidade naquilo que se professa. O grande desafio é se manter firme perante as seduções do mundo, que oferece vários ídolos. Neste sentido, os primeiros cristãos não

ficaram livres da tentação da infidelidade ao Deus de Jesus Cristo. Os três textos encorajam os leitores a se manterem firmes na fé. Pedro procura corrigir este vício da comunidade destinatária da Carta: “Já é muito que no tempo passado tenhais realizado a vontade dos gentios, levando uma vida de dissoluções, de idolatrias abomináveis” (1Pd 4,3). A Didaqué apresenta a idolatria como o caminho da morte, isto é, afastar-se de Deus é a morte. “Este é o caminho da morte, homicídio, adultérios, idolatria, magias, feitiçarias, falsos testemunhos” (DIDAQUÉ 5,1).

O autor da Carta a Diogneto elabora perguntas, uma estratégia interessante, como que provocando o leitor a se posicionar, abraçar a fé e se manter firme nela. “Esses que agora adorais, não poderiam transformar-se, por mão de homens, em utensílios semelhantes aos demais? Não são todas destrutíveis?” (CARTA A DIOGNETO 2,4.6).

As três Cartas também fazem referência ao matrimônio. Os primeiros cristãos tinham suas dificuldades como quaisquer outras pessoas, porém, o que os diferenciava era o jeito de enxergar, interpretar e agir perante os obstáculos da vida.

Os textos apelam à fidelidade e ao respeito da esposa para com seu esposo, e vice-versa. Considera-se o comportamento como meio de evangelização, e valorizam-se as qualidades pessoais internas como as verdadeiras joias e tesouros que adornam a pessoa. A recomendação para a esposa é: “mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos, para que, ainda quando alguns não creiam na Palavra, sejam conquistados sem palavras, pelo comportamento de suas mulheres” (1Pd 3,1). Para o esposo recomenda-se: “sede compreensivos em vossa vida conjugal, tributando às vossas esposas a honra devida a companheiras de constituição mais delicada” (1Pd 3,7). Destaca-se o respeito com a parte frágil da sociedade judaica, as mulheres (DUFRESNE, 1976, p. 41).

A Carta a Diogneto, por sua vez, ao apresentar a vida dos cristãos, como estrangeiros no mundo e se referir ao matrimônio,

alega o seguinte: “casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito” (CARTA A DIOGNETO 5,6-7).

“A fidelidade no matrimônio é o reflexo ou símbolo da fidelidade de Deus, esposo, para com sua esposa, Israel, o povo de Deus” (LURKER, 1993, p. 42-43). Encontramos e precisamos de um verdadeiro compêndio de regras que orientam os diversos aspectos da vida da igreja primitiva. Com certeza, são luzes para compreender um pouco mais essa parte da história da igreja considerada obscura, por não ter muitas informações sobre o modo de viver dos primeiros cristãos.

Outra questão que surge nos três escritos é a realidade dos estrangeiros, entendidos como aqueles que são migrantes, fora de suas terras, diferentes, alheios, considerados inimigos ou em situação de perigo.

No tempo e contexto atual, onde a migração das pessoas revela uma crise social, econômica, cultural e religioso, a Primeira Carta de Pedro, a Carta a Diogneto e a Didaqué tornam-se documentos a serem utilizados na sua totalidade para falar do tema, mas é necessário delimitar o conteúdo a ser abordado.

É bom destacar que todo estrangeiro anseia retornar à sua pátria. A pátria forma parte da pessoa; por isso, ao fazermos menção à pátria, estamos mencionando indiretamente um conjunto de elementos que fazem parte de um todo, isto é, a cultura, a linguagem, a crença, entre outros aspectos. A Carta a Diogneto exorta os cristãos que vivem como estrangeiros, para que esperem retornar um dia à sua pátria definitiva, isto é, ao céu (CARTA A DIOGNETO 5,5.6.8).

A Primeira Carta de Pedro é destinada aos cristãos dispersos como estrangeiros e os anima a não abandonar a fé.

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Vocês foram escolhidos de acordo com a presciência de Deus

Pai e através da santificação do Espírito, para obedecerem a Jesus Cristo e serem purificados pelo seu sangue (1Pd 1,1-2).

Por que foram dispersados os cristãos? Façamos uma pequena resenha do acontecido, tendo como base os Evangelhos sinóticos.

Primeiro, Jesus Cristo anunciou o reino dos Céus (Mt 9,35; Mc 1,14-15), escolheu, chamou e formou o grupo dos doze (Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16).

Segundo evento: o Filho de Deus sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, mas no terceiro dia ressuscitou (Mt 26,36-28,15; Mc 14,32-16,8; Lc 22,39-24,43).

Terceiro fato: o ressuscitado envia os discípulos para anunciar o Reino de Deus, “fazendo com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar os mandamentos” (Mt 28,16-20).

Os cristãos eram considerados um grupo rebelde. Sabe-se que todas as coisas que não se encaixam numa realidade são consideradas estranhas, têm um qualificativo negativo e normalmente são rejeitadas, descartadas, ignoradas. Essa situação não se torna diferente ao se referir a pessoas, podendo até ser pior, pois mexe-se com o emocional e o simbólico. Com emocional estamos nos referindo à personalidade, aparência física, ego; quanto ao simbólico, falamos de pátria, cultura, família, raça (COENEN; BEYREUTHER; BIETENHARD, 2012, p. 545).

Por exemplo, para um judeu a Menorá tem um simbolismo muito importante, remetendo à sua pátria, cultura e fé, razão do cuidado por esse objeto.

O preceito de acender a Menorá era tão grande que Deus proclamou: “A luz da Menorá é mais preciosa para mim que a luz do sol ou da lua! Deus não ordenou que a Menorá fosse acesa por sua causa, pois ele não precisa da luz dos mortais. Pelo contrário, é ele que ilumina o universo inteiro” (GROSS, 2015, p. 402).

Rejeitar o objeto da pessoa também leva a um sentimento de rejeição à pessoa, sua tradição, cultura, povo, pátria, crença. A cultura forma parte da estrutura psicológica da pessoa; portanto, rejeitar elementos culturais é rejeitar a própria pessoa (CABRAL; NICK, 1997, p. 127).

Tudo isso aconteceu com os cristãos. Eles foram perseguidos por viverem o mandamento do amor: “Nisto saberão que são meus discípulos, amai-vos uns aos outros como eu vos amei” diz o Senhor (Jo 13,35). Obedeciam às autoridades, eram justos e tornavam-se exemplos: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, seja ao rei, como soberano, seja aos governadores” (1Pd 2,13; 1Ts 5,12-19; Tg 5,12). Mas foram perseguidos, assassinados; por essa razão, se dispersaram: “Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão. Entretanto, os que haviam sido dispersos iam de lugar em lugar, anunciando a palavra da Boa Nova” (At 8,3-4, cf. 1Pd 1,6-9).

A expressão: “Deus escreve reto por linhas tortas” aplica-se aqui; de uma “perseguição e fuga deu lugar para a expansão do Anúncio da Boa Nova” (TAYLOR, 2010, p. 122).

## **2. Carta a Diogneto e a Didaqué**

Longe da pátria, por motivos de perseguição, os cristãos estavam vivendo como estrangeiros. De fato, a fé é colocada à prova longe de sua cultura, normas e religião. Existem dois caminhos (Sl 1): abandonar a fé ou se manter firmes na aliança com o seu Criador: “À beira dos canais da Babilônia, nos sentamos e choramos com saudades de Sião. Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita!” (Sl 137,1.5).

O autor da Carta dirigida a Diogneto, revela a maneira como viviam os cristãos longe de sua pátria, cultura, tradição e fé. Eles estavam inseridos na vida social onde moravam, porém, eram di-

ferenciados pela vida fraterna, solidária, vivenciando o mandamento do amor deixado por Jesus Cristo:

Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros [...]. Põem a mesa em comum, mas não o leito, obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos (CARTA A DIOGNETO 5,4-5.7-11).

### **3. O diferente gera questionamentos**

Perante a diversidade de religiões, questionar a própria crença ou fraquejar torna-se natural ao ser humano pela dificuldade para conhecer o sobrenatural. Outra atitude é questionar a nova proposta que surge na sociedade, questionar os argumentos, fundamentos na qual se baseia a nova religião. A resposta perante a novidade é argumentar como falso o novo e apresentar como verdadeiro o antigo; isso cria conflito verbal, físico e emocional. A Carta a Diogneto encoraja os cristãos e não incita à violência; muito pelo contrário, permanecem firmes na fé que abraçaram e a mantêm confiantes, porque eles são “alma do mundo, estão no mundo, mas não são do mundo, a doutrina não foi inventada por eles” (CARTA A DIOGNETO 5-6, p. 22-23).

A Primeira Carta de Pedro apresenta Jesus Cristo como a pedra angular, e o povo de Deus como uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo da propriedade de Deus, e todo o povo de Deus está chamado a construir um edifício espiritual (1Pd 4,10).

Os cristãos reúnem-se no primeiro dia da semana em ação de graças e oram sobre o cálice: “Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste

através do teu servo Jesus. A celebração de ação de graças contém ritos como o perdão e a reconciliação com o irmão (DIDAQUÉ IX, 1-5; XIX,1-3).

E praticam o cuidado de uns para com outros, protegendo-se para não apagar as lâmpadas da fé. Quem é chamado de “ancião” é o que deve apascentar o rebanho de Deus (1Pd 5,1-4), “tornando-se imitador de Deus” (CARTA A DIOGNETO 10,6).

Por fim, concluímos valorizando a riqueza dos ritos celebrativos dos primeiros cristãos, a moral e teologia cristã apresentada nos três textos; a brevidade, a semelhança linguística e a estrutura dos textos ajudam a fácil compreensão do leitor. Ainda poderiam ser abordados outros temas contidos nos três escritos como a escravidão, a função dos pastores, a questão econômica, moral e social e a hospitalidade como diferencial dos cristãos.

## Referências

- ACHTEMEIER, Paul J. *1 Peter*. Minneapolis: Fortress Press, 1996.
- ACHTEMEIER, Paul J. *La Prima Lettera di Pietro: Commento Storico esegetico*. Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- AGUIRRE, Rafael. *Reino, parusia e decepção*. Madrid: Colegio Mayor CHAMINA, 1984.
- ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. Estrangeiros e peregrinos, peregrinos e forasteiros em 1 Pedro. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 5, n. 11, set. 2011.
- ANDRADE, Joachim. *Teologia dos Sacramentos*. Curitiba: Intersaberes, 2018.
- BALZ, Horst; SCHRAGE, Wolfgang. *Nuovo Testamento: Le Lettere Cattoliche. Le Lettere di Giacomo, Pietro, Giovanni e Giuda*. Brescia: Paideia Editrice, 1978.
- BARCLAY, William. *Primeira Pedro*. New York: Vida Publishers, 1956.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2017.
- BÍBLIA Sagrada: Edição de Estudos. São Paulo: Ave-Maria, 2011.
- BIGARELLI, Alberto. *Prima Lettera di Pietro: introduzione, traduzione e commento*. Milano: Edizioni San Paolo, 2016.
- BOFF, Clodovis M. *Escatologia: Breve Tratado Teológico Pastoral*. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- BOFF, Lina. *Mariologia: Interpelações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BORTOLINI, José. *Literatura Joanina e escritos pastorais*. São Paulo: Santuário, 2019.
- BRIGHENTI, Agenor. *Em que o Vaticano II mudou a Igreja?* São Paulo: Paulinas, 2016.

- BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos (orgs.). *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2014.
- BROX, Norbert. *La Primera Carta de Pedro*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1994.
- BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAMPOS, Heber Carlos. “*Descendit ad inferna*”: uma análise da expressão “Desceu ao Hades” no cristianismo histórico. *Revista Fidei Reformata*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 90-111, 1999.
- CARTA a Diogneto. *In: PADRES Apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 10-30.
- CARVALHO, Humberto Barroso de; GIRON, Rafael Spagiari. *Creio: Profissão de fé explicada*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CATECISMO da Igreja Católica. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. 6. ed. Salamanca: Sígueme, 2012.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Diccionario Internacional de Teología do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen gentium sobre a Igreja*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 10 maio 2022.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo actual*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 10 maio 2022.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2015.

COTHENET, Edouard. *As Epístolas de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 1986.

COTHENET, Edouard. *Las Cartas de Pedro*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 1984.

DALTON, William Joseph. Primeira Epístola de Pedro. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER Joseph A.; MURPHY, Roland E. (orgs.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011. p. 655-665.

DIDAQUÉ: *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 15. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DUFRESNE, P. *Liturgia da Igreja Doméstica: História, Teologia, Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1976.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FELDMEIER, Reinhard. *A Primeira Carta de Pedro: um comentário exegetico-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2009.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e amor universal*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)>. Acesso em: 10 maio 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GABARRÓN, Joé Cervantes. Primera Carta de San Pedro. In: OPOR-TO, Santiago Guijarro; GARCÍA, Miguel Salvador (orgs.). *Comentario al Nuevo Testamento*. Madrid, 1995. p. 653-661.

GASS, Ildo Bohn (org.). *As comunidades cristãs a partir da 2ª geração*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2016.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres*. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1982. v. 2.

- GROSS, Fernando. *O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagogas*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.
- HALE, Broadus Davi. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.
- HARRISON, Everett F. *Comentário bíblico Moody*. 2. ed. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017.
- HOLMER, Uwe. *Primeira Carta de Pedro*. Comentário Esperança. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2008.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2020.
- JOÃO PAULO II. *A dignidade e a vocação da mulher*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- JOBES, Karen H. *1 Peter*. Michigan: Baker Academic, 2005.
- KELLY, John Norman Davidson. *Epistles of Peter and Jude*. Bristol: A & C Black, 1982.
- KELLY, John Norman. *Primitivos Credos Cristianos*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1980.
- KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: Epístolas de Pedro e Judas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- KLAUS, Joseph. *O Evangelho de Nicodemos* (Apócrifo). [s.l.]: [s.n.], 2020.
- KONINGS, J.; KRULL, W.; MAREANO, M. *Tiago, Pedro, João e Judas: cartas às comunidades*. São Paulo: Loyola, 2019.
- LOPES, Hernandes Dias. *1 Pedro: com os pés no vale e o coração no céu*. São Paulo: Hagnos, 2012.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio Según San Mateo* (Vol. 1). Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- LUZ, Ulrich. *El evangelio según San Mateo II*. Salamanca: Sígueme, 2001.
- MACARTHUR, John. *1 Peter*. Chicago: Moody Publishers, 2004.
- MARCONI, Gilberto. *Prima lettera di Pietro*. Roma: Città Nuova, 2000.

MARTIN, Aldo; BROCCARDO, Carlo; GIROLAMI, Maurizio. *Cartas Deuteropaulinas e Cartas Católicas*. Petrópolis: Vozes, 2020.

MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2015.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Encontros de Maria com o povo de sua terra*. Aparecida: Santuário, 2019.

MICHELINI, G. *Matteo*: Introduzione, traduzione e commento. Milano: Edizione San Paolo, 2013.

MIRANDA, Valtair Afonso. *Atos Apócrifos de Pedro*. São Paulo: Paulus, 2018

MODESTO, Murílio T.; VENTURINI, Renata L. B. Sobre as crenças e as concepções cristãs na carta a Diogneto (séc. II d. C.). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3583.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

MOLINA, Francisco Contreras. *El Señor de la vida*. Lectura cristológica del Apocalipsis. Salamanca: Sígueme, 1991.

MUELLER, Ênio R. *I Pedro*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1988.

NASCIMENTO, Peterson. *Evangelho Segundo Nicodemos*. Vitória: [s.n.], 2020.

NEYREY, Jerome H. 1 Pedro. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário Bíblico III: Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas e Apocalipse*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2013. p. 329-334.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Como ler as Cartas de Pedro: o Evangelho dos sem-teto*. São Paulo: Paulus, 2002.

NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2013.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus*: aproximação histórica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

- PERONDI, I. *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17): O emprego do verbo splangxizomai na perícopos e no Evangelho de Lucas*. 300 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- PROENÇA, Eduardo (org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. v. 1.
- PROENÇA, Eduardo. *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. v. 3.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Tradução: CHOWN, Gordon; PAULA, Júlia T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ROSSI, L. A. Solano (org.). *Primeira Carta de João: Quem ama permanece em Deus*. São Paulo: Paulus, 2019.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Nos passos de Pedro*. São Paulo: Paulus, 2018.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001.
- SANTANA, João Henrique. *A interpretação da Bíblia na práxis missionária dos Capuchinhos no Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: RWR, 2020.
- SCHELKLE, Karl Hermann. *Comentário Teológico del Nuovo Testamento*. Le lettere di Pietro. Le lettere di Giuda. Brescia: Paideia Editrice; Barcelona: Editorial Herder, 1981.
- SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática II*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SELWYN, Edward Gordon. *The First Epistle of St. Peter*. Michigan: Baker Book House Company, 1987.
- SILVA, Roberto Marcelo. *Reflexão Teológica sobre a Descida de Cristo à Mansão dos Mortos*. Origens e desdobramentos de um artigo da fé. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- TAYLOR, Justin. *As Origens do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- VAUX, Roland De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

A Primeira Carta de Pedro foi direcionada aos cristãos que viviam em pequenas comunidades nas regiões da Ásia e hoje ela chega até nós. Estamos em outra realidade, mas as exortações de Pedro continuam válidas, pois nos encorajam a viver e testemunhar a fé em Jesus Cristo. Também fomos chamados, e Jesus Cristo também sofreu por nós e nos deixou o seu exemplo para que sigamos suas pegadas (2,21-22). A mensagem desta Carta é edificante, atravessa os séculos e permanece para sempre!

É uma Carta que se lê com prazer, que anima a vida dos leitores e leitoras e que ajuda a fortalecer a fé. É um texto rico em espiritualidade e que está ligado aos temas mais caros da mensagem transmitida por Jesus Cristo: a salvação, a vivência fraterna como irmãos, o acolhimento e a hospitalidade, a busca da santidade, a vivência da moral cotidiana, a perseverança em meio às provações.

